

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

PORTUGAL, Alpoim Alves

*Orar desde a pequenez*

REIS, Manuel Fernandes

*Teresa de Lisieux.*

*Doutora de oração e contemplação*

SKALA, Benno

*«Eu escolho tudo o que Vós quiserdes».*

*Seja feita a vossa vontade*

SUPERIORES GERAIS O.CARME OCD

*Voltar ao Evangelho.*

*A mensagem de Teresa de Lisieux*



# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

## SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

*Orar desde a pequenez* ..... 83

MANUEL FERNANDES DOS REIS

*Teresa de Lisieux.*

*Doutora de oração e contemplação* ..... 85

BENNO SKALA

*«Eu escolho tudo o que Vós quiserdes».*

*Seja feita a vossa vontade* ..... 133

SUPERIORES GERAIS O.CARM E OCD

*Voltar ao Evangelho.*

*A mensagem de Teresa de Lisieux* ..... 141

---

NÚMERO 18

Abril - Junho 1997

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

---

---

## Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

## Director

P. Alpoim Alves Portugal  
Centro de Espiritualidade  
4630 AVESSADAS

☎ 055.534207 – Fax 534289

## Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal  
P. Jeremias Carlos Vechina  
P. Manuel Fernandes dos Reis  
P. Mário da Glória Vaz  
P. Pedro Lourenço Ferreira

## Redacção e Administração

Edições Carmelo  
Rua de Angola, 6  
2780 PAÇO DE ARCOS

☎ – Fax 01.4433706

Assinatura Anual (1997) .....	2.850\$00
Espanha .....	Ptas 2.700
Estrangeiro .....	USA \$ 35
Número avulso .....	800\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

# ORAR DESDE A PEQUENEZ

ALPOIM ALVES PORTUGAL

«Para mim, a oração é um impulso do coração, é um simples olhar lançado para o Céu, é um grito de gratidão e de amor, tanto no meio da tribulação como no meio da alegria; enfim, é algo de grande, de sobrenatural, que me dilata a alma e me une a Jesus» (Ms C 25rº).

Teresa de Lisieux, a pequena Santa Teresinha do Menino Jesus, carmelita e mestra espiritual, foi a mestra da Infância Espiritual, da vida e oração espiritual dos que se fazem pequeninos pelo Reino dos Céus e vivem do amor e da confiança audaz em Deus nosso Pai comum.

Teresa não teve nem jamais seguiu método algum de oração. É um traço característico que a diferencia das suas Irmãs em santidade e mística: a grande Santa Teresa de Ávila, sua Mãe espiritual, Santa Catarina de Sena, Santa Margarida Maria, Santa Maria Madalena de Pazzi, a beata Isabel da Trindade, e outras. A *História* desta alma, alma mística e contemplativa como a de Teresa, a história da sua alma, escrita por ela própria, não nos revela nada sobre a sua vida profunda, a sua vida de oração? Onde está o segredo da sua oração?

O essencial na oração é libertar-se de tudo o que é fictício e colocar-se na realidade. Nada deve ser menos sujeito a um método do que a oração. Esta deve ser a submissão sincera à acção de Deus, isto é, ao Amor infinito; a entrega a Ele com toda a humildade e com toda a

confiança. Confiança em Deus é o que normalmente falta a muitos. Na verdade confia-se mais, embora muitas vezes inconscientemente, em si mesmo, no seu trabalho, nas suas obras, no seu esforço, nos próprios métodos. E não sei onde colocamos Deus!...

Teresinha recorda-nos o que é a oração: uma troca de amor, uma troca de amor entre Deus que é amor por essência e o homem, feito para amar e que não pode receber o amor senão do seu Deus; troca de amor entre a miséria da criatura humana e a misericórdia amorosa do Criador. «Pela minha parte, já não encontro nada nos livros, excepto no Evangelho. Basta-me esse livro. Oiço deliciada estas palavras de Jesus que me dizem tudo o que tenho a fazer: “Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração”; então encontro a paz, segundo a sua doce promessa:... “e achareis descanso para as vossas almas”» (CA 15.5.3).

Podemos imaginar um momento de oração de Teresinha?

Por certo: abria o evangelho, lia alguns versículos. Despertando a sua fé adorava humildemente o amor infinito de Deus; pedia para compreender melhor o amor que está em Jesus Cristo e oferecia-se a Ele para que realizasse nela a sua obra e lhe ensinasse como corresponder a esse amor. Olhava Jesus e escutava-O nessa atitude de fé, humildade, adoração e desejo. Por esse olhar simples, deixava imprimir na sua alma o que o evangelho lhe dissera das acções e palavras de Jesus. Procurava somente o amor e assim, além da letra do evangelho, descobria o espírito de vida que aí se encontra. Recebia essas luzes, Deus revelava-se cada vez mais a ela como seu Pai infinitamente amoroso. Deixava-se levar pelo desejo de amá-Lo; aprendia e via em Jesus como se ama a Deus e como, embora uma criança, O poderia e deveria amar.

Vamos aprender com Santa Teresinha do Menino Jesus a rezar melhor. Este número da *Revista de Espiritualidade* quer ajudar-nos. O Pe. Manuel Fernandes apresenta-nos Teresa como a grande *Doutora de oração e contemplação* e, o também Carmelita Descalço, Benno Skala, dá-nos aquele pequeno comentário da petição do Pai Nosso: *seja feita a vossa vontade*. Finalmente, temos a graça de poder estudar também a prodigiosa carta dos Padres Gerais das duas Ordens dos Carmelitas que nos apresentam *a mensagem de Teresa de Lisieux* como um voltar ao essencial, ao evangelho.

# TERESA DE LISIEUX

## DOCTORA DE ORAÇÃO E CONTEMPLAÇÃO

MANUEL FERNANDES DOS REIS

«Na nossa época, a intimidade com Deus permanece como um objectivo capital, mas difícil. Foi, de facto, lançada a suspeita sobre Deus; qualificou-se de alienação toda a procura de Deus por si mesmo; um mundo abundantemente secularizado contribui para separar da sua fonte e da sua finalidade divina a existência e a acção dos homens. Daí, se perceber forçosamente a *necessidade de uma oração contemplativa* desinteressada e gratuita. O próprio apostolado, em todos os seus níveis, deve enraizar-se na oração, alcançar o coração de Cristo, sob pena de esgotar-se numa actividade que não conservaria de evangélica senão o nome. *Teresa* permanece aquela que acreditou apaixonadamente no amor de Deus, que viveu sob o seu olhar os mais pequenos pormenores quotidianos, caminhando na sua presença, que *fez de toda a sua vida um diálogo com o seu Amado*» (Paulo VI, *Carta a Mons. J. Badré*, bispo de Bayeux e Lisieux, de 2/1/1973, em A. A. S. 65 (1973) 12-15).

### Introdução

Acompanhar Teresa do Menino Jesus e da Santa Face no mistério da sua oração, obriga por certo, a uma leitura da sua vida,

experiência, doutrina e mensagem sobre a oração cristã. O que à partida parece difícil, pode resultar fácil, uma vez feito todo o percurso do seu trajecto oracional, desde a sua mais tenra idade, até à maturidade dos seus 24 anos. Falo de mistério, no sentido de que Teresa não só foi uma «mulher orante», mas também foi uma «mulher orada», enquanto pediu a oração por si e o Espírito, por outras pessoas, orou por ela e, não só, nela. Como rezava Teresa? Seguiu algum método de oração? O que é a oração para ela? O que é para ela a contemplação? Será preciso *adivinhar* o segredo da oração de Teresa?<sup>1</sup> Podemos «aprender a rezar» com Teresa de Lisieux?

Certamente que aprendeu a rezar aliás como todos nós, na sua família, não sem o auxílio da catequese oracional do seu tempo, contida nos livrinhos de preparação para a primeira comunhão e, com certeza, que já rezava com a espontaneidade e a simplicidade da criança que, uma vez adulta, diz a Deus o que quer.<sup>2</sup> Mais tarde, já na sua luta vocacional, pelos seus 14 anos, confia-se à oração dos outros por ela,<sup>3</sup> para corresponder às graças que Jesus lhe quer fazer com generosidade<sup>4</sup>. Contudo, ela própria é fiel diariamente à oração por sua irmã Leónia,<sup>5</sup> pelo Sr. de Virville, irmão da Madre de Gonzaga,<sup>6</sup> por seu Pai,<sup>7</sup> pela sua prima Joana para que tenha um filho,<sup>8</sup> pelos missionários,<sup>9</sup> pelos agonizantes,<sup>10</sup> e aos santos, mesmo que permaneçam surdos à sua voz.<sup>11</sup> Já na juventude madura dos seus 20 anos, reza muito pela sua criada e seu marido,<sup>12</sup> pela Sra. Fournet,<sup>13</sup> pela felicidade da sua amiga casada Celina Maudelond<sup>14</sup> e por seu marido,<sup>15</sup> pela Madre M. de Gonzaga.<sup>16</sup> Esta pequena amostra do seu universo oracional mostra-nos Teresa inserida no tecido da comunhão oracional com os seus familiares, com os seus amigos e conhecidos.

Ao entrar no Carmelo, recebe a concepção do estado religioso como de uma vida de oração<sup>17</sup> e, especificamente, a vocação de carmelita como «serviço da oração»,<sup>18</sup> principalmente por quem se ama.<sup>19</sup> Para

<sup>1</sup> J. Lafrance, *A minha vocação é o amor*, ed. Paulistas, Lisboa, 1986, p. 93. Para o leitor fazer uma ideia exacta da temática, note que o termo «prière» aparece 167 vezes nos escritos de Teresa, e o verbo «contemplar» surge 92 vezes (Cf. *Les Mots de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus. Concordance Générale*, Cerf, Paris, 1996).

<sup>2</sup> Ms C, 25 r<sup>o</sup>. «Teresa acudia muito frequentemente à oração, como uma criança acode à mãe» (Bento XV, *Discurso de Declaração de Venerável*, 14/8/1929).

<sup>3</sup> Ct 37.

<sup>4</sup> Ct 42 B.

<sup>5</sup> Ct 29.

<sup>6</sup> Ct 42.

<sup>7</sup> Or 8 e 9.

<sup>8</sup> P. 38,1.

<sup>9</sup> CA 4.8.8.

<sup>10</sup> CA 25.8.6.

<sup>11</sup> CA 11.8.5.

<sup>12</sup> Ct 147.

<sup>13</sup> Ct 153.

<sup>14</sup> Ct 159.

<sup>15</sup> Ct 147.

<sup>16</sup> Ct 190.

<sup>17</sup> Escreve à Irmã Maria José da Cruz.: «Como é bom *ser religiosa para rezar* e apaziguar a justiça do



ela, a oração é o «coração a coração»,<sup>20</sup> do esposo e da esposa em comunicação recíproca de amor.<sup>21</sup> Na sua opinião, o trabalho da Esposa, mais feliz que uma rainha, a trabalhar com as mãos e a amar com o coração, imita o do Esposo que «dorme e vigia».

«Não há rainhas na terra  
Que sejam mais felizes que nós  
Nosso ofício é uma oração.  
Que nos une ao nosso Esposo».<sup>22</sup>

Daí que conceba a sua própria oração como a boa vontade de dizer o amor.<sup>23</sup> A oração dos outros por si concebe-a como «graça de amar Jesus e de o fazer amar».<sup>24</sup> Ela própria, na sua fé, «pede a Jesus

---

bom Deus... Recomendo às suas orações o meu querido Pai... Ouso ainda recomendar-me às orações da sua santa comunidade» (Ct 121). Por isso, aproveita o estado religioso de sua irmã Leónia para lhe lembrar que se lembre dela diante de Deus: «*Não esqueças nas tuas orações* a carmelita mais pequena, que te está muito unida no coração da St. Virgem» (Ct 148); «*não te esqueças de rezar por mim* no mês do Menino Jesus, pede-lhe que fique sempre pequena, *toda pequena!*... Far-lhe-ei por ti a mesma oração» (Ct 154); e ainda «suplico-te, reza pela tua Teresinha para que aproveite o exílio da terra e os meios abundantes que tem para merecer o Céu» (Ct 163); «*rezemos uma pela outra* para sermos igualmente fiéis» (Ct 164); «*não te esqueças de rezar* pela mais pequena e mais indigna de tuas irmãs» (Ct 170); «*não esqueças* a última, a mais pobre das tuas irmãs; pede a Jesus que ela seja muito fiel, que ela como tu seja feliz por ser sempre a mais pequena... a última» (Ct 173); «*reza por mim* para que meta em prática as luzes que Jesus me dá» (Ct 176). Por seu lado, comunga por ela (Ct 248), e promete rezar por ela no Céu. «*Queres que no Céu reze por ti ao Sagrado Coração*, fica segura que não me esquecerei de lhe dar os teus recados, e pedir tudo o que te será necessário para vir a ser uma grande santa» (Ct 257).

<sup>18</sup> «Para uma *carmelita* recordar e, sobretudo, *amar é orar*» (Ct 131). É o seu caso com seus tios: «Se pensa nela, ela *pensa* muitíssimas vezes em si e não cessa de *rezar* ao bom Deus para que lhe dê o cêntuplo de tudo o que faz por nós... rezo ainda muito pela minha querida Joaninha... Não posso esquecer nunca o meu Tio (Ct 123)... É a sua relação com Leónia já religiosa na Visitação de Caen: «A vida religiosa, em particular a vida contemplativa, é um olhar o CÉU... não me esqueças nas tuas *orações*, *pensa* em mim junto de Jesus como eu penso em ti» (Ct 151). Ela, por seu lado, acompanha-a nas suas provas: «vou rezar-lhe muito por ti... Se soubesses como nós rezamos por ti! E, sobretudo, como oferecemos *sacrifícios*... Depois que conhecemos as tuas provas, o nosso fervor é muito grande, todos os nossos *pensamentos* e as nossas *orações* são para ti» (Ct 171).

<sup>19</sup> Escreve a uma carmelita: «Para uma *carmelita* *pensar em alguém que se ama é orar por ela*» (Ct 225). «Peço ao bom Deus que a colme de suas graças e aumente cada dia em seu coração o seu santo amor... Pedi a Jesus que eu também o ame e o faça amar; queria amá-lo não com um amor ordinário, mas como os Santos, que fizeram por Ele loucuras...» (Ct 225).

<sup>20</sup> P. 17, 3.

<sup>21</sup> Ct 122. «Somos *esposos* (de Nosso Senhor Jesus Cristo: Mt 12, 50), quando pelo E. Santo a alma se une a nosso Senhor Jesus Cristo» (S. Francisco de Assis, *Carta a todos os fiéis* (1ª redacção), em *Escritos Biográficos. Documentos*. Braga, 1982, p. 82).

<sup>22</sup> P. 40, 3. Aos 14 anos Jesus fez de Teresa «uma rainha poderosa» (Ms A, 47 rº), e, aos 17 anos, é-o verdadeiramente: «Sentia-me verdadeiramente a RAINHA» (Ms A, 76 vº). Teresa é rainha, na própria realeza da oração: «Como é grande o poder da oração! Dir-se-ia uma rainha que constantemente tem livre acesso ao rei e pode alcançar tudo o que pede» (Ms C, 25 rº).

<sup>23</sup> «Quero ao menos *dizer-lhe* muitas vezes que o *amo*» (Ct 143). «Quando estou junto do Tabernáculo só sei dizer uma coisa a N. Senhor: «Meu Deus, vós sabeis que vos amo». E sinto

que a atraia para as chamadas do seu amor»,<sup>25</sup> ou então, «para que ame os que lhe deu como a amou a ela». <sup>26</sup> É o *amor* quem ora em Teresa<sup>27</sup> e Teresa ora o amor.<sup>28</sup>

«É teu amor, Jesus, que reclamo  
 É teu amor que me deve transformar  
 Põe em meu coração tua consumadora chama  
 E poderei bendizer-te e amar-te  
 Sim poderei amar-te como se é amado  
 E bendizer-te como se faz no Céu  
 Amar-te-ei com este mesmo amor  
 Com que tu me amas, Jesus Verbo Eterno».<sup>29</sup>

Apresenta-se a si mesma como uma orante apostólica, que bem pode servir de modelo «sacerdotal» de oração eclesial.

«A Jesus, seu Esposo divino, pediu particularmente uma *alma apostólica*... Tudo o que peço a Jesus para mim, peço-o também para si; quando ofereço o meu fraco amor ao Bem-Amado, permito-me oferecer o seu ao mesmo tempo. Como Josué combateis na planície, *eu sou o vosso pequeno Moisés*, e sem cessar o meu coração se eleva para o Céu para obter a vitória. Ó meu Irmão, como teria de lamentar-se se Jesus mesmo não sustivesse os braços do vosso Moisés!... Mas com a ajuda da oração que todos os dias

---

que a *minha* oração não fatiga Jesus, conhecedor da impotência da sua pobre pequena esposa, contenta-se com a sua boa vontade» (Ct 152). Tantas vezes em «amor calado»: «Muitas vezes, só o silêncio é capaz de expressar a minha oração, pois o hóspede divino do sacrário compreende tudo, mesmo o silêncio da alma de uma filha que está cheia de gratidão» (Ct 138). «Não lhe digo nada, amo-o» (CA 25.9.2). «Amar mais sempre mais é a música de fundo da sua oração» (C. Meester, *Las Manos Vacías. El mensaje de Teresa de Lisieux*, Monte Carmelo, Burgos, 1981, p. 171). Para ela, o essencial da oração é «amá-Lo mais do que a si mesma» (Ct 110).

<sup>24</sup> Ct 218. «Há uma só coisa a fazer durante a noite... é amar. Amar Jesus com todas as forças do nosso coração e salvar-lhe almas para que seja amado... Oh, fazer amar Jesus!» (Ct 96). «Amá-lo e fazê-lo amar, como é doce!» (Ct 114).

<sup>25</sup> Ms C, 36 rº. «Deixemo-nos dourar pelo Sol do seu amor» (Ct 89).

<sup>26</sup> Ms C, 35 rº.

<sup>27</sup> Cita S. Agostinho: «O amor é o peso que me impele» (Ct 258). «O olhar, janela do coração, dirige-se para onde o orienta o amor» (C. Martini, *Fascinados por Jesucristo*, p.128).

<sup>28</sup> «Para Teresa orar é submeter-se à acção do Amor de Deus, é entregar-se-lhe com humildade e confiança, é fazer oração com o coração, isto é, amando...» (J. Lafrance, *o.c.*, pp. 94 e 97). É o teresiano «não pensar muito, mas amar muito» (F. 5, 2). «Oferecer a Deus a minha oração / E o *hino do meu amor*» (RP 2, 4 vº). Para Teresa, a oração é «um grito de amor» (Ms C, 25 rº-25 vº).

<sup>29</sup> P. 41, 2.

dirige por mim ao Divino Prisioneiro d'amor, espero que nunca terá de que se *lamentar*».<sup>30</sup>

Ao contemplar, desde a sua entrada no Carmelo, o mistério da S. Face,<sup>31</sup> ao meditar, nos cantos de Isaías, o Servo de Javé,<sup>32</sup> isto é, Jesus, o louco de amor por nós, pobres pecadores,<sup>33</sup> Teresa, na pessoa de sua irmã Celina, inculca-nos a importância da contemplação, ou seja, do olhar teológico de fé, para vermos até que ponto Jesus nos ama<sup>34</sup> e se fez pobre para que O amemos,<sup>35</sup> não apenas com «um olhar de amor»<sup>36</sup> – «é olhando Jesus que se é apóstolo»<sup>37</sup>–, mantido, aliás, mesmo no meio da actividade,<sup>38</sup> pois, é contemplando e amando sempre Jesus que se é apostolicamente fecundo no amor.<sup>39</sup>

«Na nossa época materialista e hedonista *necessitávamos de um guia* que nos *ensinasse a orar* e Deus veio em nosso auxílio. Para tal, não se valeu de um teólogo profundo nem de um eloquente orador, mas de uma humilde religiosa carmelita descalça, oculta, desde a sua juventude, num convento de clausura. Deus apartou-a de toda a actividade, excepto da oração e do sacrifício; em brevíssimo tempo – nunca igualado na história – fez com que fosse amada pelo mundo inteiro. Porquê? Precisamente para nos fazer compreender a importância vital, a necessidade absoluta da oração».<sup>40</sup>

<sup>30</sup> Ct 210. «Teresa é uma testemunha privilegiada dessa forma de oração destinada, antes de mais nada, aos apóstolos» (J. Lafrance, *o.c.*, p. 25). «Teresa tem uma mensagem para os *homens de acção* que aspiram à *oração contínua*, continuando mergulhados na sua vida apostólica» (*Ibid.*, p. 115). Discordamos da sua afirmação de que Teresa «nunca nos falou da sua oração... Na H.A. nada nos deixa entrever a sua oração» (*Ibid.*, p. 92).

<sup>31</sup> Ct 102.

<sup>32</sup> Ct 108. Is 53,3 é a chave hermenêutica tanto da vida de Jesus – «Jesus é um tesouro escondido» (Ct 145)–, como da piedade (CA 5.8.9) e consagração religiosa de Teresa (Or 12).

<sup>33</sup> Ct 169.

<sup>34</sup> «Jesus arde de amor por nós... Olha a sua Face adorável!... Olha estes olhos apagados e baixos!... Olha estas chagas... Olha Jesus na sua Face... *Aí verás como Ele nos ama*» (Ct 87). «O seu rosto inspirava o amor, e a sua face inclinada obriga-me a dar-lhe amor por Amor» (Ct 108). «A Santa Face é «o novo espelho de Deus», onde Teresa, depois da morte de seu pai, até aí o ícone do Pai (Ct 58), contemplou o amor de Deus» (C. Meester, *Les mains vides. Le message de Thérèse de Lisieux*, Cerf, Paris, 1994, p. 61).

<sup>35</sup> Ct 145.

<sup>36</sup> Ct 96. «Nós que somos as tuas esposas queremos atrair sobre nós o teu olhar divino; nós te pedimos que nos recompenses com um *olhar* de amor» (Or 3).

<sup>37</sup> Ct 127.

<sup>38</sup> Ct 185.

<sup>39</sup> Ct 134.

<sup>40</sup> A.A. Suarez, *La lección mistagógica de Santa Teresita del Niño Jesús*, em *Pedagogia Mistagógica de la Oración. La oración de las dos Teresas*, Ed. Monte Carmelo, Burgos, 1989, pp. 81-82.

Acompanharemos esta dimensão oracional da vida de Teresa, como é óbvio, especialmente nos seus *Manuscritos Autobiográficos*, onde realmente se concentra o testemunho do seu crescimento orante a par do seu crescimento vital no amor.

## Perspectiva oracional do Manuscrito A

Quando em Janeiro de 1895, aos 22 anos, começou a escrever a história da sua alma, para contar as *mirabilia Dei* – «o que Deus fez por mim» –, Teresa, fazia-o já como uma mulher orante, como uma carmelita, para quem a oração é a razão e fim da sua vida.<sup>41</sup> Ela mesma conta que escreve em clima de oração mariana o que o Espírito lhe sugere sobre o mistério da sua vida inteira, vista e vivida na luz do Evangelho da misericórdia gratuita de Jesus.

«Antes de pegar na pena, ajoelhei-me diante da estátua de Maria... Supliquei-lhe que guiasse a minha mão para que não trace uma única linha que lhe não seja agradável. Abrindo a seguir o Santo Evangelho, os meus olhos caíram sobre estas palavras. “Tendo Jesus subido a um monte escolheu para Si os que lhe aprouve e vieram para Ele”».<sup>42</sup>

Foi no contexto da sua família que Teresa começou a rezar as suas primeiras orações. Entre as suas recordações da infância, serve-se de uma carta de sua mãe, para nos lembrar as suas «práticas» de «virtude», aos três anos, os seus primeiros passos no caminho da oração, aprendidos, sem dúvida, na oração familiar em comum, auxiliados com o apoio do catecismo para crianças: «A pequenita... não fala senão de Deus, *por nada deixaria de fazer as suas orações*».<sup>43</sup> A par deste primeiro campo oracional familiar, aparece quase simultâneo um novo contexto de oração, o livro da

---

<sup>41</sup> S. Teresa de Jesus, *CV* 1, 2.5; 3, 10.

<sup>42</sup> Ms A, 2 r°. A sua é bem uma «teologia de joelhos»: «a oração é um amor que se põe de joelhos» (K. Rahner).

<sup>43</sup> Ms A, 11 r°. «Tudo está aberto a Deus, tudo fala de Deus e conduz a Deus. Deus é o mistério que enche a vida dos pais e das irmãs» (H. U. v. Balthasar, *Teresa de Lisieux. Historia de una Misión*, Herder, Barcelona, 1989, p. 132). Com 2 anos apenas, «não quer adormecer sem ter rezado as orações». Desde a idade de dois anos, quer «ser religiosa» (Ms A, 6 r°), certamente, como dirá mais tarde, «religiosa para rezar» (Ct 121). «Desde a idade de três anos, comecei a não recusar nada do que Deus me pedia» (DE, p. 717).

natureza, na sua mística e poética horizontalidade vertical: «Recordo-me sobretudo dos passeios de Domingo em que a Mamã nos acompanhava sempre... Sinto ainda as impressões profundas e *poéticas* que me nasciam na alma à vista dos campos de trigo matizados de *escovinhas* e flores campestres. Já então gostava dos *largos horizontes...*»<sup>44</sup>. Toda esta impressionabilidade natural-sobrenatural da alma de Teresa, causada pela contemplação da mãe-terra, não a separava, contudo, da outra mãe-vida, o cordão umbilical sem o qual lhe era impossível respirar, mesmo no sentido ontológico de orar, sob a sacramentalidade de sua mãe.<sup>45</sup>

«Todas as manhãs, a Sra. Leriche nos vinha buscar e passávamos o dia em casa dela. Um dia, não tínhamos tido tempo de fazer a oração antes de partir e pelo caminho Celina perguntou-me em voz baixa: «Havemos de dizer que ainda não fizemos a nossa oração?...». «Pois claro», respondi; então muito timidamente ela disse-o à Sra. Leriche, que nos respondeu - «Muito bem, minhas filhinhas, ides fazê-la» e metendo-nos ambas num grande quarto foi-se embora... Então Celina olhou para mim e comentámos: «Ah, não é como a Mamã... *ela fazia sempre connosco a nossa oração!*...».<sup>46</sup>

Esta presença maternal orante de Alençon continuou depois em Lisieux, após a morte da mãe, no segundo período da sua vida, através da ressurreição da maternidade de suas irmãs:<sup>47</sup> «Nos Buissonnets... logo de manhã vínheis ter comigo, perguntando-me se já dera o meu coração a Deus,<sup>48</sup> depois vestíeis-me continuando a falar-me d'Ele e a

---

<sup>44</sup> Ms A, 11 v °.

<sup>45</sup> «A mãe era-lhe tanto a atmosfera do *amor* quanto a da *oração*... Teresa orou sempre com a mãe e na mãe, como se ora naturalmente numa Igreja... Num espaço vazio Teresa não pode orar» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, p.124).

<sup>46</sup> Ms A, 12 r °. «Cada momento de oração em família era para ela uma festa, na comunhão dos santos... Teresa, ao orar, encontra-se em comunhão com sua mãe, seu pai, suas irmãs... Esta presença do amor humano é para ela garantia da presença oculta de Deus. Teresa é introduzida na oração, encerra-se nela e sente-se nela encerrada. Não se lhe ocorre esperar uma resposta directa e pessoal de Deus. A resposta está na comunidade do orar. Só na casa da senhora estranha é que, pela primeira vez, aprende o que é orar sem mediação a oração seca e sem resposta» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, p.125).

<sup>47</sup> «Vós, minha Madre, e Maria, não éreis para mim as mais *ternas* e desinteressadas mães?» (Ms A, 13 r °).

<sup>48</sup> «Amava muito a Deus e oferecia-lhe muitas vezes o meu coração servindo-me da pequena fórmula que me ensinara mamã» (Ms A, 15 v °). Mais tarde compõe uma oração de «oferecimento do dia» (Or 10).

seguir, *junto de vós fazia a minha oração*». <sup>49</sup> Persistiu, de igual modo, na nova e materna face do pai, <sup>50</sup> que antecipadamente a conduzia ao novo espaço orante da Igreja: «Todas as tardes, dava um passeiozinho com o papá; fazíamos sempre uma visita ao Santíssimo Sacramento, passando cada dia por nova igreja, foi assim que entrei pela primeira vez na capela do Carmelo». <sup>51</sup> Embora cidadina por nascimento, Teresa era campesina por alimentação. Semallé deu-lhe vida no leite de Rosa, deu-lhe a natureza verde dos campos normandos. O pai era o padrinho que providencialmente a levava ao Pescador de pensamentos.

«Eram para mim belíssimos dias, aqueles em que o meu «rei querido» me levava com ele à pesca, tanto gostava dos campos, das flores e das aves! Às vezes experimentava pescar com a minha pequena cana, mas em geral preferia ir sentar-me *sozinha* no meio da erva florida, então os meus pensamentos eram profundos e *sem saber o que era meditar a minha alma abismava-se em verdadeira oração*... Escutava os ruídos longínquos... O murmúrio do vento e mesmo a música indecisa dos soldados cujo som chegava até mim melancolizava-me docemente o coração... A terra parecia-me lugar de exílio e sonhava com o Céu...». <sup>52</sup>

Profundos eram já também os seus evangélicos pensamentos feitos promessa de caridade orante, sensível à fome do Pobre, como se já fosse mãe dos pobres: «Lembrei-me de ter ouvido dizer que no dia da primeira comunhão se alcançava tudo o que se pedia; este pensamento consolou-me e apesar de ter só seis anos fiz este propósito: «Hei-de rezar pelo *meu*

<sup>49</sup> Ms A, 13 v °.

<sup>50</sup> «O coração tão *terno* do Papá juntara ao amor que já possuía um amor verdadeiramente materno!...» (Ms A, 13 r °).

<sup>51</sup> Ms A, 14 r °. «Gostava sobretudo das procissões do Santíssimo Sacramento, que alegria espalhar flores ao passar Nosso Senhor!... mas antes de as deixar cair atirava-as o mais alto que podia e nunca ficava tão contente como quando via as minhas pétalas de rosa *tocar* a sagrada Custódia» (Ms A, 17 r °). Aos 15 anos, compreende pela primeira vez, um sermão do P. Ducellier sobre a Paixão.

<sup>52</sup> Ms A, 14 v °. O sonho do Céu, não seria a materna e fraterna saudade? Aos seis anos de idade, reconhece já «a soledade sonora» da «música calada» da natureza que lhe falava da grandeza do poder de Deus. «Teresa teve desde criança tendência para a contemplação, apesar da sua natureza estar destinada à ação» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, p. 196). Eis alguns dos vários campos da sua contemplação: a família (Ms A, 33 v °); a escola (Ms A, 37 r °); o campo (Ms A, 14 v °); o mar (Ms A, 21 v °); a solidão (Ms A, 23 r °); a Encarnação (P. 24,6; RP 2); a Paixão (P. 24,21), a Ressurreição (P. 18,15); a Eucaristia (RP 2,5 r °; 7 v °); a sagrada Comunhão (Ms A, 35 r °); o Evangelho (Ms A, 83 v °); os acontecimentos (Ct 149). Em tudo, porém, ficava «comovida ao contemplar o amor» (RP 7,1 r °).

*pobre* no dia da minha primeira comunhão». Fui fiel à minha promessa cinco anos mais tarde e espero que Deus tenha ouvido a oração que por sua inspiração Lhe dirigi a favor de um dos seus membros padecentes...». <sup>53</sup> «Mãe de leite virginal», <sup>54</sup> era-lhe já Maria, na miniatura da sua devoção filial, feita na companhia de outra mãe vigilante, de nome Vitória: «Sendo muito pequena para ir ao mês de Maria ficava em casa com Vitória e fazia com ela as minhas devoções diante do *meu pequeno mês de Maria* que arranjava a meu gosto; tudo era tão pequenino...». <sup>55</sup>

Orar, porém, não é só falar com Deus, na companhia de outros orantes, ou na solidão mais secreta, é também e, sobretudo, escutar a Palavra de Deus, no seio da Igreja, ao lado do pai: «Escutava profundamente os sermões e o primeiro que *compreendi* e me *impressionou profundamente* foi um sermão sobre a Paixão pregado pelo Sr. Pe. Ducellier». <sup>56</sup> O pai, não só lhe segredava que o pregador estava a falar de Sta. Teresa, a sua celeste e Sta. Padroeira na terra, como lhe confirmava a certeza da sua predestinação no céu: «Ao voltar olhava as *estrelas* que cintilavam docemente e esta visão deslumbrava-me... Havia sobretudo um grupo de *pérolas de ouro* que eu notava com alegria por me parecer que tinha a forma de um T... mostrava-o ao Papá dizendo-lhe que o meu nome estava escrito no Céu, e depois, não querendo ver nada desta vil terra, pedia-lhe que me guiasse; então sem olhar onde punha os pés, levantava a cabecita bem para o alto não me cansando de contemplar o azul estrelado!...». <sup>57</sup>

É de supor o ritmo diário de oração na família Martin. Ao levantar, já vimos, existia o costume de rezar pela manhã. Quanto à noite, ela própria atesta que, nos serões de Inverno, depois da distensão de um recreio familiar e antes do ritual do deitar, seguia-se a oração familiar: «A seguir subíamos para fazer a *oração em comum* e só a rainhazinha ficava junto do seu Rei, bastando-lhe olhar para ele para *saber como*

---

<sup>53</sup> Ms A, 14 v °.

<sup>54</sup> P. 1.

<sup>55</sup> Ms A, 15 v °. Por ocasião da primeira confissão, recorda-se bem que o P. Ducellier a aconselhou a ser devota da S. Virgem: «Lembro-me que a primeira exortação que me foi dirigida me aconselhava sobretudo a devoção à Santíssima Virgem e prometi redobrar de ternura para com ela» (Ms A, 216 v °). Pelos 13 anos escreve: «Todos os dias a Santíssima Virgem tem uma vela e rezei-lhe e supliquei-lhe tanto...» (Ct 21).

<sup>56</sup> Ms A, 17 v °.

<sup>57</sup> Ms A, 18 r °.

*rezam os Santos*».<sup>58</sup> Porém, nem só de rezas vivem os santos, mas de toda a obra criada por Deus e que alimenta o seu espírito. A visão do mar evoca-lhe outras ondas de água viva, outros fogos de sol nascente: «Tinha seis ou 7 anos quando o Papá nos levou a Trouville. Nunca esquecerei a impressão que me fazia o mar, não podia parar de o olhar sem cessar, a sua majestade, o bramido das ondas, tudo falava à minha alma da Grandeza e do Poder do Bom Deus... À tardinha, quando o sol parece banhar-se na imensidade das ondas deixando atrás de si um *rasto luminoso*, ia só com *Paulina* sentar-me num rochedo. Então vinha-me ao pensamento a comovedora história do «rasto de ouro!...». *Contemplei longamente esse rasto luminoso*, imagem da graça a iluminar o caminho que há-de percorrer o barquinho de graciosa vela branca... Junto de *Paulina*, tomei a resolução de nunca afastar a minha alma do olhar de Jesus, para que ela vogue em paz para a Pátria dos Céus!...».<sup>59</sup> Passadas as férias, aguardava-a o colégio da Abadia, onde a aluna fez sucesso, crescendo não só, aos 8 anos e meio, em sabedoria, mas também no jogo da graça.

«Eu escolhia um jogo completamente novo. Maria e Teresa faziam de dois solitários que não tinham senão uma cabana pobre, um pequeno campo de trigo e alguns legumes para cultivar. A sua vida passava-se numa *contemplação contínua*, isto é, um dos dois substituíam o outro na oração quando tinha de se ocupar na vida activa. Tudo se fazia com um entendimento, um silêncio e maneiras tão religiosas que tudo era perfeito. Quando a minha tia nos vinha buscar para o passeio, o nosso jogo continuava mesmo na rua. Os dois solitários recitavam juntos o terço, servindo-se dos dedos para não mostrar a sua devoção ao público indiscreto, mas um dia o solitário mais novo esqueceu--se, tendo recebido um bolo para o lanche, fez, antes de o comer, um grande sinal da cruz, o que fez rir todos os profanos do século...».<sup>60</sup>

Durante a sua tão estranha doença, só gostava de receber a visita dos seus familiares, que agradecia, aliás, como pobre: «Eu estou ainda exilada e não sabendo mostrar o meu reconhecimento, só tenho um meio para aliviar o meu coração: rezar pelos parentes que amo, que

<sup>58</sup> Ms A, 18 rº. «Olha o seu pai, que olha a Deus e, assim, por seu intermédio, aprende a olhar a Deus» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, p.121).

<sup>59</sup> Ms A, 21 vº e 22 rº.

<sup>60</sup> Ms A, 23 rº e 23 vº. Estamos no limiar da « unidade de vida » de Teresa, cuja contemplação de Jesus é fonte de fecundidade apostólica (Ct 134).



foram e ainda são tão bons para mim». <sup>61</sup> O aconchego familiar não bastava para lhe curar o corpo. Para tal «era preciso um milagre e foi Nossa Senhora das Vitórias quem o fez» mediante a maternidade espiritual de Maria e a força da oração familiar do Pai e das suas outras irmãs: «Depois de vãos esforços para me mostrar que estava ao pé de mim, pôs-se de joelhos junto do meu leito com Leónia e Celina e voltando-se para a Santíssima Virgem e invocando-a com o fervor de uma Mãe que pede a vida para o seu filho, Maria obteve o que desejava... Não encontrando nenhum socorro na terra, a pobre Teresinha voltara-se também para a sua Mãe do Céu, *pedia-lhe com todo o coração que tivesse piedade dela*». <sup>62</sup>

Ao relembrar o pormenor de como passou do sonho à realidade de vir a chamar-se Teresa do Menino Jesus, confia o particular da sua oração na cama: «... reflectindo sozinha na minha cama (pois era nela que fazia as minhas mais profundas orações e, ao contrário da esposa dos cantares aí encontrava sempre o meu Bem-Amado), perguntava-me que nome iria ter no Carmelo...». <sup>63</sup> É significativo que rezasse na cama aquela que, fora dela, tinha «gosto pelas imagens e pela leitura» e rezava por estampas: «Devo às belas imagens que vós me mostráveis como recompensa, uma das mais doces alegrias e das mais fortes impressões que me incitaram à prática da virtude... Esquecia as horas a olhar para elas. Por exemplo, a *florzinha* do Divino Prisioneiro dizia-me tantas coisas que ficava extasiada». <sup>64</sup> Na sua preparação de três meses para a primeira comunhão (68 dias), ajudada pelo «livrinho encantador», dado pela Ir. Inês, anota 1.949 pequenos sacrifícios (27 por dia), e 2.773 pequenas orações (40 por dia): «Cada dia fazia um grande número de práticas que constituíam outras tantas *flores*. Fazia ainda um maior número de invocações que tínheis escrito no meu livrinho para cada dia e esses actos de amor constituíam os *botões* de flores...». <sup>65</sup> Assim, o seu coração ficava bem disposto, qual jardim, céu ou terra lavrada, para receber o Menino Jesus,

---

<sup>61</sup> Ms A, 29 r °.

<sup>62</sup> Ms A, 30 r °.

<sup>63</sup> Ms A, 31 v °.

<sup>64</sup> Ms A, 31 r °.

<sup>65</sup> Ms A, 33 r °. «Que lindas orações tem no começo! Disse-as com todo o meu coração ao pequeno Jesus... Digo do profundo do coração as pequenas orações que fazem o odor das rosas e o mais vezes que posso» (Ct 11). Ao mesmo tempo, pede orações: «peço-lhe que reze ao menino Jesus por mim, porque tenho muitos defeitos e queria corrigir-me... e em cada pequenino buraco meter uma linda florzinha que oferecerei ao menino Jesus para me preparar para a minha primeira comunhão» (Ct 9).

que bem podia sonhar no meio de tantas flores. Parece, contudo, que já o mestre interior orava nela, com ela e sem ela, no seu espaço familiar.

«Nessa época *ainda ninguém me tinha ensinado o modo de fazer oração*, e eu tinha tanta vontade de aprender, mas Maria achando-me bastante piedosa, apenas me deixava fazer as minhas orações. Um dia, uma das minhas professoras da Abadia perguntou-me o que é que eu fazia nos dias de feriado quando estava sozinha. Respondi-lhe que ia para trás da minha cama num espaço vazio que havia ali e me era fácil de fechar com a cortina e que ali «pensava» – «Mas em que pensais?», disse-me ela –. Penso em Deus, na vida... na ETERNIDADE, enfim, *penso!*... A boa religiosa riu-se muito de mim e, mais tarde, gostava de me recordar o tempo em que eu *pensava*, perguntando--me se *pensava* ainda... Compreendo agora que *fazia oração sem o saber* e que já Deus me instruía em segredo». <sup>66</sup>

Depois de, pela segunda vez, ter recebido a absolvição, depois de ter pedido perdão a *toda a família*, antes de Jesus se dar a ela, bate à porta do seu representante a pedir ajuda espiritual, que lhe foi garantida: «Tinha escrito ao bom Padre Pichon para me recomendar às suas orações, dizendo-lhe que também em breve seria carmelita e que então ele seria o meu director... O que mais me agradou na sua carta foi esta frase: “Amanhã, subirei ao Santo Altar por vós e pela vossa Paulina”». <sup>67</sup> O «dia inesquecível» chegou, por fim, e Jesus deu-se a ela.

«Ah, como foi doce o primeiro beijo de Jesus à minha alma!... Foi um beijo de amor, sentia-me amada, e dizia também: «Eu vos amo, dou-me a vós para sempre». Não houve pedidos, nem lutas, nem sacrifícios; desde há muito, Jesus e a pobre Teresinha se tinham *olhado* e se tinham compreendido... Nesse dia já não era um *olhar*, mas uma  *fusão*, já não eram *dois*, Teresa desaparecera como gota de água que se perde no seio do oceano. Só ficava Jesus, Ele era o dono, o Rei». <sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> Ms A, 33 v °. Eis como Teresa orava aos 11 anos de idade, melhor dito, já era «orada» e «instruída em segredo». Contudo, nas suas notas de Outubro de 1885, consta já, na quinta-feira, uma instrução de «como meditar» (O.C. p. 1202).

<sup>67</sup> Ms A, 34 v °.

<sup>68</sup> Ms A, 35 r °. «É o começo do seu oferecimento ao Amor misericordioso de Deus, a fonte principal da sua oração e a origem do seu poder sobre as almas» (A. A. Suarez, o.c., p. 111).

Assim tão intensamente unida a Jesus, depois da segunda visita, sentiu pelo sofrimento um verdadeiro amor: «Muitas vezes, durante as minhas comunhões, repetia estas palavras da Imitação: «Oh Jesus, *doçura* inefável, convertei para mim em *amargura* todas as consolações da terra!...». Esta oração saía-me dos lábios sem esforço, sem constrangimento; parecia-me que a repetia, não por minha vontade, mas *como uma criança* que repete as palavras que uma pessoa amiga lhe inspira». <sup>69</sup> Ao preparar-se, no retiro da confirmação, para receber a visita do Espírito Santo, no sacramento do Amor, dispôs-se com alegria para acolher o espírito de Elias, a fortaleza de alma para ser perfeita cristã: «Por fim chegou o momento feliz, não senti um vento impetuoso no momento da descida do E. Santo, mas antes aquela *brisa ligeira* cujo murmúrio o profeta Elias ouviu no monte Horeb. Nesse dia recebi a força para *sofrer*, porque logo depois devia começar o martírio da minha alma». <sup>70</sup>

A vida continua e, com o «recomeçar da vida colegial», retoma a actividade lúdica e reflexiva, a contemplação na escola, certamente sobre o mistério da morte, como esperança de vida: «Muitas vezes, durante os recreios, encostava-me a uma árvore e ali *contemplava o ambiente*, entregando-me a sérias reflexões! Tinha inventado um jogo que me agradava, era enterrar os pobres passarinhos que encontrávamos mortos debaixo das árvores...». <sup>71</sup> Aos onze anos, ao experimentar a incompreensão e a amargura nas amizades das meninas da mesma idade, continuava, como o pastor às suas ovelhas, a amá-las em Deus, com o afecto puro de uma prece: «Vi depressa que o meu amor não era compreendido, bem o senti e não *mendiguei* uma afeição que me era recusada, mas Deus deu-me um coração tão fiel que, quando amou puramente, ama sempre; por isso continuei a rezar pela minha companheira e ainda a amo...». <sup>72</sup> Menos mal que o seu coração, carecido de afecto, era compensado, na sua oração, pela amizade do Senhor.

«Não tinha, como as outras antigas alunas, uma *mestra amiga* com a qual pudesse passar várias horas; assim, contentava-me com ir saudar a mestra, e depois trabalhava em silêncio até ao fim da lição de labores. Ninguém me prestava atenção; por isso, subia à tribuna

---

<sup>69</sup> Ms A, 36 r °.

<sup>70</sup> Ms A, 36 r °. Aos 15 anos, escreve a sua prima M. Guérin: «Vou rezar muito durante o meu retiro para que no dia de Pentecostes sejas *forte* como um pequeno Sansão» (Ct 50).

<sup>71</sup> Ms A, 37 r °.

<sup>72</sup> Ms A, 38 r °.

da capela e ficava diante do SS. Sacramento até que o Papá me vinha buscar; era a minha única consolação, pois, não era acaso Jesus o meu *único amigo*?... Não sabia falar senão a Ele, as conversas com as criaturas, mesmo as conversas piedosas, fatigavam-me a alma. Sentia que era preferível falar a Deus que falar de Deus, porque se mistura muito amor próprio nas conversas espirituais!... Ah, era realmente só pela SS. Virgem que eu ia à Abadia». <sup>73</sup>

De facto, era só com Ele que Teresa «passeava à volta do seu quarto» sob o olhar do horizonte: «Era neste quarto que gostava de ficar sozinha horas inteiras para estudar e *meditar* perante o belo panorama que se estendia diante dos meus olhos». <sup>74</sup> Com a perda da terceira mãe, a entrada de Maria para o Carmelo, o «instinto do coração» levou-a a apoiar-se na família do céu, e, inadvertidamente, descobre a «infância oracional».

«Não podendo continuar a confiar-me a ela, voltei-me para o Céu. Foi aos quatro anjinhos que me tinham precedido lá no alto que me dirigi... *Falei-lhes com simplicidade de criança*, fazendo-lhes notar que por ser a mais nova da família, sempre fora a mais amada... A resposta não se fez esperar, em breve a paz me veio inundar a alma com deliciosas ondas e compreendi que se era amada na terra, o era também no Céu... Desde essa altura aumentou a minha devoção a estes irmãozinhos e irmãzinhas e gosto de conversar frequentemente com eles, de lhes falar das tristezas do exílio... do meu desejo de ir em breve reunir-me a eles na Pátria!...». <sup>75</sup>

Depois da graça da sua «conversão completa», que ocorreu a 25 de Dezembro de 1886, Teresa recebeu uma outra graça, a de partilhar a sede de amor de Jesus pelas almas dos pecadores, «ao contemplar uma imagem de Nosso Senhor na Cruz». Ao «ficar impressionada com o sangue que caía de uma das suas mãos Divinas», «resolveu manter-se em espírito ao pé da cruz para receber o Divino orvalho que dela escorria, compreendendo que devia imediatamente espalhá-lo sobre as almas». <sup>76</sup> Jesus logo lhe deu o «seu pecador» para ela o salvar mediante a sua «oração apostólica».

«Quis a todo o custo impedi-lo de cair no inferno, a fim de o conseguir empreguei todos os meios imagináveis; sentindo que por mim mesma nada podia, ofereci a Deus todos os méritos infinitos de

<sup>73</sup> Durante os tempos livres gostava de estar junto do sacrário, onde costumava passar muito tempo, olhando (contemplando) Jesus (Ms A, 40 v<sup>o</sup>- 41 r<sup>o</sup>).

<sup>74</sup> Ms A, 43 r<sup>o</sup>.

<sup>75</sup> Ms A, 44 r<sup>o</sup>.

<sup>76</sup> Ms A, 45 v<sup>o</sup>.

Nosso Senhor, os tesouros da Santa Igreja, enfim pedi a Celina que mandasse celebrar uma missa pelas minhas intenções... Teria querido que todas as criaturas se unissem comigo para implorar o perdão do culpado. Sentia no fundo do coração a *certeza* de que os nossos desejos seriam satisfeitos, mas a fim de me dar coragem para continuar a pedir pelos pecadores, disse a Deus que estava muito certa de que Ele perdoaria ao infeliz Pranzini, que assim o havia de acreditar mesmo que ele se *não confessasse* nem mostrasse *qualquer manifestação de arrependimento*, tanto eu confiava na infinita misericórdia de Jesus, mas que lhe pedia «um sinal» de arrependimento para simples consolação minha... *A minha oração foi ouvida à letra !*». <sup>77</sup>

Pela amorosa audácia desta criança e esposa, obteve a confirmação do zelo apostólico da sua vocação e missão orante: «Este sinal era a reprodução fiel de graças que Jesus me tinha feito para me atrair a *orar pelos pecadores*. Não fora perante as *chagas de Jesus*, ao ver o *sangue* Divino correr que a sede de almas tinha penetrado no meu coração? Queria dar-lhes a beber este *sangue imaculado* que as devia purificar das suas manchas, e os lábios do «meu primeiro filho» foram-se colar às chagas sacrossantas!!!... Que resposta inefavelmente doce!... Ah, a seguir a esta graça única, o meu desejo de salvar almas cresceu cada vez mais...». <sup>78</sup>

Na verdade, esta «verdadeira troca de amor» eram «segredos» revelados a uma criança, directamente por Jesus, no céu da sua alma, na comunhão eucarística, <sup>79</sup> que cedo cuidou dela, para a apresentar aos sábios, cheia de sua sabedoria: «Era com semelhante intenção que Jesus derramava graças sobre a sua florzinha. Ele... queria fazer brilhar em mim a sua misericórdia; porque era pequena e frágil abaixava-se até mim, instruí-me em segredo sobre as *coisas* do seu *amor*. Ah, se os sábios que passaram a vida no estudo tivessem vindo interrogar-me, sem dúvida teriam ficado admirados ao ver uma criança de catorze anos compreender os segredos da perfeição, segredos que toda a sua ciência lhes não pode descobrir, pois para os possuir é

---

<sup>77</sup> Ms A, 46 r °.

<sup>78</sup> Ms A, 46 v °.

<sup>79</sup> Ms A, 48 v °. «A Eucaristia é a fonte da oração de Teresa... O seu desejo de comunhão diária, inculcado a sua prima Maria (Ct 93) veio a ser tido em conta por S. Pio X, que decretou a comunhão diária. Somente na Eucaristia podemos verdadeiramente dizer estas duas palavras Pai-Nosso» (A. A. Suarez, *o.c.*, p. 119).

necessário ser pobre de espírito». <sup>80</sup> Foi, aliás, com esta luz amorosa que Jesus guiou Teresa ao Carmelo. Teve que orar para ter coragem de falar ao Pai e lhe confiar o seu desejo de entrar para o Carmelo: «Para fazer a minha confiança escolhi o dia de Pentecostes, durante todo o dia supliquei aos S.<sup>tos</sup> Apóstolos que intercedessem por mim, me inspirassem as palavras que havia de dizer. Não eram eles de facto quem devia auxiliar a criança tímida que Deus destinava a tornar-se apóstola dos apóstolos pela oração e pelo sacrifício?...». <sup>81</sup>

Durante o périplo a Roma, fez a experiência de conhecer os sacerdotes, já não de longe, como na sua infância (o sacerdote ideal e santo), mas de perto (o sacerdote real e frágil), todos necessitados de muita oração.

«Como nunca tinha vivido na sua intimidade, não podia compreender o fim principal da reforma do Carmelo. *Orar pelos pecadores* fascinava-me, mas *orar pelas almas dos sacerdotes*, que eu julgava mais puras do que o cristal, parecia-me estranho!... Ah, compreendi *a minha vocação em Itália*, não era ir procurar demasiado longe tão útil conhecimento... Durante um mês convivi com muitos sacerdotes santos e vi que, se a sua dignidade sublime os eleva acima dos anjos, nem por isso deixam de ser homens fracos e frágeis... Quando *sacerdotes santos* que Jesus chama no seu Evangelho «o sal da terra» mostram em sua conduta que *têm extrema necessidade de orações*, que se há-de dizer daqueles que são túbios? Não disse também Jesus «se o sal

<sup>80</sup> Ms A, 49 r°. A origem da «teologia» de Teresa é directamente de Jesus que, pelo mestre interior, o Espírito da verdade (Jo 16,13), a instrui em segredo nas coisas do seu amor, por graça de revelação pessoal (Ef 3,2-4). Este «espírito de sabedoria» (Ef 1,17), este conhecimento de *connaturalidade* é capaz de causar a admiração da «inteligência» teológica. A cena de Jesus, aos 12 anos, entre os doutores (Lc 2,46-47) repete-se agora com Teresa, aos 14 anos, entre os teólogos (Ms A, 49 r°). Se antes Teresa fazia oração *sem o saber* (Ms A, 33 v°), agora, faz da oração o *seu saber* (Ms A, 49 r°).

<sup>81</sup> Ms A, 50 r°. «Sem dúvida é pela oração e pelo o sacrifício que se podem ajudar os missionários» (Ms C,32 r°). No mesmo dia em que falou da sua vocação ao seu tio, que resistiu durante quinze dias, escreve a sua irmã Inês de Jesus e pede-lhe que reze pela sua vocação: «Oh, reza por mim, reza pela tua Teresita»(Ct 27). No mês seguinte, apresenta-se a orar e a ser orada pela sua vocação: «Creio que fiz tudo o que Deus queria de mim, *agora só me resta rezar...* Pede-lhe que reze pela sua pobre Teresita» (Ct 36). Na mesma altura, escreveu a M. Guérin : «Espero que queiras continuar a rezar por mim; *tenho muita confiança nas tuas orações*, parece-me que Deus não te pode recusar nada» (Ct 37). Ela própria é diariamente fiel à oração por Leónia: «Dizes-me na tua carta que reze à B<sup>a</sup> Marg. M. para que ela te obtenha a graça de vir a ser uma santa visitandina, *nunca falto nem um só dia*» (Ct 29 ). Quatro meses depois: «Espero que rezarás pela tua pobre filhinha a fim de que ela corresponda às graças que Jesus lhe quer fazer» (Ct 43 B).

perder a força com que se há-de salgar?». Ó minha Madre, como é bela a vocação que tem por fim *conservar o sal*, destinado às almas! Esta vocação é a do Carmelo, pois, o único fim das nossas orações e sacrifícios é ser *apóstola dos apóstolos*, orando por eles enquanto evangelizam as almas com suas palavras e sobretudo com seus exemplos...<sup>82</sup>

De regresso, em Paris, confia-se a «Nossa Senhora das Vitórias», entregando ao seu cuidado de Mãe, melhor, de Mamã, a pureza do coração de *sua* filha, que lhe quer pertencer pela consagração carmelitana, bem como a S. José, o custódio da virgindade: «Com que fervor lhe pedi que me guardasse sempre e realizasse em breve o meu sonho, escondendo--me à *sombra do seu manto virginal!*... Supliquei ainda a Nossa Senhora das Vitórias que afastasse de mim tudo o que pudesse manchar a minha pureza... Pedi também a S. José que velasse por mim; desde a minha infância tinha-lhe uma devoção que se confundia com o meu amor à Santíssima Virgem. Todos os dias recitava a oração: «Ó S. José, pai e protector das virgens».<sup>83</sup>

Enquanto a sua natureza interior se «separava» para «ser» toda de Deus, a natureza exterior, transfigurada interiormente, servia-lhe de

---

<sup>82</sup> Ms A, 56 rº. A partir do noviciado, na correspondência com sua irmã Celina, toca sempre esta tecla: «Oremos, soframos, pelos sacerdotes» (Ct 94): «Celina, rezemos pelos sacerdotes, ah, rezemos por eles. Que a nossa vida lhes seja consagrada» (Ct 108). «Ah, rezemos pelos sacerdotes; cada dia mostra como os amigos de Jesus são raros... Reza muito ao Sagrado Coração... falo-lhe na solidão deste delicioso coração a coração esperando contemplá-lo um dia face a face» (Ct 122). Com ela, reza por J. Loyson: «É este maravilhoso olhar trocado entre Jesus e a sua florzinha que fará maravilhas e dará a Jesus uma multidão de outras flores (sobretudo um certo Lírio murcho e amarfanhado, que será preciso mudar em rosa de amor e arrependimento!)...» (Ct 127). A contemplação de Jesus é, para ambas «duas margaridas que fixam sempre n'Ele só os seus olhares», fonte de fecundidade apostólica (Ct 134). Escreve também ao P. Bellière: «Compreendendo que tendes necessidade de ser particularmente sustido pela oração... asseguro-lhe que faço tudo o que depende de mim para lhe obter as graças que lhe são necessárias... Espero que quer *continuar a orar por mim*, que não sou um anjo... mas uma pobre carmelita muito imperfeita... Fiquemos unidos pela oração e o sofrimento junto do berço de Jesus» (Ct 213). «Envia-lhe as datas memoráveis da sua vida com a intenção de ficarem *particularmente unidos na oração e na acção de graças* nestes dias benditos» (Ct 224). «Vai rezar a todos os seus amigos do Céu para que o protejam» e despede-se. «Adeus, Irmãozinho reze pela sua irmãzinha» (Ct 244). Com ele dá graças a Nosso Senhor pela grande graça que lhe concedeu no dia de Pentecostes... e reza pelos seus queridos pais que Deus levou deste mundo, sem esquecer a tia dele» (Ct 247). «Peço-lhe que *reze muito por mim, as orações são-me tão necessárias neste momento*, mas, sobretudo, reze pela Nossa Madre» (Ct 253). «Se Jesus escutou as suas orações... no seu amor, atendeu também as minhas...» (Ct 261). Ao «fazer-lhe o seu testamento, recorda-lhe que os bem-aventurados não cessam de nos proteger e de *orar por nós*... Que Deus nos faça a graça de o amar e de lhe salvar almas» (Ct 263).

<sup>83</sup> Ms A, 57 rº.

«itinerário da mente para Deus», no realismo espiritual da sua futura vocação religiosa.

«Antes de chegar a esta «cidade eterna», fim da nossa peregrinação, foi-nos dado contemplar muitas maravilhas. Em primeiro lugar foi a Suíça, com as suas montanhas cujo cimo se perde nas nuvens; as graciosas cascatas jorrando de mil maneiras diferentes, os vales profundos cheios de fetos gigantes e de urzes cor-de-rosa. Ah, minha querida Madre, como essas belezas da natureza espalhadas em *profusão* fizeram bem à minha alma, como a elevaram para Aquele que se agradou lançar semelhantes obras-primas numa terra de exílio que não deve durar senão um dia. Não tinha olhos que bastassem para contemplar... Ao contemplar todas estas belezas, nasciam na minha alma bem profundos pensamentos. Parecia-me compreender já a grandeza de Deus e as maravilhas do Céu... A vida religiosa aparecia-me *tal qual é* com as suas *sujeições*, os seus pequenos sacrifícios realizados na sombra. Compreendia quanto é fácil dobrar-se sobre si mesmo, esquecer o fim sublime de sua vocação e dizia-me: Mais tarde, na hora da prova, quando prisioneira do Carmelo não puder contemplar senão um cantinho do Céu estrelado, lembrar-me-ei do que vejo agora; este pensamento dá-me coragem, esquecerei facilmente os meus pobres pequenos interesses ao ver a grandeza e o poder de Deus a quem unicamente quero amar. Não terei a infelicidade de me apegar a *palhas*, agora que «o meu *coração pressentiu* o que Jesus reserva aos que O amam !...». <sup>84</sup>

Uma vez alcançada Roma, visitou o Coliseu e desceu à arena, onde, de joelhos, a sua alma e a de Celina «se confundiram na mesma oração»: «O meu coração batia com força quando os meus lábios se aproximaram da poeira empurpurada pelo sangue dos primeiros cristãos; *pedi a graça de ser também mártir* por Jesus e senti no fundo do meu coração que a minha prece era ouvida!...». <sup>85</sup> Feito absolutamente tudo o que estava em seu poder para corresponder ao que Deus lhe pedia, eis que, apesar do falhanço da sua viagem,

---

<sup>84</sup> Ms A, 58 r °. A M. Guérin : «Pensei em ti diante das maravilhas da natureza; *reza-se tão bem junto destas montanhas da Suíça* que atravessamos; sente-se que Deus está presente! (Ct 31). Durante o seu noviciado, pede-lhe que não a esqueça nas suas orações (Ct 109).

<sup>85</sup> Ms A, 61 r °. «A sua vida não foi rosa, mas púrpura. É a vida de um Mártir que quis verter, para o cumprimento perfeito do mistério eucarístico, todo o sangue do seu coração» (A. Combes, *Santa Teresa de Lisieux y su Misión*, p. 249).



cumpria-se por fim a *vontade Divina* na vida de Teresa e, a 9 de Abril de 1888 entrava no Carmelo, um espaço de oração.

«Desde há algum tempo, tinha-me oferecido ao Menino Jesus para ser o seu *pequeno brinquedo*; tinha-lhe dito que não se servisse de mim como de um brinquedo caro que as crianças se contentam de olhar sem se atreverem a tocar-lhe, mas como de uma pequena bola sem nenhum valor que Ele podia lançar por terra, jogar com o pé, furar, deixar a um canto ou apertar contra o coração, se isso lhe agradasse; numa palavra, queria *divertir* o *pequeno* Jesus, dar-lhe prazer; queria entregarme aos seus *caprichos infantis*... Ele atendeu a minha prece...».<sup>86</sup>

Tal abandono à vontade de Deus, manifestado nos acontecimentos, é recebido por ela na oração,<sup>87</sup> que, a partir do retiro para a sua profissão, passou a ser, como ela conta, uma oração habitualmente árida e, por isso mesmo, difícil.

«O retiro... esteve longe de me trazer consolações, pois a aridez mais absoluta e quase o abandono foram a minha parte. Jesus dormia como sempre na minha barquinha... Verdaderamente estou longe de ser santa, basta isto para o provar; em lugar de me alegrar com a minha *secura* deveria atribui-la ao meu pouco fervor e fidelidade, deveria desolar-me de dormir (desde há 7 anos) durante as minhas orações e as minhas *acções de graças*; ora, eu não fico desolada... penso que as *criancinhas* agradam

---

<sup>86</sup> Ms A, 64 r °. O sono do Menino converte-se para Teresa numa delicada interpretação da sua noite escura, como jogo do Menino com o seu brinquedo (Ms A, 64 v °), da de Celina que deve «cantar enquanto o menino dorme no seu coração» (P. 42,4), ou a de qualquer outra carmelita, que querendo apresentar o seu coração como berço, deve «sorrir quando Ele dorme» (RP 5,21). Pede à sua tia que reze por ela para no dia da sua tomada de hábito estar tão bem enfeitada no interior como no exterior (Ct 7). Não há dúvida nenhuma que Jesus a preparava bem: «Nada junto de Jesus, *secura!*... Sono!... Mas, pelo menos, há o silêncio! ... O silêncio faz bem à alma... Reza para que o grão de areia se torne um ATOMO sensível somente aos olhos de Jesus!» (Ct 74). É a «oração do silêncio»: «O pobre cordeirinho nada pode dizer a Jesus e, sobretudo, Jesus não lhe diz absolutamente nada» (Ct 75). «Este silêncio é a palavra mais poderosa – a Palavra é Oração – e esta ausência a presença mais imediata» (F. Varillon, *O sofrimento de Deus*, Braga, 1996, p. 108). «Concede-nos que nos lembremos sempre que Tu também falas quando Te calas. Enquanto esperamos a tua vinda, dá-nos também esta confiança: TU calas-Te por amor e também falas por amor. Assim, quer te cales quer fales, és sempre o mesmo Pai, o mesmo coração paternal, quer nos guies com a tua voz, quer nos eduques com o teu silêncio» (S. Kierkegaard). «Às vezes só o silêncio é capaz de exprimir a minha oração» (Ct 138). «Meu Noivo não me diz nada e eu não lhe digo mais nada senão que *o amo* mais do que a mim» (Ct 110). «Reze para que a sua filha não recuse a Jesus um *átomo* do seu coração» (Ct 76).

<sup>87</sup> «Um dia durante a oração compreendi que o meu desejo tão vivo de fazer a profissão estava misturado com muito amor próprio» (Ms A, 73 v °).

tanto a seus pais quando dormem como quando estão acordadas; penso que para fazerem operações os médicos adormecem os doentes. Enfim penso que «o Senhor vê a nossa fragilidade e lembra-se de que somos apenas pó»... Com certeza não vai acordar antes do meu grande retiro de eternidade».<sup>88</sup>

Deus falava e agia no «momento presente», ao coração desta criança que, em cada instante, em cada acontecimento, descobria a presença da vontade de Deus a seu respeito.

«Deus mostrava-me claramente sem eu me aperceber o meio de lhe agradecer e de praticar as mais sublimes virtudes. Dei-me conta várias vezes que Jesus não me quer dar *provisões*, alimenta-me a cada instante com um alimento todo novo; encontro-o em mim sem saber como lá está... Creio muito simplesmente que é o próprio Jesus escondido no fundo do meu pobre coraçãozinho que me dá a graça de agir em mim e me faz pensar tudo o que quer que eu faça no momento presente».<sup>89</sup>

<sup>88</sup> Ms A, 75 v°; CA 4.8.6. Teresa fazia a «oração de S. Pedro no Getzémani» (Lc 22,45). Como que se «auto-retrata... dormindo na oração junto de Jesus» (G. Gaucher, *Histoire d'une Vie. Thérèse Martin*, Cerf, Paris, 1993, p. 134). «Que estranho contraste entre os desejos de alto voo da religiosa e esta realidade tão modesta e até humilhante!... A possível humilhação é desfeita no mito da infância: ela é uma criança diante de Deus e pode dormir, sem faltar, porque o Senhor conhece a fraqueza da natureza humana; Deus é responsável deste sono: é ele quem a adormece para, durante o sono, tirar algum fim misterioso; a sua fraqueza é cumprimento da vontade de Deus, a que ela, no seu amor sobrenatural (não na sua ligeireza) se entrega, não na negligência natural, mas «no seu ardente desejo de orar o mais desperta e atentamente possível» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, pp. 302-303). O fundo da oração de Teresa é constituído por um «silêncio de amor» (Ct 75). «Quando ela se cala é quando Deus pode falar» (J. Lafrance, *o.c.*, p. 125). «A aridez era o meu pão quotidiano» (Ms A, 73 v°). «Áridos eram também os seus retiros anuais» (Ms A, 76 r°). Está «privada de toda a consolação» (Ct 76). «A tónica da sua oração durante todo este tempo é o gosto sensível (Ms A, 40 v°), acompanhado da ideia de que Jesus tem que satisfazer todos os desejos da sua prometida... Antes de abandonar o mundo Teresa sentiu em ocasiões «verdadeiros transportes de amor» (Ms A, 51 v°)... Uma vez iniciada a vida religiosa, entra na aridez mais completa... A entrada da santa na Noite do Sentido coincide quase com o seu ingresso no Carmelo» (Gregorio di Gesù Crocifisso, *Il sonno nell'orazione. A proposito di S. Teresa di Gesù Bambino*, em *Rivista di Vita Spirituale* 22 (1968), pp. 216-22; 367 e 368). «Para Teresa, «orar torna-se uma tarefa árdua». Tanto quanto a sua oração era consoladora, fervorosa e mística, no mundo, tanto agora ela é árida e distraída durante as longas horas de oração no mosteiro. «Conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração» (Os 2, 16). Mas, agora, que Teresa se encontra no deserto, o Esposo faz-se tão pouco ouvir» (C. Meester, *Les mains*, pp. 50-51). O sofrimento de alma, a aridez, a privação de toda a consolação, fê-la dormir na oração (Ms A, 73 v°), levou-a ao sono que, em vez de a desolar, a alegrou (Ms A, 75 v°). Esta falta involuntária acompanhou-a até ao fim da sua vida (Ms A, 80 r°). Teresa fala dos seus «esquecimentos e enganos», na recitação do Ofício divino, «a sua dita e martírio» (CA 6.8.6).

<sup>89</sup> Ms A, 76 r°. Para esta «espiritualidade do momento presente» (Cf. J. P. de Caussade, *L'Abandon a la Providence divine*, pp. 22-30; J. Lafrance, *o.c.*, pp. 116-117). Sintetiza a «oração do momento presente» no seu poema «Meu canto de hoje» (P. 5). «Teresa é um caso limite. Está

Como postulante, pede a Maria, sua irmã, que reze pela pequena cana tão frágil, para que fique sempre um pequeno grão de areia muito escuro, bem escondida a todos os olhares, que só Jesus a possa ver; que ela seja cada vez mais pequena, seja reduzida a *nada*.<sup>90</sup> Como noviça, pede a Inês, sua irmã, que «reze pelo pobre pequeno grão de areia, para que esteja sempre no seu lugar, isto é, sob os pés de todos... ignorada, humilhada... esquecida».<sup>91</sup> Assim guiada pela mão de Jesus, através de um subterrâneo, onde não se via senão uma claridade semi-velada, que resplandece em torno dos olhos baixos da face de seu Noivo,<sup>92</sup> mas inundada por um rio de paz, eis como, aos 17 anos e meio, na sua profissão religiosa faz do seu «fiat» uma oração de petição universal e familiar.

«A minha união com Jesus realizou-se, não no meio de trovões e relâmpagos, isto é, de graças extraordinárias, mas no seio de uma *ligeira brisa*, semelhante à que ouviu na montanha o nosso pai S. Elias... Quantas graças não pedi nesse dia!... Sentia-me verdadeiramente a Rainha e aproveitava do meu título para libertar os cativos, obter os favores do *Rei* para com os súbditos ingratos, enfim, queria livrar todas as almas do purgatório e converter os pecadores... Rezei muito pela *Mãe*, pelas minhas queridas Irmãs, por toda a família, mas especialmente pelo meu Paizinho tão provado e tão santo. Ofereci-me a Jesus para que Ele cumpra perfeitamente em mim a sua *vontade*, sem que jamais as criaturas lhe ponham obstáculo...».<sup>93</sup>

---

como que absorva pelo «agora» da graça da presença de Deus nela, e dá a sua resposta adequada a esta presença de graça» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, p. 68 ).

<sup>90</sup> Ct 49. Escreve a seu tio: «Estar no *Carmelo*, onde pelo menos, *ela pode orar tanto quanto quer* Àquele que unicamente pode dar a consolação» (Ct 59). Escreve a sua tia: «Peço ao bom Deus que verta na sua alma a consolação... Ele já foi muito bom, *escutando todas as orações* que fizestes para lhe dar a alma do seu parente querido» (Ct 60). Reza por seu Pai para que Deus colme o seu Rei de consolações (Ct 61), aliás, «*todo o Carmelo estava em oração* por ele» (Ct 66). Insiste: «A tua Rainha pensa continuamente em ti, e reza todo o dia pelo seu Rei» (Ct 68).

<sup>91</sup> Ct 95. Durante o seu noviciado continuou a rezar pela sua tia (Ct 84), por sua prima: «É preciso *orar muito*... reza muito para que *os mais belos anos da tua vida* não se passem em temores quiméricos» (Ct 92). Continua também a necessitar e a pedir a oração da prima: «reza para que a tua indigna primazinha possa Amar tanto como tu se isso é possível» (Ct 93). A sua irmã Maria pede que «não se esqueça de rezar muito pela sua filhinha que educou» (Ct 111).

<sup>92</sup> «O caminho que sigo não é de nenhuma consolação para mim, e, no entanto, traz-me todas as consolações» (Ct 110). Teresa está convencida que o amor fiel a conduzirá ao cimo da montanha do amor sem ela saber bem como... Para ela, amar é tomar a mão do Senhor e deixar-se guiar por Ele» (C. Meester, *Les mains*, p. 54). «A sua viagem de bodas é muito árida... Ela é feliz seguindo o seu Noivo só por amor dele e não por seus dons» (Ct 111).

<sup>93</sup> Ms A, 76 v<sup>o</sup>.

Do mesmo teor é o bilhete de profissão que levava sempre sobre o seu coração, como oração a renovar cada dia, para, em cada dia, pedir o «amor infinito» de Jesus, a fim de compreender o que deve ser uma esposa de Cristo, totalmente dedicada à salvação dos seus irmãos.<sup>94</sup> Teresa fazia valer os seus direitos de esposa e o Esposo ouvia todas as suas orações,<sup>95</sup> tanto as que fazia pela vocação carmelitana de sua irmã Celina,<sup>96</sup> como as que fazia para certificar-se da felicidade eterna de seu Pai,<sup>97</sup> ou ainda, para entregar-se confiadamente à vontade de Deus.<sup>98</sup> Se é necessário e urgente «evangelizar a oração»,<sup>99</sup> da oração de Teresa podemos dizer que é bem um «oásis de Evangelho», em cuja luminosidade<sup>100</sup> ela descobre quer «o carácter do bom Deus»,<sup>101</sup> quer o seu «pequeno caminho novo».<sup>102</sup>

«Se abro um livro composto por um autor espiritual (mesmo o mais belo e o mais comovedor) sinto imediatamente fechar-se-me o coração e leio, por assim dizer, sem compreender; e, se compreendo o meu espírito fica sem poder meditar... Nesta impotência, a Sagrada Escritura e a Imitação vêm em meu auxílio; encontro nelas um alimento sólido e todo *puro!* Mas *é sobretudo o Evangelho que me ocupa durante as minhas orações*; encontro nele tudo o que é necessário à minha pobre pequena alma. Descubro nele sempre novas luzes, sentidos escondidos e misteriosos...».<sup>103</sup>

<sup>94</sup> Or 2.

<sup>95</sup> «Não quis que eu tivesse um só desejo que não fosse satisfeito, não só os meus desejos de perfeição mas até aqueles cuja vaidade *compreendia*, sem a ter experimentado» (Ms A, 81 r °).

<sup>96</sup> «Um dia em que ela devia ir a um sarau, senti tanta pena que supliquei ao bom Deus que a *impedisse de dançar* e até (contra o meu costume) derramei uma torrente de lágrimas. Jesus dignou-se atender-me... (Ms A, 82 r °).

<sup>97</sup> «Disse a Jesus durante a minha acção de graças: «Bem sabeis, meu Deus, quanto desejo saber se o Papá foi *directamente* para o Céu, não vos peço que me faleis, mas dai-me um sinal» (Ms A, 82 v °).

<sup>98</sup> «Agora é só o abandono que me guia... Já não posso pedir nada com ardor, a não ser o perfeito cumprimento da vontade de Deus sobre a minha alma» (Ms A, 83 r °).

<sup>99</sup> A. Guerra, *Evangelizar la oración cristiana*, em RE 152, pp. 446-447.

<sup>100</sup> «Scriptura crescit cum legente» (S. Leão Magno).

<sup>101</sup> «Eis o carácter de Jesus... Dá como Deus, mas quer a humildade de coração» (Ct 161).

<sup>102</sup> Ms B, 1 r °; 2 v °-3 r °.

<sup>103</sup> Ms A, 83 r °-83 v °. O Evangelho é a alma da sua vida de oração: «O Evangelho basta-me: abria o Evangelho, lia alguns versículos e, na fé, adorava o Amor, pedia a graça de O compreender melhor e oferecia-se para que nela realizasse a sua obra. Aprofundava a letra do Evangelho até dar com o espírito que a vivifica..Aprendia de Jesus a ciência do amor. Fazia tudo para agradar a Deus. Saía da

Entre os verdadeiros místicos que ajudam a Igreja a crescer na compreensão da revelação «pela inteligência íntima dos mistérios que vivem»,<sup>104</sup> encontra-se, sem dúvida, Teresa, como ela o declara, ao testemunhar a sua lúcida intimidade com Jesus.

«Compreendo e sei por experiência que «o reino de Deus está dentro de nós». Jesus não necessita de livros nem de doutores para instruir as almas; Ele, o Doutor dos doutores, ensina sem ruídos de palavras... Nunca o ouvi falar, mas sinto que Ele está em mim; a cada instante, Ele me guia e inspira o que devo dizer ou fazer. Exactamente no momento em que necessito delas, descubro luzes que ainda não tinha visto; não é a maioria das vezes durante as minhas orações que elas são mais abundantes, mas é sobretudo no meio das ocupações do dia».<sup>105</sup>

Porém, o ângulo de visão, melhor dito de fé, através do qual lhe é dado «saber» de Deus, é claramente o do Amor que misericordiosamente se abaixa até ao nada – «a mim deu-me a sua *Misericórdia infinita* e é

---

oração de coração dilatado, não de cabeça cansada, mas deseja de amar nas pequenas acções e sacrifícios durante o dia. O Evangelho é o livro do AMOR. É o Amor que se deve ler e aprender» (J. Lafrance, *o.c.*, pp. 98-99). «Quando leio certos tratados espirituais...Tomo a S. Escritura. Então tudo me parece luminoso, uma só palavra descobre à minha alma horizontes infinitos...» (Ct 226). «Teresa nunca pôde propriamente meditar no sentido dos grandes santos... Menos provável é que tenha recebido nas suas meditações experiências essencialmente místicas, pois de ordinário, a sua meditação tinha o modesto carácter de uma leitura espiritual da S. Escritura» (H.U.v. Balthasar, *o.c.*, pp.302 e 347). «A oração teresiana não deixa nunca de ser uma leitura meditada da Escritura, e, muito particularmente, do Evangelho, onde, quando triunfava de um sono sempre ameaçante, a carmelita, incansavelmente fiel à sua regra, encontrava o alimento não só da sua piedade, mas do seu espírito» (A. Combes, *Introduction à la Spiritualité de Sainte Thérèse de l'Enfant- Jésus*, Paris, 1946, p.226). Por exemplo, alimentava a sua oração na meditação de vários textos proféticos de Isaias (Ct 193), que constituem o fundo da sua piedade (CA 5.8.9.). «Teresa nunca teve um *método* de oração» (J. Lafrance, *o.c.*, pp. 91 e 93). Fez a experiência da liberdade na oração: diante de tantas orações sente dores de cabeça, basta-lhe a expansão do coração própria das crianças: «digo muito simplesmente a Deus o que quero dizer e Ele compreende-me sempre» (Ms C, 25 r°). É na verdade, a impossibilidade-possibilitada do *mistério* da oração cristã: «Depois de ter lido a tua carta, fui à oração, tomando o *Evangelho*, pedi a Jesus que encontrasse uma passagem para ti... Quando não *sinto* nada, quando sou INCAPAZ de *rezar*, de praticar a virtude, é então o momento de procurar as pequenas ocasiões, as *nadas* que agradam a Jesus» (Ct 143).

<sup>104</sup> D.V. n. 8.

<sup>105</sup> Ms A, 83 v°. «Pode dizer-se que a oração de Teresa é uma *oração mística* no sentido real da palavra, isto é, uma oração em que a *acção de Deus se sobrepõe à actividade do homem*. Ela está *sob o olhar* de Deus com uma *consciência* vivíssima de *ser amada*» (J. Lafrance, *o.c.*, p. 119). De facto, ela sentiu-se levada pelo amor de Deus como uma criança é levada nos braços de seu pai: «basta reconhecer o seu nada e abandonar-se como uma criança nos braços de Deus» (Ct 226). É uma autêntica «oração de abandono», isto é, de fé nua, amando em fé a Deus e suas irmãs» (J. Lafrance, *o.c.*, pp. 118-129), porque o «Amor absoluto» só pode ser vivido no «saber relativo» da fé (1 Pe 1,8), ao passo que o «Saber absoluto» do «ver a Deus tal qual Ele é» (1 Jo 3, 2) está reservado apenas para a escatologia.

*através dela* que contemplo e adoro as outras perfeições Divinas»<sup>106</sup> – que nela é um «cristocentrismo trinitário»<sup>107</sup> do «Mendigo de amor»,<sup>108</sup> que ao desejar ser amado deseja amar:<sup>109</sup> «Este ano, a 9 de Junho, festa da Santíssima Trindade, recebi a graça de compreender mais do que nunca quanto Jesus deseja ser amado». <sup>110</sup> Teresa ofereceu-se para «amar sendo amada», como vítima de holocausto ao Amor misericordioso,<sup>111</sup> e eis que lhe advém, três dias depois, como confirmação da sua aceitação, o mergulho no fogo de amor <sup>112</sup> que, seis meses mais tarde, ela conta como acção do Espírito no seu Pentecostes: «Ah, desde esse dia feliz, parece-me que o *Amor* me penetra e me envolve; parece-me que a cada instante este *Amor misericordioso* me renova, me purifica a alma...». <sup>113</sup>

Parece-nos que estamos no cúme da experiência mística orante de Teresa que «para corresponder a todo o amor de Jesus queria fazer por Ele o que Ele fez por ela», quer «cantar a Jesus sem cessar, na sua harpa, melodias de amor», «o cântico sempre novo do Amor». <sup>114</sup>

<sup>106</sup> Ms A, 83 v °. «Se quisermos aprender a orar na escola de Teresa... a primeira coisa que temos de fazer no princípio da oração é procurar o verdadeiro rosto de Deus, o único que se nos revela, o da Misericórdia» (J. Lafrance, *o.c.*, p.27).

<sup>107</sup> Teresa contemplou «Cristo na Trindade» na linha «berulliana» (Cf. F-M Léthel, *Le Jésus de L'Amour*, p. 5), seja como inabituação divina no homem (Ct 165), seja como divinização do homem (Ct 83).

<sup>108</sup> Ct 191.

<sup>109</sup> «Ó meu Deus, o vosso Amor desprezado vai ficar no vosso Coração? Parece-me que se encontrásseis almas que se oferecessem como vítimas de holocausto ao vosso Amor, as consumiríeis rapidamente; parece-me que ficaríeis contente por não comprimirdes as ondas de infinitas ternuras que há em Vós...» (Ms A, 84 r °).

<sup>110</sup> «Oh, meu Deus, gritei do fundo do meu coração... que seja eu essa vítima feliz, consumi o vosso holocausto com o fogo de vosso divino amor» (Ms A, 84 r °). «O 9 de Junho de 1895 deveria constar em letras de ouro na história da espiritualidade» (A. Olea, *o.c.*, p. 155). Realizou o seu oferecimento como vítima ao Amor Misericordioso com dois objectivos: para consolar o Pai dos Céus pelas almas que o recusam (Ms A, 84 r °) e atrair novamente as almas ao seu Amor (Ms C, 34 r °). É a dimensão trinitária da sua oração sacerdotal (Or 6), que retém a Trindade prisioneira do seu amor (P 17, 2), que nos envolve do seu Amor Misericordioso na Eucaristia (P 5, 8).

<sup>111</sup> Or 6 (recitada com Celina a 11.6.1895). Teresa ao oferecer-se como «vítima ao Amor Misericordioso», identifica-se com «o mesmo ardor» de Joana d'Arc (Ms A, 32 r °), não do martírio de fogo, mas no do amor: «Senhor, por teu amor aceito o martírio» (RP 3, 21 r °). «A “petite voie” exigia esta “oferenda”, que é como “o coração da “petite voie” e a sua expressão em forma de oração» (C. Meester, *Les Mains*, p. 125).

<sup>112</sup> CA 7.7.2. (a 14.6.1895). «O *acto* de oferecimento e a *ferida* de amor estão interligadas entre si como oferecimento e a aceitação, como petição e concessão (à entrega total de Teresa correspondia o Verbo com a entrega de suas ternuras infinitas. Eram as bodas, era a consumação do amor, era o Matrimónio Espiritual, incoado, no domingo da SS. Trindade (9.6.95) e, consumado, na sexta-feira seguinte (14.6.95)... até à eternidade» (A. B. Moneo, *o.c.*, II, p. 61 ).

<sup>113</sup> Ms A, 84 r °.

<sup>114</sup> Ms A, 85 v °.

## Dinamismo oracional do Manuscrito B

Se a contemplação é, como é, «ciência de amor»,<sup>115</sup> «sabedoria de Deus secreta ou escondida»,<sup>116</sup> então, «os segredos que Jesus confia» a Teresa, pressentidos pelo seu coração, impossíveis de dizer pela sua palavra humana, referem-se à «ternura e suavidade» com que Ele conduz a sua pequena alma no meio da «mais sombria tempestade». <sup>117</sup> Se a oração é um diálogo com Deus,<sup>118</sup> então, o *Manuscrito B* é todo ele uma oração, porque é «um falar com Jesus». <sup>119</sup>

Quando a noite de 9 para 10 de Maio de 1896 ia já «em par dos levantes da aurora»,<sup>120</sup> a sua oração, durante um belo sonho, foi amorosamente ouvida e ela, antes de acordar, ficou a saber da brevidade da sua vida e do contentamento de Deus.<sup>121</sup> Esta pressa por agradar a Deus, esta oração dos seus desejos <sup>122</sup> incomensuráveis,<sup>123</sup> dolorosos,<sup>124</sup> contrários,<sup>125</sup> misteriosos <sup>126</sup> e audaciosos <sup>127</sup> é, não só uma oração aos Anjos e Santos,<sup>128</sup> mas ainda um desejo de amar «o

<sup>115</sup> S. João da Cruz, 2 N 18, 5.

<sup>116</sup> *Id.*, CB 39,12 .

<sup>117</sup> Ms B, 2 r °.

<sup>118</sup> K. Rahner, *Gebet als Zwiesprache, em Praxis des Glaubens*, Friburgo, 1985, p. 154 .

<sup>119</sup> «Ao escrever é a Jesus que *falo*, assim é-me mais fácil exprimir os meus pensamentos» (Ms B 1, v °). A oração é a melhor de todas as expressões teológicas sobre Jesus (F-M Léthel, *a.c.*, p. 16).

<sup>120</sup> S. João da Cruz, CB 14-15, 23-24.

<sup>121</sup> «No íntimo do coração, gritei: ah, como ficaria contente se visse o rosto de uma destas carmelitas! Então, como se a minha oração tivesse sido escutada por ela, a mais alta das Santas avançou para mim...» (Ms B, 2 r °).

<sup>122</sup> «Porque durante a *oração* estes *desejos* me faziam sofrer verdadeiro martírio» (Ms B, 3 r °).

<sup>123</sup> «Os meus desejos imensos não são um sonho, uma loucura?... Se os meus desejos são temerários, fá-los desaparecer» (Ms B, 4v°); «Os meus desejos, as minhas esperanças que tocam o infinito» (Ms B, 2 v °); «Desejos maiores que o universo» (Ms B, 3 r °); «Os meus desejos de ser tudo, de abraçar todas as vocações» (Ms B, 4 r °).

<sup>124</sup> «Estes desejos são para mim o maior dos martírios» (Ms B, 4 v °).

<sup>125</sup> «Como aliar estes contrastes? Como realizar os desejos da minha pequena alma?» (Ms B, 3 r °).

<sup>126</sup> «Ó Jesus... diz-me que mistério é este?... Porque não reservas estas imensas aspirações às grandes almas, às Águias que pairam nas alturas ?» (Ms B, 4 v °).

<sup>127</sup> «Jesus, não posso aprofundar o meu pedido, temo ficar arrasada sob o peso dos meus desejos audaciosos...» (Ms B, 4 r °).

<sup>128</sup> «Apresentei-me diante dos Anjos e dos Santos e disse-lhes: «Sou a mais pequena das criaturas... suplico-vos, ó Bem-Aventurados habitantes do Céu, suplico-vos que me adopteis por filha, *só para vós* será a *glória* que me fizerdes alcançar; mas dignai-vos atender a minha prece; é temerária, bem o sei; contudo, ousa pedir-vos que me obtenhais o vosso duplo Amor» (Ms B, 4 r°).

<sup>129</sup> «Ó meu Jesus, eu amo-te, amo a Igreja minha Mãe... Jesus, Jesus, se é tão delicioso o *desejo* de

Jesus total»,<sup>129</sup> uma esperança em Jesus,<sup>130</sup> uma «eclesiologia do amor»,<sup>131</sup> uma vocação de santidade na Igreja.<sup>132</sup>

«Eu sou FILHA da Igreja... Não são as riquezas nem a Glória (nem mesmo a Glória do Céu) que reclama o coração da criancinha... O que ela pede é o Amor... Só sabe uma coisa, é amar-te, ó Jesus... a *criancinha* mantém-se pertinho do *trono* do Rei e da Rainha, ama pelos seus irmãos que combatem...».<sup>133</sup>

Apesar de participar da clarividência e intrepidez dos grandes santos<sup>134</sup> e de reconhecer a sua incapacidade activa de o ser,<sup>135</sup> permanece fiel na sua contemplação do Amor: «Com um audacioso abandono, quer continuar a fixar o seu Divino Sol; nada a poderá atemorizar, nem o vento nem a chuva e se nuvens vêm esconder o Astro do Amor, a

*te Amar, que será o possuir, o gozar o Amor ?»* (Ms B, 4 v °).

<sup>130</sup> «Ó meu Jesus, que respondereis a todas as minhas loucuras?... Tivestes por bem, Senhor, colmar os meus pequenos desejos infantis, e queres hoje colmar outros desejos maiores do que o universo» (Ms B, 3 r °).

<sup>131</sup> «Compreendi que a Igreja tinha um Coração e que este Coração estava ardendo de amor...» (Ms B, 3 v °). «No coração da Igreja minha Mãe serei o Amor, assim serei tudo...». «A contemplação torna-a ubícuca, isto é, presente em todas as partes e em nenhuma; sentir-se-á em toda a casa, alumiará toda a Igreja» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, p. 214).

<sup>132</sup> «No excesso da minha alegria delirante, gritei: ó Jesus, Meu Amor... a minha *vocação*, encontrei-a finalmente, a minha vocação é o amor... Sim encontrei o meu lugar na Igreja e este lugar, ó meu Deus, fostes vós quem mo deu... no Coração da Igreja, minha Mãe, serei o Amor... assim serei tudo... assim será realizado o meu sonho!!!...» (Ms B, 3 v °).

<sup>133</sup> Ms B, 4 r °. Ao P. Roulland, um dos seus irmãos que combatem, pede oração para poder amar e, amando, poder orar: «Pedi a Jesus que me abraze do fogo do seu Amor, afim de que eu possa em seguida ajudar-vos a iluminar os corações... recordar-vos-eis que *na montanha do Carmelo uma alma reza sem cessar* ao Divino Prisioneiro d' Amor, pelo sucesso da sua gloriosa conquista» (Ct 189). Do mesmo teor: «Peço-lhe que me obtenha também este amor afim de que possa ajudá-lo na sua obra apostólica» (Ct 198). Mais tarde, Teresa espera que, ao deixar o exílio, ele não esqueça a sua *promessa de rezar por ela*: «serei feliz que digais em vez da pequena oração que fazeis e que para sempre será realizada: «Meu Deus, permiti à minha irmã que vos faça *ainda* amar» (Ct 221). Há uma comunhão na oração: «vós rezais pelos meus pais que estão no Céu, eu rezo muitas vezes pelos seus que ainda estão na terra; é para mim uma bem doce obrigação e prometo-lhe ser sempre fiel em cumpri-la» (Ct 226). «Pedirei para si a palma do martírio e estarei junto de si... *Reze muito pela sua irmã, reze pela Nossa Madre*» (Ct 254).

<sup>134</sup> «Por mim considero-me como débil avezinha coberta apenas com ligeira penugem; não sou *águia*, dela tenho apenas os *olhos* e o *coração*, pois, apesar da minha extrema pequenez, ousou fixar o Sol Divino, o Sol do Amor e o meu coração sente em si todas as aspirações da *Águia*... A avezinha quereria *voar* para o Sol brilhante que lhe fascina o olhar; quereria imitar as *Águias*, suas irmãs, que vê elevarem-se até ao fogo divino da Santíssima Trindade...» (Ms B, 4 v °-5 r °).

<sup>135</sup> «Pobre dela! tudo o que pode fazer é agitar as suas *pequenas* asas, mas levantar voo, isso não está no seu *pequeno* poder! Que será dela? Morrerá de desgosto ao ver-se impotente?... Oh, não! a avezinha nem sequer se vai afligir» (Ms B, 5 r °).



avezinha não muda de lugar, pois sabe que para além das nuvens o seu Sol brilha sempre, que o seu brilho não se poderia eclipsar um só instante. É verdade que, por vezes, o coração da avezinha se vê acometido pela tempestade; parece-lhe não acreditar que exista outra coisa senão as nuvens que a envolvem; é então o momento da *alegria perfeita* para o frágil e *pobre pequeno ser*. Que felicidade para ela *permanecer* ali, apesar de tudo, e fixar a luz invisível que se esconde à sua fé!!!...». <sup>136</sup> Contudo, não nos escandalizemos que na sua fidelidade hajam infidelidades, pois, nem ela mesma se estranha de ser imperfeita nas suas distrações e adormecimentos da sua vida de oração, o ofício de amar e ser amada, de contemplar e de ser contemplada pelo Amor.

«Jesus, até ao presente, compreendo o teu amor pela avezinha, pois não se afasta de ti... mas sei, e tu também o sabes, por vezes, a imperfeita criaturazinha apesar de permanecer no seu lugar (isto é, sob os raios do sol), deixa-se distrair um pouco da sua única ocupação... Não podendo pairar como as águias, a pobre avezinha ocupa-se ainda com as bagatelas da terra... Mas depois de todos estes disparates... conta em pormenor as suas infidelidades, pensando no seu temerário abandono adquirir assim maior império e atrair mais plenamente o amor d'Aquele que não veio chamar os justos mas os pecadores... Se o Astro Adorado permanecer surdo ao chilrear choroso da sua pequena criatura, se ele permanecer *velado*... pois bem, a pequena criatura continua *molhada*, aceita ficar tranzida de frio e alegra-se mesmo com esse sofrimento que, aliás, mereceu... Ó Jesus, como a tua *avezinha* é feliz por ser *frágil e pequena*, que seria dela se fosse grande?... Nunca teria a audácia de aparecer na tua presença, de *dormitar* diante de ti... Sim, é mais uma fraqueza da avezinha quando quer fixar o Divino Sol e as nuvens a impedem de ver um único raio e, contra a sua vontade, os seus olhinhos fecham-se, a sua cabecita esconde-se debaixo da asita e o pobre pequeno ser adormece, julgando fixar ainda o seu Astro Querido. Ao acordar, não fica desolada, o seu coraçãozito permanece em paz e recomeça o seu ofício de *amor*, invoca os Anjos e os Santos que se elevam como Águias para o Fogo devorador, objecto do seu desejo e as Águias tendo piedade da irmãzinha, protegem-na, defendem-na e põem em fuga os abutres que a queriam devorar. Os abutres, imagens do

---

<sup>136</sup> Ms B, 5 r°. Estamos ante uma nova apresentação do seu «pequeno caminho», agora sob o ponto de vista da sua vida de abandono contemplativo, que é dom e espera, oblação e expectação (C. Meester, *Dynamique de la confiance*, Cerf, Paris, 1995, p.337).

demónio, a avezinha não os teme, não está destinada a ser presa deles, mas da *Águia* que contempla no centro do Sol do Amor». <sup>137</sup>

Na verdade, contemplada pelo Amor Misericordioso, feito homem e presente na Eucaristia, para lhe dar vida, <sup>138</sup> em oração de acção de graças, mais que um oferecimento activo de si, aliás, já feito anteriormente, <sup>139</sup> faz um oferecimento passivo de si, ao estilo do «faça-se» de Maria, na esperança da receptividade divina.

«Ó Jesus, deixa-me no excesso do meu reconhecimento, deixa-me dizer-te que *o teu amor vai até à loucura...* Como queres que diante desta loucura, o meu coração não se lance para ti? Como poderia a minha confiança ter limites?... Ah, por ti, bem o sei, os Santos fizeram também *loucuras*, fizeram grandes coisas, porque eram *águias...* Jesus, sou demasiado pequena para fazer grandes coisas... e a minha *loucura* é esperar que o teu Amor me aceite como vítima... A minha *loucura* consiste em suplicar às *Águias* que me obtenham o favor de voar até ao Sol do Amor com as próprias asas da *Águia Divina...* Por tanto tempo quanto quiseres, ó meu Bem-Amado, a tua avezinha continuará sem forças e sem asas; permanecerá sempre com os olhos fixos em ti, quer ser *fascinada* pelo teu divino olhar, quer tornar-se a *presa* do teu Amor... Um dia, assim o espero, *Águia* adorada, virás buscar a tua avezinha e,

<sup>137</sup> Ms B, 5 r<sup>o</sup>- 5 v<sup>o</sup>. «Depois de tudo ter sacrificado para encontrar a Deus, encontrou-O numa alta contemplação, e tudo nela nasce daqui. Segui-la-emos se damos à nossa vida espiritual o mesmo fundamento e alimento que ela deu à sua... Quando Deus é luz na consciência, o amor cresce e, na fé, alimenta-se da fonte divina. É pelo olhar de fé a Deus que o homem se transforma de claridade em claridade (2 Co 3,18), e no seu seio nasce a fonte de água viva (Jo 4,14). Assim aconteceu com Teresa, que nos descreve a sua oração, na parábola da avezinha que fixa o Sol do Amor. Neste longo texto, é o olhar que faz oração... para exprimir o amor que o envolve. Jogo de fé e de amor que, apesar da pobreza e fraqueza da criança, permanece fixa no seu objecto divino. É o amor e a simplicidade que fixam este olhar de fé e de amor, que é o elemento essencial da contemplação. O seu olhar de criança é um olhar de alta contemplação, uma ilustração mais feliz e mais viva da verdade integral sobre a contemplação, à qual nos conduz a sua simplicidade» (P. M. Eugène de l'Enfant- Jésus, *Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus, Docteur de la vie mystique*, em *Ton amour a grandi avec moi*, Éd. du Carmel, Venasque, 1987, pp. 151-152). «A sua oração tinha como que dois pólos: a *súplica* da criança que tudo espera de seu Pai, mas que *descansa* também nos Seus braços, porque se sente amada e ouvida. Teresa gostava sobretudo daquela oração de silêncio e de abandono em que ficava imóvel sob o olhar do Pai» (J. Lafrance, *o.c.*, p. 107).

<sup>138</sup> «Ó Verbo Divino, és tu a *Águia* adorada que amo e que me atrais!... queres alimentar-me com a tua substância, a mim, pobre pequeno ser, que voltaria ao nada se o teu divino olhar me não comunicasse a vida a cada instante...» (Ms B, 5 v<sup>o</sup>).

<sup>139</sup> «Sou apenas uma criança, impotente e fraca, mas é a minha própria fraqueza que me dá a audácia de me aparecer como *Vítima ao teu Amor, ó Jesus!...*» (Ms B, 3 v<sup>o</sup>). «Ela *introduz* na espiritualidade da Igreja a *vitimação ao amor*» (A. B. Moneo, II, p. 166).

subindo com ela para o Lar do Amor, mergulhá-la-ás eternamente no ardente Abismo deste Amor, ao qual se ofereceu como vítima...».<sup>140</sup>

Com esta divina receptividade, este aconchego e acolhimento da inefável condescendência e da misericórdia infinita, a que Teresa «se abandonou com inteira confiança», vai terminar a sua carta a Jesus, querendo ser porta-voz dos seus segredos de amor, junto de todas as pequenas almas. Porém, o mais que a «pequenina» pode fazer é deixar fazer, é interceder para que o Mestre revele e ensine o seu amor: «Sim bem o sei, peço-te que o faças, suplico-te que baixes o teu olhar divino sobre um grande número de *pequenas* almas... Suplico-te que escolhas uma legião de *pequenas* vítimas do teu AMOR!...».<sup>141</sup>

Era, desta maneira, como Teresa respondia ao pedido de sua irmã Maria que, depois de estas «ardentes páginas de amor», reconhecia que «não amava Jesus como Teresa o amava». Pede-lhe novamente que lhe diga, por escrito, se pode amar Jesus como ela o ama. Teresa volta a responder-lhe, a escrever-lhe, e diz-lhe que «os segredos que Jesus lhe confiou, esses mesmos segredos Ele os confia a ela»,<sup>142</sup> e a todos os que, na oração, se deixam amar por Ele<sup>143</sup> e o amarem.<sup>144</sup> Teresa garante-o bem com o seu próprio testemunho orante.

«Sem se mostrar, sem fazer ouvir a sua voz, Jesus instrui-me em segredo; não é, porém, por meio de livros, pois não compreendo o que leio, ainda que de vez em quando vem consolar-me uma palavra como esta que recolhi ao fim da oração (depois de ter permanecido no silêncio e na secura): «Eis o mestre que te dou, ele te ensinará tudo o que deves fazer. Quero levar-te a ler no livro da vida, onde está contida a ciência do Amor». A ciência do Amor, ah sim, esta palavra ressoa docemente ao

---

<sup>140</sup> Ms B, 5 v.º. Se a contemplação é «um olhar simples sobre Deus» (S. Tomás), então, Teresa é uma contempladora e uma contemplada de primeira: «permanecerá sempre com os olhos fixos em ti, quer ser fascinada pelo teu olhar divino». A sua oração é uma síntese bem conseguida do seu «pequeno caminho»: a *loucura* da *misericórdia* e a *confiança* sem limites; a distância das «águias» que fizeram grandes coisas, a esperança em ser aceite como vítima elevada por Deus até se unir ao Amor; por fim, a aceitação da sua impotência e a sua fé inquebrantável em Deus (C. Meester, *o.c.*, pp. 339-340).

<sup>141</sup> Ms B, 5 v.º. <sup>142</sup> Ms B, 1 r.º.

<sup>143</sup> «Ah, se todas as almas fracas e imperfeitas sentissem o que sente a mais pequena de todas as almas... nem uma só desesperaria de chegar ao cimo da montanha do amor, porque Jesus não nos pede grandes acções, mas apenas o abandono e o reconhecimento» (Ms B, 1 v.º).

<sup>144</sup> «Eis, portanto, tudo o que Jesus reclama de nós, não precisa das nossas obras, mas apenas do nosso amor... (Ms B, 1 v.º).

ouvido da minha alma, não desejo senão essa ciência... Compreendo tão bem que nada existe a não ser o amor que nos possa tornar agradáveis a Deus, que este amor é o único bem que ambiciono. Jesus compraz-se em mostrar-me o único caminho que conduz a esta fornalha Divina, este caminho é o *abandono* da criancinha que se deixa dormir sem temor nos braços do Pai...». <sup>145</sup>

A condição única para amar Jesus e ser amado por Jesus – «ser sua vítima de amor» – reside, como vemos, no abandono que ama e se deixa amar confiadamente e gratuitamente por Deus, que é o mesmo que dizer, na pobreza espiritual, que espera cegamente na misericórdia de Jesus, que se abaixa até ao *nada* da nossa incapacidade natural de amar por nós, para nos transformar em «chama de amor viva». <sup>146</sup> A isto se resume a sua «pequena doutrina», <sup>147</sup> o seu «pequeno caminho todo novo», <sup>148</sup> a sua teologia e catequese sobre a oração e a contemplação, precisamente como adquirida e recebida «ciência do Amor», <sup>149</sup> Amor que «deseja amar» e, na sua opinião, há tão poucos que queiram amar para serem amados. <sup>150</sup>

---

<sup>145</sup> Ms B, 1 r°. Com sua mãe S. Teresa de Jesus, afirma radicalmente que Jesus é o mestre desta ciência de amor: «Chegai-vos para junto deste bom Mestre muito determinadas a aprender o que vos ensina, e Sua Majestade fará com que não deixeis de sair boas discípulas, nem vos deixará se O não deixais. Olhai as palavras que diz aquela divina boca; logo à primeira entenderéis o amor que vos tem, não é pequeno bem e consolo para o discípulo ver que o seu mestre o ama» (CV 26,11). Com seu pai S. João da Cruz afirma que o amor se torna inteligível: «a ciência saborosa... é a TEOLOGIA MISTICA, que é ciência secreta de Deus, que os espirituais chamam *contemplação*, a qual é muito *saborosa*, porque é *ciência por amor*, o qual é o *mestre dela* e o que tudo faz saboroso» (CB 27, 7).

<sup>146</sup> Ct 197.

<sup>147</sup> Ms B 1 v°.

<sup>148</sup> Ms C, 2 v°.

<sup>149</sup> Ms B, 1 r°. Sobre o tema da oração como amor (Cf. A. De Sutter, *Pregare è pensare a Gesù, amandolo*, em *Rivista di Vita Spirituale* 27 (1973), 403-425; *Id.*, *Pregare è soprattutto amare: Teresa di Gesù Bambino*, em AA. VV., *La preghiera: Bibbia, Teologia, Esperienze storiche*, ao cuidado de E. Ancilli, Vol I, Roma, 1988, Città Nuova Editrice, 1988, pp. 397- 41). Para uma caracterização já tópica da oração de Teresa como «oração espontânea», «desde a primeira hora», «oração difícil» e árida no Carmelo, «oração de confiança e abandono», «oração do acontecer de cada momento», «oração eclesial e mariana» (Cf. *La oración de Teresa de Lisieux*, em *Revista «Orar»*, n° 60, Burgos, 1992). Entre as características da oração de Teresa, apontam-se o *amor* filial da criança a seu Pai, a sua *humildade*, a sua *confiança* de ser sempre ouvida, o seu *abandono* à vontade de Deus, a sua *simplicidade* mística» (A. A. Suarez, *o.c.*, pp. 86-103).

<sup>150</sup> «Jesus está *com sede* (de amor) e não encontra senão ingratos e indiferentes entre os discípulos do mundo e entre os seus próprios discípulos encontra poucos corações que a Ele se entreguem sem reserva, que compreendam toda a ternura do seu Amor infinito» (Ms B, 1 v°).

## Mística oracional do Manuscrito C

Quando, em Junho de 1897, se propõe «acabar de cantar as Misericórdias do Senhor», «junto de Maria de Gonzaga», Teresa fá-lo agradecida a Deus e à sua Madre Priora que, entretanto, reza por ela, para que Deus não a leve e possa realizar a sua missão de magistério com as noviças.<sup>151</sup> Confiada na exortação orante de Jesus, que promete eficácia infalível – «todo aquele que pede recebe, quem procura encontra e ao que bate abrir-se-á» (Lc 11, 10) –, a procura e o encontro do «pequeno caminho todo novo» para a santidade, na luz bíblica de Prov 9, 4 e Is 66, 13 e 12, é, em Teresa, um verdadeiro pedir e receber, ou antes, um bater à porta da Palavra de Deus, que lhe abriu fortemente a mente, sobre o mistério da santificação, como obra de Deus, com o consentimento e a cooperação humanas.

«Ah, nunca palavras mais ternas, mais melodiosas, vieram alegrar tanto a minha alma, o ascensor que me deve elevar até ao Céu, são os vossos braços ó Jesus! Para isso não preciso de crescer, ao contrário, é preciso que fique pequena, que o seja cada vez mais. Ó meu Deus, fostes além da minha esperança e, pela minha parte, quero cantar as vossas misericórdias».<sup>152</sup>

Daí o «Magnificat» teresiano da humildade ou a consciência evangélica de si, reconhecedora do dom de Deus, que a dotou magnificamente para a pedagogia espiritual, junto das noviças e sacerdotes missionários: «Ó minha Madre, sou *demasiado pequena* para me envaidecer agora, sou *demasiado pequena* ainda para compor belas frases para vos fazer acreditar que tenho muita humildade, prefiro reconhecer com toda a simplicidade que o Onnipotente fez grandes coisas na alma da filha de sua divina Mãe, e que a maior foi mostrar-lhe a sua pequenez, a sua impotência».<sup>153</sup> Esta descida ao inferno da pequenez, a prova teologal que teve que suportar, com seu aspecto trágico e dramático, por ela considerada como «grande graça», foi para ela ocasião de solidariedade mística, isto é, de compaixão, comunhão, intercessão, purificação, oferecimento, reparação, oração humilde pelos seus irmãos pecadores, que culpavelmente perdem o precioso tesouro da fé.

<sup>151</sup> «Acreditais acaso que se as vossas orações não são ouvidas cá na terra, se Jesus separa por *alguns dias* a filha de sua Mãe, estas orações o não serão no Céu?» (Ms C, 3 v°).

<sup>152</sup> Ms C, 3 r°.

<sup>153</sup> Ms C, 4 r°- 4 v°.

«Senhor, a vossa filha compreendeu a vossa divina luz, pede-vos perdão para os seus irmãos, aceita comer o pão da dor por tanto tempo quanto quiserdes e de modo nenhum quer levantar-se desta mesa cheia de amargura onde comem os pobres pecadores à espera do dia que vós marcastes... Mas não poderá ela portanto dizer em nome deles, em nome dos seus irmãos: Tende piedade de nós, Senhor, porque somos pobres pecadores!... Oh! Senhor, despedi-nos justificados... Que todos aqueles que não são alumiados pelo facho luminoso da Fé o vejam finalmente brilhar... Ó Jesus, se é preciso que a mesa por eles manchada seja purificada por uma alma que vos ame, ofereço-me para ali comer sozinha o pão da prova até que tenhais por bem introduzir--me no vosso luminoso reino. A única graça que vos peço é que nunca vos ofenda».<sup>154</sup>

Inesperadamente dá-se conta que a «história da sua alma», atravessada pelo cadinho do sofrimento – «Deus dignou-se fazer passar a minha alma por muitas espécies de provas» – se converte, mediante a prova contra a fé, numa oração,<sup>155</sup> isto é, numa «história de amizade com Deus»,<sup>156</sup> numa fidelidade heróica à graça da fé, em benefício dos ateus.

«Apesar de não ter o gozo da Fé, procuro pelo menos realizar-lhe as obras. Creio que fiz mais actos de fé desde há um ano do que durante toda a minha vida. A cada nova ocasião de combate, quando os meus inimigos me vêm provocar, porto-me com bravura, sabendo que é cobardia bater-me em duelo, volto as costas ao adversário sem sequer o olhar de frente; mas corro para o meu Jesus, digo-lhe que estou pronta a derramar o sangue até à última gota para confessar que o Céu existe. Digo-lhe que estou contente por não gozar deste belo Céu cá na terra, para que Ele o abra para a eternidade aos pobres incrédulos. Assim apesar desta prova que me tira *tudo o gozo*, posso contudo gritar: - «Senhor, encheis-me de *alegria com tudo* o que fazeis» (Ps. XCI). Haverá acaso *alegria* maior do que sofrer por vosso amor?... Quanto mais o sofrimento é íntimo, menos aparece aos olhos das criaturas, mais vos agrada, ó meu Deus, mas, se por impossível vós mesmo houvésseis de ignorar o meu sofrimento, mesmo

<sup>154</sup> Ms C, 6 rº.

<sup>155</sup> «A minha pequena história que parecia um conto de fadas transformou-se, de repente, em prece» (Ms C 6 rº).

<sup>156</sup> M. Herraiz, *La oración historia de amistad*, EDE, Madrid, 1981.

então ficaria contente de o possuir se por ele pudesse impedir ou reparar uma só falta cometida contra a Fé...».<sup>157</sup>

Pouco a pouco, a sua oração vai-se tornando cada vez mais uma conformação com a vontade de Deus, manifestada nos acontecimentos que tocam mais de perto a sua Comunidade e, por isso mesmo, a ela própria. Assim a possibilidade da M. Inês, ou a da Ir. Genoveva e da Ir. Maria da Trindade partirem para as missões, apesar de lhe entristecer o coração, não a demoveram do seu radical abandono à Providência: «Quanto a mim dizia-lhe: Meu Deus, por vosso amor tudo aceito: se assim o quereis, aceito sofrer até morrer de desgosto».<sup>158</sup> Ela encara a sua própria possibilidade de levantar voo para longe, num espírito de obediência de fé, que é bem uma atitude vital orante de abertura missionária, se essa for a *vontade de Jesus* a seu respeito.

«Oh não, não seria com intenção de gozar o fruto dos meus trabalhos que eu desejaria partir, se tal fosse o meu objectivo não sentiria esta doce paz que me inunda e até havia de sofrer por não poder realizar a minha vocação para as missões longínquas. Desde há muito que não me pertenço, dependo totalmente de Jesus. Ele é livre portanto de fazer de mim o que Lhe agradar. Deu-me a atracção de um exílio completo, fez-me *compreender todos os sofrimentos* que ali havia de encontrar, pedindo-me se queria beber o cálice até às fezes; quis imediatamente pegar na taça que Jesus me apresentava, mas Ele, retirando a mão, fez-me compreender que a aceitação O satisfazia».<sup>159</sup>

Quando no ano de 1897, Teresa recebeu a graça de compreender mais profundamente o que é a caridade, ao comparar o modo perfeito de amar de Jesus com o seu imperfeito modo de amar, acaba por reconhecer a incapacidade da sua fraqueza para poder amar com tal amor, a não ser por graça: «nunca poderia amar as minhas irmãs como vós as amais, se vós

---

<sup>157</sup> Há, de facto, apenas um pequeno passo entre o pequeno anjo e o pequeno demónio (Ms A, 70r<sup>o</sup>). É ínfima a distância que separa a *fidelidade* do justo, apenas devida à *graça*, e a *infidelidade* do pecador, que confia nas suas próprias forças, que são a sua fraqueza. É necessário abandonar-se à força de Deus – «Ó meu Deus, peço-vos, preservai-me da infelicidade de ser infiel» – sem se apoiar nas suas, para não cair nas trevas do inferno, isto é, do orgulho (CA 7.8.4.). Ela que «compreendeu a humildade do coração» (CA 30.9), sabe bem que só a humildade de Jesus e de Maria, partilhada por nós, pode alcançar a vitória sobre a soberba, que mete as nossas luciferinas mentes no inferno, pois, «o monstro do orgulho recua vencido pela Humildade» (RP 7), obrigado a fugir à vista de uma criança (Ms A, 10 v<sup>o</sup>), que vence «o privado de amor» (Ct 201).

<sup>158</sup> Ms C, 9 v<sup>o</sup>.

<sup>159</sup> Ms C 10 v<sup>o</sup>.

*mesmo*, ó meu Jesus, as não *amásseis* também em *mim*». <sup>160</sup> Era-lhe bem precisa a graça para praticar a caridade, especialmente quando lhe era necessário fazer violência aos sentimentos naturais, contrários aos ensinamentos de Jesus, <sup>161</sup> para converter uma antipatia até aparecer como simpatia. Ora, a graça cai do Céu, mediante a oração, a primeira forma de amor fraterno, logo seguida pelas obras.

«Há na comunidade uma irmã que tem o talento de me desagradar em todas as coisas... Não querendo ceder à antipatia natural que sentia, disse para comigo que a caridade não devia consistir nos sentimentos, mas nas obras; então, apliquei-me a fazer por esta irmã o que faria pela pessoa que mais amo. Cada vez que a encontrava, rezava por ela a Deus, oferecendo-lhe todas as suas virtudes e os seus méritos... *Não me contentava com rezar muito pela irmã* que me proporcionava tantos combates; procurava prestar-lhe todos os serviços possíveis e, quando tinha a tentação de lhe responder de uma maneira desagradável, contentava-me com fazer-lhe o meu mais amável sorriso...». <sup>162</sup>

Ao aplicar à sua Comunidade o mandamento do amor aos inimigos e de orar pelos que nos perseguem, Teresa mantém, no seu doce comentário, o laço evangélico entre «amor-oração» pelas suas irmãs.

«Sem dúvida, no Carmelo não se encontram inimigos, mas enfim há simpatias, sente-se atracção por tal irmã, ao passo que outra nos faria dar uma grande volta para evitar encontrá-la; assim, sem mesmo o saber, ela torna-se sujeito de perseguição. Pois bem, Jesus diz-me que esta irmã *é preciso amá-la*, que *é preciso orar por ela*, mesmo se o seu comportamento me levasse a crer que me não ama». <sup>163</sup>

O mesmo binómio aparece quando, depois de respeitar a hora de Deus, e esperar pacientemente o momento de falar, serviu de instrumento a Deus, qual pincel nas mãos do Artista das almas, para corrigir um afeiçoamento demasiado natural, de uma companheira de noviciado, à sua Madre Priora e conseguir uma amizade fraterna inteiramente espiritual: «No dia seguinte, durante a acção de graças, *pedi a Deus*

<sup>160</sup> Ms C, 12 vº.

<sup>161</sup> «Sem o auxílio da graça seria impossível não só pô-los em prática mas até compreendê-lo» (Ms C,18vº).

<sup>162</sup> Ms C, 14 rº. «É preciso contemplar no fundo da alma fraterna os traços do Senhor» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, p. 172).

<sup>163</sup> Ms C, 15 vº.



que me pusesse na boca palavras doces e convincentes ou antes *que falasse Ele Mesmo por mim. Jesus ouviu a minha oração*, permitiu que o resultado satisfizesse inteiramente a minha esperança». <sup>164</sup>

Ela não é apenas instrumento da palavra de Deus – «falasse Ele Mesmo por mim» – mas, oficiosamente, «mestra de noviças», não oficialmente, rezou para receber a graça de ser, no seu magistério, alimento espiritual para as suas noviças. «Senhor, sou demasiado pequena para alimentar as vossas filhas; se quereis dar-lhes por mim o que convém a cada uma, enchei a minha mão pequenina e sem deixar os vossos braços, sem voltar a cabeça, darei os vossos tesouros à alma que me vier pedir alimento». <sup>165</sup> Além de «pedir o pão nosso de cada dia» para as noviças, rezou diariamente por cada uma – «parece-me que rezáveis por mim» –, «fazendo interiormente uma curta oração para que a verdade triunfe sempre» em cada correcção fraterna: «Ah, a oração e o sacrifício constituem toda a minha força; são as armas invencíveis que Jesus me deu, podem tocar as almas muito mais do que as palavras, tive muitíssimas vezes experiência disso». <sup>166</sup>

Se, como vemos, a oração é necessariamente prévia à palavra no campo da correcção fraterna para esta ser eficaz, é-o, de igual modo, no campo da pastoral vocacional, conforme se depreende, quer de resposta dada pela Madre à noviça, quer da comum oração da mestra e da noviça pelas vocações: «Certamente inspirada por Deus, respondestes que não era por cartas que as carmelitas devem salvar as almas mas pela *oração*. Ao saber da vossa decisão compreendi imediatamente que ela era a de Jesus e disse à Ir. Maria da Trindade: «É preciso pôr-nos à obra, rezemos muito. Que alegria se no *fim da quaresma*, fôssemos atendidas!...». Oh, misericórdia infinita do Senhor, que tanto quer escutar a oração dos seus filhos... No *fim da quaresma*, uma alma mais se consagrava a Jesus. Era um verdadeiro milagre da graça, milagre obtido pelo fervor de uma humilde noviça!». <sup>167</sup>

<sup>164</sup> Ms C, 21 rº.

<sup>165</sup> Ms C, 22 rº- 22 vº.

<sup>166</sup> Ms C, 24 vº. «Não era por carta que as carmelitas devem salvar as almas mas pela oração» (Ms C, 25 rº). «O apostolado da oração» (Ct 135), quando esta é essencialmente mística – «a oração que abraça com fogo de amor» – é o máximo apostolado dos santos: «levanta o mundo» (Ms C, 36 vº). «São poucos os que têm conhecimento da sua *prodigiosa entrega à oração* e, no entanto, era a *sua principal actividade*, na terra, e é o segredo máximo do seu poder» (A. A. Suarez, *o.c.*, p. 82).

<sup>167</sup> Ms C, 25 rº. Ela, também como noviça, operava milagres em favor de sua tia: «Se soubesse como a sua filha vai *rezar por si* no dia da sua festa; infelizmente, sou tão imperfeita que *as minhas*

Se «a confiança faz milagres»,<sup>168</sup> aqui e agora, como ela afirma, uma vocação de especial consagração ao Senhor é um verdadeiro milagre da graça, obtido pela oração de súplica. Daí que aproveite a ocasião para falar do poder da oração, feita com a simplicidade e a liberdade de uma criança que tudo alcança de seu pai.

«Como é grande portanto o poder da *Oração!* Dir-se-ia uma rainha que tem livre acesso ao rei e pode alcançar tudo o que pede. Para ser ouvida não é absolutamente necessário ler num livro uma bela fórmula composta para a circunstância; se assim fosse, pobre de mim! como seria digna de compaixão!... Fora do *Ofício Divino* que sou muito *indigna* de recitar, não tenho coragem para me obrigar a procurar nos livros belas orações, isso faz-me doer a cabeça e há tantas!... e depois elas são todas mais belas umas que as outras... Não poderia recitá-las todas, e não sabendo qual escolher, faço como as crianças que não sabem ler, digo muito simplesmente a Deus o que lhe quero dizer, sem fazer belas frases e Ele compreende-me sempre...».<sup>169</sup>

Da boca das crianças sai quer o louvor perfeito,<sup>170</sup> quer o perfeito magistério sobre a oração cristã, no seu duplo movimento ascendente e descendente, menos como definição teológica e espiritual, na linha do teresiano «trato de amizade»,<sup>171</sup> mais como atitude existencial e filial, condensada numa fórmula que dá «letra» ao «espírito» do Espírito, que sempre «ora em nós»,<sup>172</sup> em união com Jesus, ao Pai.<sup>173</sup>

---

*pobres orações* não têm com certeza muito valor; mas há mendigos que à força de importunar obtêm o que desejam; farei como eles e o bom Deus não me poderá enviar de mãos vazias» (Ct 99).

<sup>168</sup> Ct 129.

<sup>169</sup> Ms C, 25 rº. «A sua oração é eficaz para o cumprimento dos seus desejos: «Ele não quis que eu tivesse um único desejo que não se cumprisse» (Ms A, 81 rº). «Se um desejo apenas expresso é assim colmado, é, pois, impossível que *todos os meus desejos*, de que falo tão frequentemente ao bom Deus, não sejam completamente atendidos» (CA 16.7.2). «Procedeis como Deus que não se cansa de me ouvir quando lhe digo com toda a simplicidade as minhas tristezas e alegrias como se Ele as não conhecesse» (Ms C, 32 vº). «No coro, reza com *dificuldade* a Liturgia das Horas, apesar de se encontrar a *gosto*» (CA 6.8.6). Embora deseje recitar perfeitamente o Ofício, «estamos ante o sequestro da sua oração subjectiva, livre e espontânea» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, p. 186). «A sua oração é *simplex* e não complicada – «faço como as crianças... digo a Deus muito simplesmente o que lhe quero dizer...» –, como a da criança que fala com seu pai com as palavras mais simples... Orar é algo essencialmente *simplex*: é dizer as duas palavras «Pai Nosso» como uma criança; uma elevação do coração, um pensamento em Deus, um olhar para Ele, uma palavra de gratidão, quando estamos bem e quando estamos menos bem, sabendo que Deus é nosso Pai e quer sempre o nosso bem (Rm 8, 28)» (A. A. Suarez, *o.c.*, pp. 103 e 105). «Para as almas *simplex*, não são precisos meios complicados; como pertença a este número... Esta *simplex* palavra: «Atraí-me» basta» (Ms C, 33 vº).

<sup>170</sup> Sl 8, 7.

<sup>171</sup> S. Teresa de Jesus, V 8, 5.

<sup>172</sup> L.G. 4.

<sup>173</sup> «Não podemos, sem este Espírito de Amor, dar o nome de «Pai» ao nosso Pai que está nos Céus» (Ms C, 19 vº).

«Para mim, a oração é um impulso do coração, é um olhar simples lançado para o Céu, é um grito de reconhecimento e de amor, tanto no meio da prova como no meio da alegria; enfim, é qualquer coisa de grande, de sobrenatural que me dilata a alma e me une a Jesus». <sup>174</sup>

Contrasta toda esta espontaneidade espiritual da oração pessoal da criança que se «deixa orar» pelo Espírito, ou que se alegra de orar no espírito comunitário, com a «incapacidade de meditar» por si os mistérios do Terço, na sua lengalenga precipitada, talvez, pouco espaçada, mas que se salva sempre pela boa vontade, que agrada Àquela que é mais Mãe que Rainha.

«Não queria que julgásseis que as orações feitas em comum no coro, ou nas ermidas, eu as recite sem devoção. Pelo contrário, gosto muito das orações comuns, pois Jesus prometeu *estar no meio daqueles que se reúnem em seu nome*, e sinto então que o fervor das minhas irmãs supre o meu, mas recitar o terço sozinha (envergonho-me de o confessar) custa-me mais do que pôr um instrumento de penitência... *Sinto que rezo tão mal*, por mais que me esforce por meditar os mistérios do rosário, não consigo fixar o espírito... Desolei-me durante muito tempo por esta falta de devoção que me admirava, pois amo tanto a Santíssima Virgem que me deveria ser fácil fazer em sua honra orações que lhe são agradáveis. Agora desolo-me menos, pois penso que sendo a Rainha dos Céus *minha Mãe*, deve ver a minha boa vontade e contentar-se com ela». <sup>175</sup>

De facto, o *Pai-Nosso* e a *Avé-Maria*, são as duas orações evangélicas que o Espírito reza melhor na carne seca de Teresa, sobretudo, quando ela, no âmbito da oração, incapaz por si de um pensamento teológico, se abandona, para que Ele, como mestre interior da oração, ore nela (Rm 8, 26), grite nela o «Abbá» (Rm 8, 15), e o «Mamã» – «nome ainda mais terno

---

<sup>174</sup> Ms C, 25 r<sup>o</sup>. Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2558. Era com esta vivacidade que Teresa rezava por sua irmã Inês: «Eu quando rezo por vós, não digo o Pater ou o Ave, mas digo simplesmente com o impulso do coração: «Ó meu Deus, colmai a minha Mãezinha com toda a sorte de bens, amai-a mais, se podeis» (CA 18.4.2). Este «simples olhar», com que descreve a oração, é o «ofício de amar» (Ms B, 5 r<sup>o</sup>). Sobre o este tema, cf. ainda P. Bolognese, *La preghiera é un semplice sguardo, uno slancio del cuore*, em *Rivista di Vita Spirituale* 43 (1989) 596-605.

<sup>175</sup> Ms C, 25 v<sup>o</sup>. Apesar de *amar* a Virgem *custava-lhe* muito rezar o Terço. Contudo, desde a primeira comunhão, é já toda mariana: «Empreguei todo o meu coração para lhe *falar*, para me consagrar a ela, como a criança que se atira para os braços de sua Mãe e lhe pede que a proteja» (Ms A, 35 v<sup>o</sup>). Foi-o cada vez mais: «A Teresinha crescia no amor de sua Mãe do Céu» (Ms A, 40 r<sup>o</sup>).

que o de Mãe»<sup>176</sup> – que, por sua vez, «promete rezar pelos seus filhos»,<sup>177</sup> pois, «todas as mães rezam pelos seus filhos»: «Ah, se eu conhecesse a terra onde Deus reside, ainda que fosse preciso atravessar os mares, iria lançar-me a seus pés e pedir-lhe a vida de meu filho, o perdão para as desordens de Abramin e Deus não recusaria a oração de um coração de mãe que se confiaria a Ele...».<sup>178</sup>

«Por vezes quando o meu espírito está numa secura tão grande que me é impossível arrancar-lhe algum pensamento para me unir a Deus, recito *muito lentamente* um «Pai-Nosso» e depois a saudação angélica; então estas orações encantam-me, alimentam-me a alma muito mais do que se as tivesse recitado precipitadamente uma centena de vezes...».<sup>179</sup>

Era assim, como pela oração, se mantinha «unida» a Jesus e a Maria, com experiência real da sua ajuda espiritual, como o testemunha ela, ao acentuar o carácter cristológico e mariano da sua oração .

«A Santíssima Virgem mostra-me que não está zangada comigo, pois nunca deixa de me proteger logo que a invoco. Se me sobrevém uma inquietação, uma dificuldade, volto-me depressa para ela e sempre como a mais terna das mães se encarrega dos meus interesses. Quantas vezes, ao falar às noviças, me aconteceu invocá-la e senti os benefícios da sua maternal protecção!...».<sup>180</sup>

<sup>176</sup> Ms A, 57 rº.

<sup>177</sup> RP 6, 6 vº.

<sup>178</sup> RP 6, 5 vº.

<sup>179</sup> Ms C, 25 vº. «Digo “Deus é meu Pai” e é como se dissesse “dois e dois são quatro”... Digo “Deus é meu Pai” e não sinto nada, não sinto nenhuma emoção. E, no entanto, haveria motivo suficiente para ficar petrificado de estupor. Haveria mesmo motivo, depois de uma criatura afirmar tal coisa, para que, acto seguido, se produzisse alguma alteração na órbita dos astros» (J. M. Cabodevilla, *Hacerse como niños. Necedad para los sabios y escándalo para los justos*, BAC, Madrid, 1994, p. 81). Teresa desorbita de emoção: «Um dia entrei na cela da nossa querida Irmã e fiquei surpreendida com a sua expressão de grande recolhimento. Ela estava concentrada a costurar e, no entanto, parecia perdida em profunda contemplação : - em que está a pensar? perguntei-lhe. - «*Estou a meditar no Pai Nosso*, respondeu-me ela. *É tão bom chamar a Deus nosso Pai!*... E brilharam-lhe lágrimas nos olhos» (Ir. Genoveva, *C/S* p. 81). «Pai Nosso que estais no Céu: Oh, que consoladora é esta palavra! Que horizonte infinito abre aos nossos olhos» (Ct 127). «Nesta cena encontramos a chave da oração de S. Teresinha: procede da paternidade de Deus... A sua alma extasiava-se ante a revelação maravilhosa de que Deus era seu Pai e que ela era sua filha. Esta simples verdade, na plenitude do seu significado, está escondida aos sábios e aos inteligentes, mas é revelada aos pequenos (Mt 11, 25). Teresa contemplava o Pai dos Céus com a simplicidade e a profundidade de uma criança para quem o Céu «é permanecer sempre na sua presença/ chamar-lhe meu Pai e ser sua filha» (P 32, 4) (A. A. Suarez, *o.c.*, pp. 82-83). «Toda a sua doutrina é uma espiritualidade do Pai-Nosso» (C. Meester, *Las Manos*, p. 183). Como os orientais, Teresa introduziu na oração os dois ritmos da vida : o ritmo de respiração e o ritmo do coração (J. Lafrance, *o.c.*, p. 25). Em Teresa há a articulação perfeita entre a oração do *coração* e a oração dos *lábios*, isto é, desceu da cabeça ao coração, que ora, na doçura e calor do E. Santo, *lentamente* ao Pai, no meio da secura, com gemidos profundos. É o coração que ora, que conhece Jesus – «um só acto de amor faz-nos conhecer melhor Jesus» (Ct 89) –, que vê sempre o coração (Ct 73), melhor dito, vê o amor do coração (Ct 114).

<sup>180</sup> Ms C, 26 rº.

O seu génio manifesta-se, no meio de uma caridade fraterna difícil, praticada durante a oração da tarde, ao converter o que ela chama «uma oração de sofrimento» numa «oração de oferecimento», num encantador concerto para Jesus.<sup>181</sup> O seu zelo missionário explode na eclesialidade e apostolicidade da sua oração já universal.

«Pois “o zelo de uma carmelita deve abraçar o mundo”, espero com a graça de Deus ser útil a mais de *dois* missionários e não poderei esquecer de *rezar por todos*, sem deixar de lado os *simples sacerdotes* cuja missão por vezes, é tão difícil de cumprir como a dos apóstolos que pregam aos infiéis. Enfim quero ser filha da Igreja como o era a nossa Madre S<sup>ta</sup> Teresa e *orar pelas intenções do nosso S<sup>to</sup> Padre o Papa*, sabendo que as intenções dele abraçam o universo. Eis o fim geral da minha vida, mas isto não me teria impedido de rezar e de me unir especialmente às obras dos meus queridos anjinhos se tivessem sido sacerdotes. Pois bem, eis como me uni espiritualmente aos apóstolos que Jesus me deu como irmãs: tudo o que me pertence, pertence a cada um deles; sinto bem que o bom Deus é demasiado bom para fazer partilhas, e é tão rico, *dá sem medida tudo o que lhe peço...* Mas não julgueis, minha Madre, que me perco em longas enumerações».<sup>182</sup>

Mais que demorar-se em longas orações de longos pedidos, encontrou o meio simples da contemplação como atracção do amor de Deus que faz do atraído um instrumento de atracção junto dos que ama.<sup>183</sup> Estamos ante «a santidade criadora de audácia que se expande

---

<sup>181</sup> Ms C, 30 v<sup>o</sup>.

<sup>182</sup> Ms C, 33 v<sup>o</sup>. «Teresa ao receber o seu segundo sacerdote, aprendeu a dar o único e definitivo passo da Igreja, o da sua universalidade católica» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, p. 191). Teresa faz sua a oração de Cristo pela Igreja, especialmente pelos missionários e pelos pecadores: «Recorda-te *tuas orações divinas* / Teus cantos de amor nas horas do sono / *Tua oração*, ó meu Deus, ofereço-a com delícia / *Durante minhas orações* e depois no santo Ofício /... Cada dia, ó meu Deus, imolo-me e *oro* / Que minhas alegrias e meus prantos / São para teus operários /... Jesus, pelos pecadores, quero *orar sem cessar*» (P. 24,14-16). É preciso lembrar a perseguição generalizada contra a Igreja, a perda dos Estados Pontifícios (1870), para compreender esta eclesialidade da oração teresiana: «Orai pelo nosso Santo Padre o Papa, tão aflito e tão humilhado em Roma. Os seus inimigos perseguem-no com todos os meios, aqui tudo está permitido contra ele, a impunidade está assegurada. É desolador! Em Roma triunfa o inferno» (Carta de Fr. Simeão a Teresa, de 31/8/1890).

<sup>183</sup> «Senhor, compreendo-o, quando uma alma se deixa cativar pelo odor inebriante dos vossos perfumes, não poderá correr sozinha, todas as almas que ama serão arrastadas atrás dela... Assim, ó meu Jesus, a alma que mergulha no oceano sem praias do vosso amor atraí com ela todos os tesouros que possuí... Senhor, bem o sabeis, não possuo mais nenhuns tesouros do que as almas que tivestes por bem unir à minha» (Ms C, 34 r<sup>o</sup>). É a eclesialidade da sua oração: «amo a Igreja minha Mãe» (Ms B, 4 v<sup>o</sup>). «A dilatação da alma de Teresa tem o seu ponto final na Igreja... A sua missão na Igreja é o mistério da contemplação como acção» (H. U.v. Balthasar, *o.c.*, pp. 189 e 193).

em caridade cósmica»,<sup>184</sup> numa espécie de teresiana «oração sacerdotal» que «ousa empregar as palavras que Jesus dirigiu ao Pai celeste», na última noite da sua vida, pelos que o Pai lhe deu.

«Quereria poder dizer-vos, ó meu Deus: Glorifiquei-vos na terra; levei a cabo a obra que me destes a realizar, fiz conhecer o vosso nome àqueles que me destes: eram vossos, e destes-mos. Agora conhecem que tudo o que me destes vem de vós; porque lhes comuniquei as palavras que me comunicastes, receberam-nas e acreditaram que fostes vós que me enviastes. Peço por aqueles que me destes porque são vossos. Já não estou no mundo; quanto a eles ainda continuam nele e eu volto para vós. Pai Santo, conservai pelo vosso nome aqueles que me destes. Agora vou para vós, e é a fim de que a alegria que vem de vós seja perfeita neles, que digo isto enquanto estou no mundo. Não vos peço que os retireis do mundo, mas que os preserveis do mal. Não são do mundo, assim como eu também não sou do mundo. Não é só por eles que peço, mas é também por aqueles que hão-de crer em vós por meio do que lhes ouvirão dizer... Meu Pai, desejo que onde eu estiver, aí estejam comigo aqueles que me destes, e que o mundo conheça que vós os amastes como me amastes a mim mesmo».<sup>185</sup>

Assim como Jesus rezou pelos seus, assim também Teresa orou para glorificar a Santíssima Trindade e pelos que amava, para os reunir na Eucaristia da glória: «Quero pedir simplesmente que um dia estejamos todos reunidos no vosso belo Céu».<sup>186</sup> Assim como Jesus, amado pelo Pai, pediu pelos que amava, assim Teresa, colmada de amor,<sup>187</sup>

<sup>184</sup> P. Evdokimov, *A loucura do amor de Deus*, ed. Paulistas, 1979, pp. 76 e 49.

<sup>185</sup> Teresa apropria-se audaciosamente da «oração sacerdotal» de Jesus ao Pai pelos seus: «As vossas palavras, ó Jesus, são minhas, portanto, posso servir-me delas para atrair sobre as almas que me estão unidas os favores do Pai Celeste» (Ms C, 34 v °). «A oração sacerdotal de Jesus depois da Ceia converteu-se na verdadeira oração desta irmã abrasada pela febre. Ela sabe-a de memória. Escreveu-a de um tirão. Encontra nela a expressão adequada da sua alma e de seu destino... Eis a Teresinha transformada em esposa de Cristo e identificada de tal modo com seu Esposo que *reza com a sua mesma oração* e respira com o mesmo sopro de seu amor» (A. Combes, *Santa Teresa de Lisieux y su Misión*, p. 141)

<sup>186</sup> Ms C, 34 v °. Chama notoriamente a atenção que Teresa tenha suprimido da «sua» «oração sacerdotal» aqueles versículos que dizem respeito à dimensão ecuménica da oração de Jesus, transferindo-a, talvez, da sua dimensão terrestre, para a escatológica da «reunião de todos no Céu». Porém, a oração da Igreja, às portas do Terceiro Milénio, é uma «oração ecuménica», que acentua o «já» da unidade cristã: «Neste crepúsculo do milénio, a Igreja deve dirigir-se com prece mais instante ao Espírito Santo, implorando-lhe a graça da *unidade dos cristãos* (...) Eis, portanto, uma das tarefas dos cristãos a caminho do ano 2000 (...) Impõe-se prosseguir com o diálogo ecuménico, mas sobretudo empenhar-se mais na *oração ecuménica*» (J. Paulo II, *TMA* n. 34).

<sup>187</sup> «Ó meu Jesus, é talvez ilusão, mas parece-me que não podeis colmar uma alma com maior amor

pediu pelos seus, especialmente pelas suas noviças<sup>188</sup> e seus missionários.<sup>189</sup> É no contexto da atracção do Pai (Jo 6, 44), que a oração de petição de Teresa (Mt 7, 8), entendida joaninamente (Jo 16, 23) e lucanamente (Lc 15, 31), é infalivelmente atendida, como o era já a «oração profética» do Espírito (Cânt 1, 4), porque esta nova esposa, unida ao Esposo, forma com Ele um fogo de amor activo, de passiva aparência contemplativa.

«Que é, pois, pedir para ser *Atraído*, senão unir-se de maneira íntima ao objecto que cativa o coração?... Madre muito querida, *eis a minha oração, peço a Jesus que me atraia para as chamadas do seu amor*, que me una tão estreitamente a Si, que viva e actue em mim. Sinto que quanto mais o fogo do amor abrasar o meu coração, tanto mais direi: *Atraí-me*; tanto mais também as almas que se aproximarem de mim (pobre pedacinho de ferro) tanto mais estas almas correrão com rapidez no odor dos perfumes do seu Bem-Amado, porque uma alma abrasada de amor não pode continuar inactiva...».<sup>190</sup>

---

do que colmastes a minha; é por isso que ousou pedir-vos para amardes os que me destes como me amastes a mim» (Ms C, 35 r<sup>o</sup>).

<sup>188</sup> «Aplico às minhas irmãszinhas as primeiras palavras recolhidas do Evangelho: comuniquei-lhes as palavras que me comunicastes» (Ms C, 35 r<sup>o</sup>). Teresa evangeliza as suas irmãs noviças no seu caminho de infância espiritual (Ct 247).

<sup>189</sup> «Era em vossos queridos filhos espirituais que são meus irmãos que pensava ao escrever estas palavras de Jesus e as que lhe seguem: «Não vos peço que os retireis do mundo... peço-vos ainda por aqueles que hão-de crer em vós por meio do que lhes ouvirão dizer». Como poderia eu, de facto, não orar pelas almas que eles hão-de salvar nas missões longínquas pelo sofrimento e a pregação?» (Ms C, 35 v<sup>o</sup>). A sua absoluta confiança, de que a sua oração de súplica será sempre atendida, apoia-se quer na promessa de Jesus – «pedi e recebereis» (Mt 21, 22; Lc 11, 10)–, quer na generosidade do Pai celeste –«quanto mais o vosso Pai que está nos Céus dará o Espírito Santo àqueles que o pedem»– (Lc 11, 11), quer no dom do «espírito de adopção filial», que grita em nós «Abbá, Pai» (Rm 8, 15).

<sup>190</sup> Ms C, 36 r<sup>o</sup>. «A oração de apóstolo não tem que encaminhar-se para as almas que estão ao seu cuidado e que já o Pai atrai para o seu Filho por meio do Espírito. Tem que se dirigir para o *Centro atractivo*, para esse nó ontológico do criado e do increado, para o seu Filho único que pode sustentar e pôr em seu lugar cada uma das almas que só Ele pode salvar... «Atraí-me» é o único movimento de alma que se requer para «ser atraída» e, por sua vez, se tornar ponto de atracção e colaborar na redenção» (A. Combes, *o.c.*, p. 138). «A oração sacerdotal de Jesus e de Teresa é tanto de pura contemplação como de pura acção, de união a Jesus e de atracção das almas. Teresa reabilita assim a contemplação diante da acção e a acção diante da contemplação e viveu o seu ideal como *simultaneidade das duas atitudes*» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, p. 203). «Antes de mais Teresa afasta a contemplação dos últimos resíduos da interpretação neoplatónica, e só por este facto corresponde-lhe um lugar dentro da história da teologia. Teresa *substitui*, se não nas palavras, sim de facto, o *conceito de efeito pelo de fecundidade* e, por isso, faz ver com toda a claridade por vez primeira que a acção não só é efeito da contemplação desbordante, no sentido de que quem está cheio até aos bordos de visão e sabedoria pode, e ainda deve, passar sem perigo a um período de comunicação exterior; mas que *a contemplação de si e por si é uma força motriz* e até, em definitiva, a fonte

Esta oração contemplativa e apostólica – «a oração que abrasa com fogo de amor» – desta nova Madalena convertida e sentada aos pés de Jesus – «parecendo não dar nada, dá muito mais do que Marta» – é, afinal a de todos os grandes santos que, na oração, adquiriram a Sabedoria, e na acção e paixão, dignificaram a humanidade.

«Todos os santos o compreenderam e mais especialmente aqueles que encheram o universo com a iluminação da doutrina evangélica. Não foi acaso na oração que os S.<sup>tos</sup> Paulo, Agostinho, João da Cruz, Tomás de Aquino, Francisco, Domingos, e tantos outros ilustres Amigos de Deus beberam esta ciência Divina que arrebatava os maiores génios? Um Sábio disse: «Dai-me uma alavanca, um ponto de apoio, e levantarei o mundo». O que Arquimedes não pôde obter, porque o seu pedido não se dirigia a Deus e porque não era feito senão sob o ponto de vista material, alcançaram-no os Santos em toda a plenitude. O Todo-Poderoso deu-lhes como ponto de apoio: *Ele mesmo e Ele só*; e, como alavanca: *a oração que abrasa com fogo de amor*, e foi assim que eles levantaram o mundo, é assim que os Santos ainda militantes o levantam e que, até ao fim do mundo, os futuros Santos o levantarão também».<sup>191</sup>

É bem o caso da própria oração de Teresa que «atraída, corre no odor dos perfumes de Cristo», não como quem corre pelo próprio pé para o primeiro lugar – «não é obra do que corre, mas de Deus que faz misericórdia» (Rm 5, 16) –, como se de possibilidade pessoal se tratasse, que desse pé para uma oração de tipo farisaico, mas como quem corre para o último, consciente da possibilidade de cometer por si todos os pecados, sem o auxílio da graça – « repito, cheia de confiança, a

---

superior de toda a fecundidade, a primeira alavanca de toda a mudança efectiva. Neste sentido, *a contemplação é mais activa que a acção*, se se toma esta como mero facto exterior (...) *A contemplação fecunda é a máxima acção»* (Id., *Teresa de Lisieux*, 3ª ed., Herder, Barcelona, 1989, pp. 198-200). «Não estamos só e apenas ante a descoberta da oração contemplativa-apostólica por parte de Teresa (G. Gaucher, *Teresa e o Cântico dos Cânticos*, em *Annales de sainte Thérèse de Lisieux* 662 (Nov. de 1987), p. 7), mas ante a «união da alma com o seu Amado», único tema que, às portas da morte, interessa a Teresa falar, pois sente-se «atraída» pelo «abismo do Amor» do Coração de Jesus» (J. F. Six, *Una Luz en la Noche. Los últimos meses de Teresa de Lisieux*, Madrid, 1996, pp. 185-186).

<sup>191</sup> Ms C, 36 r<sup>o</sup>- 36 v<sup>o</sup>. «Teresa não quer dizer que *a oração em quanto tal*, qualquer oração, seja alavanca, mas *a oração na que o coração pede ser abrasado pelo amor de Jesus*. «A oração que queima com fogo de amor», é esta e só esta oração que é alavanca, a do coração que arde em amor» (J. F. Six, *o.c.*, pp. 197-198). Em definitiva, a alavanca é o AMOR: «compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja... cujo Coração está ardendo de Amor» (Ms B, 3 v<sup>o</sup>).



humilde oração do publicano»<sup>192</sup> –, fonte da sua amorosa audácia de arrependida que, pela confiança se eleva para Deus, se lança nos braços de Jesus, o ascensor que ao santificá-la misericordiosamente, misericordiosamente levanta nela e por ela o mundo.<sup>193</sup>

## Conclusão

Depois de termos acompanhado a vida de oração e o magistério oracional de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, principalmente nos *Manuscritos Autobiográficos*,<sup>194</sup> convém deter-nos um pouco a recuperar, em síntese o que ela viveu e o que ela ensinou sobre a oração cristã.

Em primeiro lugar, é de realçar a presença da oração em todo o seu ciclo vital e itinerário espiritual,<sup>195</sup> de tal modo que podemos dizer dela que foi uma « teóloga santa», a saber, uma mulher que recebeu do Senhor a «ciência do Amor», precisamente na oração,<sup>196</sup> sempre sob a exemplaridade divina e humana de Jesus.<sup>197</sup> Com esta credibilidade, diante de Deus e da Igreja, é para nós uma «graça ter as orações de uma tal santa e de ser amados por ela».<sup>198</sup>

---

<sup>192</sup> A oração do publicano corresponde inteiramente à oração do seu «pequeno caminho», caracterizando-a como uma oração humilde, isto é, a de uma pecadora: «do mesmo modo que o publicano, sentia-me uma grande pecadora» (CA 12.8.3), necessitada da ajuda do Espírito Santo para orar ao Pai (Rm 8, 26-27), e ser humilde de coração (Or 20).

<sup>193</sup> «E como tu o *objecto das suas orações* / É ver Deus reinar em *todos os corações*» (P 4, 12).

<sup>194</sup> «Os Manuscritos Autobiográficos de Teresa chegam até nós como um desses testemunhos providenciais que nos permitem descobrir que a oração pode ser uma vida dentro da nossa própria vida» (J. Lafrance, *o.c.*, p. 24). «Assim como outrora os apóstolos pediram a Jesus que os ensinasse a orar (Lc 11, 2), assim também hoje pedimos a Teresa que nos ensine a orar, com o exemplo da sua vida e a luz dos seus escritos» (A. A. Suarez, *o.c.*, p. 77).

<sup>195</sup> «A oração penetra-lhe a vida toda, como o ritmo da respiração e o bater do coração lhe animam o corpo» (J. Lafrance, *o.c.*, p. 25).

<sup>196</sup> Ct 196.

<sup>197</sup> «Peça ao Bom Deus que eu cresça em sabedoria como o Divino Menino Jesus» (Ct 202). É a chamada «teologia dos santos» (Ms C, 36 v °). O «contemplar de perto as maravilhas da sua misericórdia e do seu amor» (Ct 247), enquanto «conhecimento do amor de Cristo que ultrapassa todo o conhecimento» (Ef 3,19), é a essência da contemplação cristã, que Teresa representa de maneira eminente (Cf. F-M Léthel, *a.c.*, p. 127).

<sup>198</sup> Dizemos de Teresa o que ela disse da Madre Genoveva. Além disso, mandou rezar à santa sua padroeira: «dirijo-me a S. Teresa para obter pela sua intercessão ser tia eu também... rogo-te... dirige uma oração a St. Teresa» (Ct 150).

Em segundo lugar, relevamos a componente afectiva da sua oração,<sup>199</sup> entendida e vivida como «prática da familiaridade com Jesus»,<sup>200</sup> que fez dela um dos maiores expoentes da contemplação cristã<sup>201</sup> e da oração apostólica, em especial, pela formação dos sacerdotes.

«A Jesus, seu Esposo divino, ela pediu particularmente uma *alma apostólica*... Se o Senhor continua a atender a minha oração, obterá um favor que a sua humildade lhe impede de solicitar... é o martírio... Prometeu-me continuar a dizer cada manhã no Santo Altar: “Meu Deus, abraza a minha irmã do vosso amor”. Tudo o que peço a Jesus para mim, peço-o também para si; quando ofereço o meu fraco amor ao Bem-Amado, permito-me oferecer o seu ao mesmo tempo... Como Josué, combate na planície; *eu sou o seu pequeno Moisés* e sem cessar o meu coração é elevado para o Céu para obter a vitória... Com a ajuda da oração, que todos os dias dirige por mim ao Divino Prisioneiro de Amor, espero que não se lamentará sempre... Recomendo às suas orações um jovem seminarista que quer ser missionário, a sua vocação está a ser abalada pelo ano militar».<sup>202</sup>

No seu desejo de ser sacerdote,<sup>203</sup> pede a Deus sacerdotes segundo o Seu coração (Jr 3,15), educados na delicadeza do amor de Maria<sup>204</sup> e na santidade da Eucaristia, como é da vontade de Jesus.

«Quero que a alma do Sacerdote  
Pareça ao serafim do Céu !  
Quero que possa renascer  
Antes de subir ao Altar !..

<sup>199</sup> «Peço ao Bom Jesus que *todas as orações* que são feitas por mim sirvam para aumentar o Fogo que me deve consumir» (Ct 242).

<sup>200</sup> «Não me admiro de modo nenhum que a *prática da familiaridade com Jesus* lhe pareça um pouco difícil de realizar; não se pode chegar a ela num dia...» (Ct 258).

<sup>201</sup> «A sua oração consiste em olhar Deus de mais perto, na certeza da fé, sob o véu da obscuridade, sem querer acordar Deus no silêncio da noite que parece sono e até morte. A simplicidade e pureza da atitude filial com que olha fixamente Deus, para além de todas as imagens, fazem desta criança uma sublime contemplativa que penetra os mais altos atributos divinos e neles se ampara» (P.M. Eugène de l’E. J. *Sainte Thérèse de l’Enfant-Jésus, Docteur de la vie mystique*, em *o.c.*, p. 347).

<sup>202</sup> Ct 201.

<sup>203</sup> «Com que amor, ó Jesus, eu vos traria nas mãos... com que amor eu vos daria às almas» (Ms B, 2 vº).

<sup>204</sup> «Ó Verbo divino, que o amor deve reduzir ao silêncio, será preciso que os ministros de teus altares te toquem com a mesma delicadeza que Maria quando te envolvia em panos.... Mas infelizmente, muitas vezes teu amor será mal conhecido e os teus sacerdotes não serão dignos do seu sublime carácter...» (RP 2,7 vº).

Para operar este milagre  
 É preciso que, orando sempre  
 As almas junto do sacrário  
 Se imolem por mim cada dia». <sup>205</sup>

Da vontade de Jesus, o *louco de amor pelos pecadores*,<sup>206</sup> é não só que ela participe da sua oração pela salvação dos pecadores,<sup>207</sup> mas que confie e espere no perdão de todos.

«Quero atender tua oração  
 Toda alma obterá seu perdão  
 Enchê-la-ei de luz  
 Desde que invoque meu nome!...». <sup>208</sup>

Esta abertura universal da sua oração foi preparada, como vimos ao longo destas páginas, pela sua comunhão orante com todos os seus familiares do Céu e da terra, seu pai e cada uma das suas irmãs, seus tios e primas, suas amigas, etc... Uma vez entrada no Carmelo, onde a oração preenche todo o espaço e todo o tempo – «todo o Carmelo estava em oração por seu pai» – «pede a Jesus que faça brilhar nas almas o sol da sua graça»<sup>209</sup> e, diz ela, que sempre foi atendida.<sup>210</sup> Imbuída do espírito orante do Carmelo, permanece fiel à oração, em particular, pelos que se lhe encomendam <sup>211</sup> ou são encomendados ao seu cuidado de amor fraterno.

<sup>205</sup> RP 2, 7 v °, 14-15. «Jesus tem por nós um amor tão incompreensível que quer que tenhamos parte com ele na salvação das almas. Ele não quer fazer nada sem nós. O criador do universo espera a oração de uma pobre pequena alma para salvar outras almas resgatadas como ela ao preço de todo o seu sangue. A nossa vocação não é... A nossa missão é ainda mais sublime... *vós sois os meus Moisés orando na montanha*, pedi operários e enviá-los-ei, não espero senão uma oração, um suspiro do vosso coração... O apostolado da oração não é, por assim dizer, mais elevado que o da palavra? A nossa missão como carmelitas é formar trabalhadores evangélicos que salvarão milhões de almas de quem seremos as mães...» (Ct 135). «A contemplação de Teresa contém todos os indícios de autenticidade... *O novo na sua contemplação não está* no fundo da sua mesma essência, mas na inteligência do seu efeito, na *visão eclesiológica e soteriológica* de tudo... A contemplação é uma força motriz e a fonte superior de toda a fecundidade. Neste sentido, a contemplação é mais activa que a acção» (H. U. v. Balthasar, *o.c.*, pp.197-198). Só que, como acabamos de ver, a carmelita ha-de ser «activa na contemplação» (Ct 135).

<sup>206</sup> Ct 169.

<sup>207</sup> É o caso da sua oração pelo criminoso Pranzini (Ms A, 46r° - 46v °) e pelos incrédulos (Ms C, 6r °).

<sup>208</sup> RP 2, 7 r °, 9.

<sup>209</sup> Ct 241. Cf. Ms C 19 v°.

<sup>210</sup> «*Nunca* Nosso Senhor *me recusou* inspirar-te o que *lhe pedi para te dizer*» (Ct 144).

<sup>211</sup> «Pediste-me que rezasse pelo teu querido esposo, *pensas que poderei faltar?*... Não, não poderei separar-vos das *minhas orações*. Peço a Nosso Senhor que seja tão generoso convosco como o foi outrora com os esposos das núpcias de Caná. Possa Ele mudar sempre a água em vinho!... Isto é, continuar a tornar-te feliz e a adoçar quanto possível as provas da vida» (Ct 165).

«Se prova a consolação de pensar que *no Carmelo uma irmã reza sem cessar por si*, o meu reconhecimento não é menor que o seu para com Nosso Senhor que me deu um irmãozinho que destina a ser seu Sacerdote, seu Apóstolo... Unidos n'Ele, as nossas almas poderão salvar muitas outras... Ah, o que lhe pedimos é trabalhar pela sua glória, é amá-lo e fazê-lo amar... Como a nossa união e a nossa oração não serão abençoadas?... *Rezo também por todas as almas que lhe serão confiadas* e, sobretudo, suplico a Jesus que embeleze a sua com todas as virtudes e particularmente com a do seu amor. Dizeis-me que também rezais muitas vezes pela vossa irmã; pois que tendes esta caridade serei muito feliz se cada dia consente em *fazer por ela esta oração que encerra todos os seus desejos*: “Pai misericordioso, no nome do nosso Doce Jesus, da Virgem Maria e dos Santos, peço-vos que abrazeis a minha irmã do vosso Espírito de Amor e lhe concedais a graça de vos fazer amar muito”. Prometeu *rezar por mim toda a sua vida...* não lhe é mais permitido esquecer a sua promessa. Se o Senhor levar depressa consigo, peço-lhe que continue cada dia a mesma *pequena oração*, porque no Céu desejarei a mesma coisa que na terra: *Amar Jesus e fazê-lo amar*».<sup>212</sup>

Esta «oração perfeita», porque «encerra todos os seus desejos» dentro do «círculo perfeito» da Trindade, é, em última instância, a sua grande oração que, evidentemente, é o seu *Pater Noster*,<sup>213</sup> rezado, sem dúvida, por ela no Espírito de Amor.<sup>214</sup> Eco da sua mariana vida na Trindade,<sup>215</sup> é a sua oração, composta a 9 de Junho de 1895, na festa da Santíssima Trindade, em que se oferece a si mesma como vítima de holocausto ao Amor Misericordioso do Bom Deus.

«Ó meu Deus, Trindade Bem-Aventurada, desejo Amar-vos e fazer-vos Amar... Afim de viver num acto de perfeito Amor,

<sup>212</sup> Ct 220. Esta «bela oração trinitária», simples e profunda, contém a *estrutura trinitária* do seu *crístocentrismo místico*: em Jesus, Teresa é amada pela Trindade (Ct 165) e, em Jesus, Teresa ama a Trindade (P.17,2).

<sup>213</sup> «Recito muito lentamente um *Pai-Nosso*» (Ms C, 25 v °). A *paternidade de Deus* é a *fonte da sua oração*: «Meu Céu é estar sempre na sua presença / Chamar-lhe meu *Pai* e ser seu filho» (P 32, 4). «A oração de Santa Teresinha é a de um filho a seu pai... Deus, nosso *Pai*, deu-nos Teresa de Lisieux, para nos ensinar a rezar o *Pai-Nosso*, a oração dos filhos de Deus, com o amor, a confiança, a humildade, o abandono e a simplicidade de uma criança com seu pai» (A. A. Suarez, *o.c.*, pp. 85 e 118).

<sup>214</sup> «S. Paulo diz que não podemos, sem este Espírito de Amor, dar o nome de «*Pai*» ao nosso *Pai* que está nos Céus... Recito muito lentamente um *Pai-Nosso*» (Ms C, 25 v °).

<sup>215</sup> P. 54,4 . «Ó Mãe bem-amada, apesar da minha pequenez / Como tu possuo em mim o Todo-Poderoso» (P. 54,5).

ofereço-me como vítima de holocausto ao vosso Amor misericordioso, suplicando-vos que me consumais sem cessar, deixando desbordar na minha alma as ondas de ternura infinita que estão contidas em vós, e que assim me torne mártir do vosso Amor, ó meu Deus!...». <sup>216</sup>

Com todo este potencial de confiança e abandono na misericórdia de Deus, ela é uma testemunha qualificada do «grande poder da oração», <sup>217</sup> da sua fecundidade apostólica. <sup>218</sup>

«Posso obter tudo quando no mistério  
Falo coração a coração com meu Divino Rei  
Esta doce Oração pertinho do Santuário  
Eis o meu Céu para mim!...». <sup>219</sup>

Belo é que a oração seja o «seu Céu». Não menos belo que seja o «seu purgatório», <sup>220</sup> o «seu inferno», <sup>221</sup> o seu «mar de dor», <sup>222</sup> o seu «morrer de amor».

«Jesus, ouve o grito da minha ternura  
Vem ao meu coração!  
Ah, quanto queria que tua bondade me deixe  
Morrer de amor depois deste favor». <sup>223</sup>

Por fim, fazemos nossa, a oração de Teresa, aliás como já a Igreja a tinha feito sua com Pio XI, <sup>224</sup> com que ela conclui a sua carta

<sup>216</sup> Or 6.

<sup>217</sup> «A oração e o sacrifício são *toda a minha força*» (Ms C, 24 v °). «Não deixemos de rezar, a confiança faz milagres... «Uma alma justa tem *tanto poder* sobre o meu coração que *pode* obter o perdão para mil criminosos» (Ct 129).

<sup>218</sup> «As *minhas pobres orações* sem dúvida valem pouco, mas, ainda assim, espero que Jesus as atenderá e que, em vez de olhar para aquela que lhas dirige, deterá o seu olhar naqueles que são o objecto delas, e assim será *obrigado* a conceder-me *todos os meus pedidos*» (Ct 131). É que «os pobres que importunam obtêm o que desejam; farei como eles e o bom Deus não me poderá despedir de mãos vazias» (Ct 99).

<sup>219</sup> P. 32,2.

<sup>220</sup> «Não posso mais! Ah! *rezem por mim!* Jesus! Maria!» (CA 29.9.5).

<sup>221</sup> «*Não posso rezar!* Posso apenas olhar a Santíssima Virgem e dizer: Jesus!... Como é necessária a oração de Completas» (UC / G 16.8).

<sup>222</sup> «Numa das minhas visitas da noite, encontrei a minha irmãzinha com as mãos juntas e os olhos levantados para o Céu: «Que fazes assim? disse-lhe, é preciso tentar dormir». - «Não posso, sofro muito, então rezo...».- «E que dizes a Jesus?» -. Não lhe digo nada, amo-O !» (UC / G 9.2.). É o *hapax* final teresiano da oração como amor!

<sup>223</sup> PS 8.

<sup>224</sup> Pio XI, *Homilia na Missa de Canonização de S. Teresa do Menino Jesus*, em 17/ 5 / 1925.

a Jesus, a chave de ouro com que fecha a sua vida de oração: «Suplico-te que baixes o teu olhar divino sobre grande número de *pequenas* almas... Suplico-te que escolhas uma legião de *pequenas* vítimas dignas do teu AMOR!...». <sup>225</sup>

### BIBLIOGRAFIA

A. A. Ballestrero, *Maestro e discepolo: la preghiera in Giovanni della Croce e in Teresa di Lisieux*, em *Rivista di Vita Spirituale* 45 (1991) 204-221.

A. A. Suarez, *La lección mistagógica de santa Teresa del Niño Jesús*, em *Pedagogia mistagógica de la oración. La oración da las dos Teresas*, Monte Carmelo, Burgos, 1989.

A. Combes, *Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus. Contemplation et apostolat*, Paris, 1950; *Un exemple à proposer: l'espérance dans la prière de sainte Thérèse de Lisieux*, em *Lumen Vitae*, 9 (1954) 503-518; *Sainte Thérèse de Lisieux, modèle de vie contemplative*, em *Ephemerides Carmeliticæ* 13 (1962) 80-135.

A. De Sutter, *Pregare è pensare a Gesù, amandolo*, em *Rivista di Vita Spirituale* 27 (1973) pp. 403-425; *Pregare è soprattutto amare: Teresa di Gesù Bambino*, em AA. VV., *La Preghiera: Bibbia, Teologia, Esperienze Storiche*, ao cuidado de E. Ancilli, vol I, Roma, 1988, Città Nuova Editrice, 1988, pp. 397-415.

Gabriel de S. Marie-Madeleine, *L'Oraison contemplative de sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus*, ED, 28 (1953) 18-25 e 34-42.

Gregorio di Gesù Crocifisso, *Il sonno nell'orazione. A proposito di S. Teresa di Gesù Bambino*, em *Rivista di Vita Spirituale* 22 (1968), pp. 216-222.

G. Gaucher, *La prière de Thérèse malade*, em *Carmel* 8 (1971), pp. 317-325.

Lucien-Marie de Saint-Joseph, *Grâces insignes d'oraison chez sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus*, em *Carmel* (1959) 6-14.

P. Bolognese, *La preghiera é un semplice sguardo, uno slancio del cuore*, em *Rivista di Vita Spirituale* 43 (1989), pp. 596-605.

Victor Sion (de la Vierge), *La Prière de sainte Thérèse de Lisieux*, em *La vie spirituelle*, 102 (1960), I, 34-58; *Cammino di preghiera con Teresa di Lisieux*, Brescia, Morcelliana, 1985; *Camino de oración con Teresa de Lisieux*, Herder, Barcelona, 1985.

<sup>225</sup> Ms B, 5 v °.

# «EU ESCOLHO TUDO O QUE VÓS QUISERDES»

«Seja feita a vossa vontade»\*

BENNO SKALA

Nos escritos de S. Teresa do Menino Jesus não se encontra nem um comentário ao Pai-Nosso nem uma interpretação da petição do Pai-nosso «seja feita a vossa vontade». Mais do que escrever sobre essa petição, Teresa viveu-a. Ela demonstra-o sobretudo nas etapas da sua vida, como a entrada para o Carmelo, sendo professa, ou na sua doença. Gostaria de citar alguns textos dos seus *Manuscritos Autobiográficos* (Ms A, B, C), das *Cartas* (CT) bem como dos *Últimos Conselhos e Recordações* (CA), que provam claramente como ela viveu segundo a vontade de Deus.

## *Eu escolho tudo!*

Nesta exclamação de quando era criança (Ms A 10r<sup>o</sup>-10v<sup>o</sup>) vê Teresa um prenúncio da sua atitude espiritual. Escolher tudo, significa para ela aspirar à perfeição total. E não se contentar com praticar umas quantas virtudes, boas acções ou algumas «perfeições».

«Este pormenor da minha infância é o resumo de toda a minha vida. Mais tarde, quando encarei a perfeição, compreendi que para se vir

---

\* In *Christliche Innerlichkeit*, 2/1996, p. 73-78. (Editor: Silbergasse, 35, A-1190 Viena/Áustria).  
Gentilmente cedido por Carmelitas Descalços - Áustria.

a ser *uma santa* era preciso sofrer muito, procurar sempre o mais perfeito e esquecer-se de si mesma; compreendi que havia muitos graus na perfeição e que cada alma era livre de responder aos apelos de Nosso Senhor, de fazer pouco ou muito por Ele, numa palavra, de *escolher* entre os sacrifícios que Ele pede. Então, como nos dias da minha primeira infância, exclamei: -«Meu Deus, *eu escolho tudo*. Não quero ser uma *santa a meias*; não tenho medo de sofrer por Vós; só tenho medo de uma coisa, é de conservar a minha *vontade*, tomai-a, porque “Eu *escolho tudo*” o que Vós quereis!...» (Ms A 10r<sup>o</sup>-10v<sup>o</sup>)

De modo semelhante, lê-se no início dos seus Manuscritos Autobiográficos, que Deus, com efeito, criou flores diferentes e que precisamente esta diferença é a que dá beleza à Primavera. «A perfeição consiste em fazer a sua vontade, em ser o que Ele quer que sejamos...» (Ms A 2v<sup>o</sup>).

Como lugar onde a margarida ou a violeta há-de florir ela vislumbra o Carmelo, «onde tudo me dilatava a alma» (Ms A, 43v<sup>o</sup>).

### *Entrada para o Carmelo*

Teresa conhece desde muito cedo a sua vocação para o Carmelo, a saber, que esta é a vontade de Deus. Cedo demais, aliás, no entender dos seus conterrâneos. O resultado é uma luta prolongada.

Por um lado, ela deve esclarecer que «queria ir para o Carmelo, não pela Paulina, mas só por Jesus» (Ms A, 26r<sup>o</sup>). Paulina, a segunda irmã mais velha, ocupou durante muito tempo junto de Teresa o lugar da mãe até à sua entrada no Carmelo, e não admira que se repreenda a jovem de 14 anos de andar à procura de sua «mãe». O último parente a ceder à sua oposição foi o irmão da sua mãe, o tio Isidoro Guérin. Contudo, ele deixa-se finalmente convencer do bom espírito de Teresa. «O meu tio achava-me muito nova, mas ontem dizia-me que queria fazer a vontade de Deus» (CT 28).

Mais difícil é convencer os superiores do Carmelo. Do Superior ao Vigário Geral e do Bispo até ao Papa, Teresa experimenta quer a oposição quer a consolação de aguardar para mais tarde. «A minha alma estava mergulhada na amargura, mas também na paz, porque não procurava senão a vontade de Deus» (Ms A 55v<sup>o</sup>), comenta Teresa este contratempo. Esta situação é dolorosa para Teresa, mas também purificadora, pois aprende a ser paciente e a tomar parte na escuridão e na incerteza, das



quais qualquer um pode aprender a querer fazer a vontade do Pai no mundo concreto. Este paradoxo, por um lado, amargura, escuridão até ao não-poder-acreditar e, por outro lado, uma paz mais profunda, irá Teresa experimentá-lo mais intensamente ainda no Carmelo.

Após ter obtido a autorização para entrar no Carmelo, permanece ela, não de forma passiva, em conformidade com a vontade de Deus: «As minhas mortificações consistiam em quebrar a minha vontade, sempre pronta a impor-se, em reter uma palavra de réplica, em prestar pequenos serviços, sem querer nada em troca, em não apoiar as costas quando estava sentada, etc., etc.» (Ms A 68v°).

### A Profissão

A Profissão é adiada, como tinha sido adiada a entrada no Carmelo, não para prejuízo de Teresa, pois ela compreende «que o meu desejo tão vivo de professar estava misturado com grande amor-próprio. Já que me tinha *dado* a Jesus para Lhe agradecer, para O consolar, não O devia obrigar a fazer a *minha vontade* em vez da sua. Compreendi também que uma noiva devia estar adornada para o dia das suas núpcias, e que eu nada tinha feito com essa finalidade... Então disse a Jesus: “Ó meu Deus! não Vos peço para pronunciar os meus santos votos; *esperarei tanto quanto quiserdes*; só não quero que a minha união convosco seja diferida por minha culpa. Por isso vou pôr todos os meus cuidados em me preparar um belo vestido, enriquecido com pedras preciosas; quando o achardes ornado com riqueza suficiente, tenho a certeza de que nem todas as criaturas juntas Vos impedirão de descerdes a mim, para me unirdes para sempre a Vós, ó meu Bem-amado!...”» (Ms A 74r°).

Notamos aqui uma situação idêntica à da sua entrada [no Carmelo]. É-lhe exigida paciência, e Teresa descobre nisso mesmo a possibilidade de se preparar para a Profissão.

Na mesma linha também se encontram as notas acerca do retiro da Profissão: «O meu retiro da Profissão foi, portanto, como todos os que se lhe seguiram, um retiro de grande aridez. Contudo, Deus mostrava-me claramente, sem que disso me apercebesse, a maneira de Lhe agradecer e de praticar as mais sublimes virtudes. Dei-me muitas vezes conta de que Jesus não me quer dar *provisões*. Alimenta-me a cada instante com um manjar completamente novo. Encontro-o em mim sem saber como lá está...

Creio muito simplesmente que é o próprio Jesus, escondido no íntimo do meu coraçãozinho, que me dá a graça de agir em mim, e me faz pensar em tudo o que Ele quer que eu faça no momento presente» (Ms A 76r°).

Teresa fundamenta a sua vida na Ordem, não em complicados raciocínios, nem em grandes projectos espirituais, mas numa vida simples na presença do Senhor. Assim, oferece-se no dia da sua Profissão, 8 de Setembro de 1890, a Jesus «para que Ele cumpra perfeitamente em mim a sua *vontade*» (Ms A 76v°). Na oração que trazia nesse dia no seu coração exprime também que se faça nela a vontade de Deus. «Ó Jesus, que sejas *tudo!*... Jesus, não Te peço senão a paz, e também o Amor, o Amor infinito, sem outro limite senão Tu... O Amor que já não seja eu, mas Tu, meu Jesus! Jesus, que por Ti eu morra mártir, do martírio do espírito ou do corpo, ou melhor, dos dois... Concede-me que cumpra os meus votos com toda a perfeição, e faz-me compreender o que deve ser uma esposa tua... Que a tua vontade se faça plenamente em mim! Que chegue ao lugar que me foste preparar à minha frente... Jesus, perdoa-me, se digo coisas que não devo dizer, não quero senão alegrar-Te e consolar-Te» (Bilhete da Profissão).

A sua insistência recai em alegrar e amar Jesus. Para demonstrar isto com mais clareza citamos mais uma vez os *Manuscritos Autobiográficos*: «Não posso dizer que tenha recebido muitas vezes consolações durante as minhas acções de graças; é talvez o momento em que menos as tenho... Acho muito natural, já que me ofereci a Jesus, não como uma pessoa que deseja receber a sua visita para consolação própria, mas, pelo contrário, para dar prazer Àquele que Se dá a mim» (Ms A 79v°).

Nos últimos meses da sua vida recorda-se também do seguinte episódio do dia da sua Profissão: «Tinham-me obrigado a pedir a cura do papá no dia da minha Profissão; mas foi-me impossível dizer alguma coisa diferente disto: Meu Deus, suplico-Vos, que a vossa vontade seja que o papá se cure!» (CA 23.7.6).

### ***Duas normas para a prática da vontade de Deus***

a) Teresa encontra a vontade de Deus na orientação da Madre Superiora. Escreve ela à Madre Maria de Gonzaga no Manuscrito C: «Sendo a vontade dos superiores a sua única bússola, estão sempre seguras de estarem no caminho recto (e não têm que recear enganar-se, mesmo que lhes pareça evidente que os superiores se enganam. Mas

quando se deixa de olhar para a bússola infalível, quando uma pessoa se afasta do caminho que ela manda seguir, sob pretexto de fazer a vontade de Deus que não ilumina bem os que, apesar disso, estão no seu lugar, depressa a alma se transvia nos caminhos áridos, onde logo lhe falta a água da graça.

Madre caríssima, vós sois a bússola que Jesus me deu para me conduzir com segurança para a margem eterna. Como me é agradável fixar em vós o olhar e cumprir em seguida a vontade do Senhor! Desde que Ele permitiu que tenha tentações contra a fé, aumentou muito no meu coração o espírito de fé que me faz ver em vós, não apenas uma Madre que me ama e que eu amo, mas, sobretudo, que me faz ver Jesus vivo na vossa alma, e comunicando-me, por meio de vós, a sua vontade. Bem sei, minha Madre, que me tratais como uma alma fraca, como filha mimada, por isso não tenho dificuldade em levar o fardo da obediência, mas parece-me, segundo o que sinto no íntimo do coração, que não mudaria de conduta, e que o meu amor para convosco em nada diminuiria se vos aproovesse tratar-me com severidade, pois veria ainda ser vontade de Jesus que assim agísseis para maior bem da minha alma» (Ms C, 11r<sup>o</sup>/11v<sup>o</sup>). Nas notas dos Últimos Conselhos e Recordações da Ir. Genoveva (= sua irmã Celina) diz Teresa que não presta obediência apenas à Madre Superiora, mas a toda a humanidade: «Habituei-me a obedecer a todos, como se ela fosse Deus que me manifesta a sua vontade» (*J'entre dans la Vie*).

b) O *sim* à vontade de Deus deve ser concretizado na prática, como Teresa exprime claramente nesta passagem: «Este ano, minha querida Madre, Deus concedeu-me a graça de compreender o que é a caridade. Dantes compreendia-o, é verdade, mas de uma maneira imperfeita. Não tinha aprofundado estas palavras de Jesus: “O segundo mandamento é **semelhante** ao primeiro: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Aplicava-me, sobretudo a amar a Deus, e foi amando-O que compreendi que o meu amor não se devia traduzir só em palavras, porque: “Não são aqueles que dizem: Senhor, Senhor, que entrarão no reino dos Céus, mas aqueles que fazem a vontade de Deus”.

Jesus deu a conhecer esta vontade diversas vezes; deveria dizer, quase em cada página do Evangelho. Mas na última Ceia, quando sabe que o coração dos seus discípulos se abrasa num amor mais ardente para com Ele, que acaba de se lhes dar no inefável mistério da Eucaristia, este

benigno Salvador, quer dar-lhes um mandamento novo. Diz-lhes com uma ternura inexprimível: “Dou-vos um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros, e que **assim como eu vos amei, vós também vos ameis uns aos outros**. O sinal pelo qual todos conhecerão que sois meus discípulos, é amar-vos mutuamente”» [Jo 13,34-35] (Ms C, 11v°).

### *Na família de Jesus*

Às citações evangélicas antes comentadas, corresponde também Mt 12,50. Teresa refere-se a isso nalgumas cartas. As palavras de Jesus ajudam-na também a ver a nova família especial: «“Aquele que faz a vontade do meu Pai, esse é minha mãe, meu irmão e minha irmã”. Sim, aquele que ama a Jesus é toda a sua família. Encontra neste coração único que não tem IGUAL, tudo o que deseja. Encontra nele o Céu» (CT 130). «Agora eis-nos as cinco [irmãs] no nosso caminho. Que felicidade poder dizer: “Tenho a certeza de fazer a vontade de Deus”... Deixemo-l’O receber e dar tudo o que quiser, a perfeição consiste em fazer a vontade d’Ele, e a alma que se Lhe entrega inteiramente é chamada pelo próprio Jesus “sua Mãe, sua Irmã” e toda a sua família. E noutro lugar: “Se alguém Me ama, guardará a minha palavra (isto é, fará a minha vontade) e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele a nossa morada” [Jo 14,23] (CT 142). Escreve ela à sua tia Elisa-Celina Guérin: «Sim, a Tia é verdadeiramente sua Mãe, Ele garante-o no Evangelho com estas palavras: “O que faz a vontade de meu Pai, esse é minha Mãe”. E a Tia fez não apenas a sua vontade mas deu-Lhe seis das suas filhas para serem esposas d’Ele!» (CT 172).

### *Na sua doença*

No Verão de 1897, constata-se que a doença de Teresa a levará à morte. Teresa prevê que vai morrer ainda nova. Para ela é a vontade de Deus, por isso mesmo ela assume uma atitude otimista em relação à doença e à morte. Nas Cartas, bem como nos «Últimos Conselhos e Recordações» ela vai ao encontro dos equívocos em relação à sua atitude otimista perante a morte. «Por um sentimento natural, prefiro morrer, mas só me regozijo com a morte, porque é a vontade de Deus a meu respeito» (CA 27.07). Escreve ela ao seu irmão espiritual, o P. Maurice Bellière: «Ó meu querido irmãozinho, como sou feliz por morrer!... Sim, sou feliz, não por ficar livre dos sofrimentos deste

mundo (o sofrimento, pelo contrário, é a única coisa que me parece desejável no vale das lágrimas), mas por ver claramente que esta é a vontade de Deus» (CT 244). Um mês mais tarde, escreve-lhe: «Estou contente por morrer porque sinto que é esta a vontade de Deus e que muito mais do que neste mundo, serei útil às almas que me são queridas, à vossa muito especialmente» (CT 253). Quase na mesma altura, escreve ela à sua irmã Leónia: «Deus parece querer prolongar um pouco o meu exílio, não me aflijo com isso pois não queria entrar no Céu um minuto mais cedo por minha própria vontade» (CT 257).

Nestas, como nas demais linhas das posteriores cartas ao P. Bellière aparece igualmente expressa a sua submissão à vontade de Deus: «Portanto o pensamento de só cumprir a vontade do Senhor é que faz toda a minha alegria» (CT 258). «Tive, pois, esta felicidade (de receber a Santa Unção) no dia 30 [de Julho] e também a de ver que Jesus-Hóstia a quem recebi como Viático para a minha longa viagem, deixava o tabernáculo para vir a mim! ... Bem longe de me queixar, alegro-me por Deus me permitir sofrer ainda por seu amor» (CT 263). «A resignação é ainda distinta da vontade de Deus; há entre elas a mesma diferença que entre a união e a unidade. Na união há ainda dois, na unidade, há apenas um» (CT 65 e CA 23.7.5). «Ele (Deus) ouviu (a sua prece para não se constranger com ela), e é o que faz. Já não entendo nada da minha doença. Agora estou melhor! Apesar disso, abandono-me e sinto-me feliz. Que seria de mim se alimentasse a esperança de morrer em breve! Quantas decepções! Mas não sofro nenhuma, porque estou contente com tudo o que Deus faz; desejo apenas a sua vontade» (CA 10.6).

Teresa pode, todavia, nos altos e baixos, conservar a sua paz interior: «O meu coração está cheio da vontade de Deus, por isso, quando lhe lançam alguma coisa por cima, não penetra no interior; é um nada que escorre facilmente, como o azeite que não pode misturar-se com a água. Bem no íntimo fico sempre com uma paz que nada pode perturbar» (CA 14.7.9). No dia 30 de Agosto, perguntam a Teresa: «Ficaria contente se lhe anunciassem que morria de certeza o mais tardar dentro de alguns dias? Apesar de tudo, preferia isso a ser prevenida de que teria de sofrer cada vez mais durante meses e até anos? —Oh! não, não ficaria nada mais contente. A única coisa que me deixa contente é fazer a vontade de Deus» (30.8.2).

Uma situação semelhante dá-se no dia 5 de Setembro, na enfermaria, quando lhe perguntam: «Se lhe dissessem que iria morrer subitamente, no próprio instante, teria algum receio? – ...Ah! que felicidade! Tanto queria partir! –Então prefere morrer a viver? – Não, de forma alguma. Se me curasse, os médicos olhavam para mim pasmados, e eu dir-lhes-ia: “Meus senhores, sinto-me muito contente por estar curada para continuar a servir a Deus na terra, já que é essa a sua vontade. Sofri como se fosse morrer; pois bem, recomeçarei de novo!”» (CA 5.9.2).

Teresa vai por este caminho até à morte. «Deus terá de satisfazer todos os meus desejos no Céu, porque eu nunca fiz a minha vontade na terra» (CA 5.9.2).

# VOLTAR AO EVANGELHO

## A mensagem de Teresa de Lisieux\*

SUPERIORES GERAIS O.CARM. E OCD

Queridos irmãos e irmãs no Carmelo.

1. Estamos a uns meses do início das celebrações do Centenário da morte da nossa irmã Teresa de Lisieux. Este aniversário faz-nos voltar os olhos para esta jovem carmelita, membro do Carmelo Teresiano de França, que soube exprimir nos seus escritos a sua profunda visão das relações entre Deus e o ser humano, fruto da sua experiência pessoal, guiada pela acção do Espírito Santo.

2. A sua missão foi recordar-nos o essencial da mensagem cristã: que Deus é amor e Se entrega gratuitamente aos que são evangelicamente pobres; que a santidade não é fruto dos nossos esforços, mas da acção de Deus, que nos pede unicamente um abandono amoroso à sua graça salvadora. Por tudo isto, os seus ensinamentos não perderam actualidade e tiveram uma tal influência que mais de trinta Conferências Episcopais e milhares de cristãos solicitaram para que seja declarada *Doutora da Igreja*.

### *Mulher Evangélica e Contemplativa*

3. Teresa de Lisieux passou a sua vida religiosa na clausura de um Carmelo e foi, apesar disso, declarada Padroeira das Missões, porque

---

\* Carta Circular dos Superiores Gerias O. Carm. e OCD por ocasião do Centenário da morte de Santa Teresa de Lisieux.

soube unir a espiritualidade contemplativa com a dimensão apostólica. Igualmente, transmitiu a sua experiência evangélica com uma linguagem simples e vital, capaz de ser compreendida e assimilada pelos cristãos de todos os povos e de todas as culturas. Antecipou-se ao Vaticano II quanto ao voltar ao Evangelho e à Palavra de Deus, ao Jesus da História e ao seu mistério pascal de morte e ressurreição. Salientou a prioridade do amor na Igreja, Corpo de Cristo. Testemunhou a espiritualidade da vida comum e o chamamento universal à santidade.

4. A experiência de Teresa de Lisieux, como mulher, adquire valor especial na nossa época, na qual se vão abrindo novas perspectivas de presença e acção para a mulher na sociedade e na Igreja. A mulher é chamada a ser “um sinal da ternura de Deus para com o género humano”,<sup>1</sup> e a enriquecer a humanidade com o seu “génio feminino”. A nossa irmã realizou estas duas coisas quer *na sua vida quer nos seus escritos*.

#### *Reler a mensagem de Teresa de Lisieux*

5. A leitura das obras da nossa irmã Teresa, feita no contexto social e eclesial do nosso tempo e a partir da nossa própria cultura, ajudar-nos-á a concentrar-nos no essencial: a abertura confiante a Deus, Pai amoroso, que nos ama e compreende; o seguimento de Jesus, nosso Irmão, presente e próximo, Caminho, Verdade e Vida; a docilidade ao Espírito Santo, que conduz a História, a história das nossas famílias religiosas e a nossa pequenina história pessoal. E tudo isto, na aceitação da nossa pobreza e debilidade, com a certeza de que nada nem ninguém nos pode separar do amor de Deus em Jesus Cristo (cf. Rom 8, 37-39).

6. Esperamos que as nossas reflexões sirvam para vos ajudar a manter vivo o dinamismo desta celebração que deve ser um *momento de graça* para todo o Carmelo: religiosos, religiosas, sacerdotes e leigos.

#### *Actualidade eclesial de Teresa de Lisieux*

7. Durante o Sínodo sobre a Vida Consagrada, a nossa irmã foi citada várias vezes pelos sinodais como alguém que tem uma mensagem

---

<sup>1</sup> VC 57. Usaremos as abreviaturas seguintes: VC = Vita Consecrata; GS = Gaudium et Spes; DV = Dei Verbum; R = Regra carmelitana (o primeiro número citado é o modo de numerar da O.Carm, e entre parêntesis vai a numeração usada pela OCD).



actual para a Igreja no limiar do Terceiro Milénio. Entre as intervenções destaca-se a do Secretário Geral, o Cardeal Schotte, que conclui a sua informação trienal com estas palavras:

«Seja-me permitido concluir este relatório recordando aquela mulher que é um testemunho excelente da Vida Consagrada na missão da Igreja: Santa Teresa do Menino Jesus (...). Esta religiosa do Carmelo de Lisieux distinguiu-se pela sua humildade, a sua simplicidade evangélica e pela confiança em Deus (...). Nas suas notas autobiográficas ela recorda, entre outras coisas, que “ao desejar intensamente o martírio, fui procurar nas cartas de S. Paulo uma resposta. O Apóstolo explica que os mais altos carismas não são nada sem a caridade e que esta mesma caridade é o melhor caminho para se chegar com segurança a Deus. Então eu encontrei a paz (...), no coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor”».

8. Na audiência do dia 4 de Janeiro de 1995, João Paulo II, ao falar sobre o compromisso da Vida Consagrada com a oração, fez ver a importância que a oração tem na evangelização, e conclui assim:

«A este propósito é belo concluir a presente catequese com a lembrança de Santa Teresa do Menino Jesus que, com a sua oração e o seu sacrifício, servia a evangelização como e até mais do que se se tivesse dedicado à acção missionária, a tal ponto que foi proclamada Padroeira das Missões».<sup>2</sup>

9. A Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* menciona também a nossa irmã salientando o seu anseio de ser o amor no coração da Igreja<sup>3</sup> e o seu ideal de se ver envolvida numa colaboração singular com a actividade missionária, repetindo tantas vezes o seu desejo de amar Jesus e fazê-lo amar,<sup>4</sup> a partir da sua comunhão com Ele: «Ser vossa esposa, ó Jesus, ... ser, na minha união convosco, mãe das almas».<sup>5</sup>

### *Convite ao essencial*

10. Teresa de Lisieux soube exprimir no seu nome de religiosa, “do Menino Jesus e da Santa Face”, todo o processo da sua vida, que a levou à maturidade espiritual através do aniquilamento da Encarnação

<sup>2</sup>L' *Osservatore Romano* 5 de Janeiro de 1995, p. 4.

<sup>3</sup> VC 46.

<sup>4</sup> *Ibid.* 77.

<sup>5</sup> *Ibid.* nota 72.

(kenose) e do sofrimento de Jesus que, pelo seu mistério pascal, nos liberta de toda a escravidão. Teresa soube compreender e viver o projecto de vida de Jesus, que transforma e dá uma nova dimensão às nossas relações com Deus, com os outros e com as coisas. Diante do *projecto de morte*, que nos domina e escraviza em todos os sentidos, encontramos o *projecto de vida do Evangelho*, que nos liberta e nos transforma. A missão de Teresa de Lisieux foi precisamente a de nos recordar estas verdades e concentrar-nos novamente no essencial.

11. Na perspectiva do projecto de Jesus, que recordaremos brevemente, aprofundaremos a mensagem de Santa Teresa de Lisieux: ela convida-nos a passar do Deus Juíz para o Deus Pai-Mãe, da desconfiança para a confiança e abandono n'Ele, da procura da perfeição para a procura da comunhão com Deus, da complicação para a simplicidade, das leis que escravizam para a lei do amor concreto e eficaz que liberta, da imaturidade para a maturidade, do ascetismo exterior para a abnegação evangélica, dos méritos para as mãos vazias, das considerações puramente espirituais para a Palavra de Deus, de uma oração complicada para um olhar simples e contemplativo, da Maria inatingível para a Maria do Evangelho tão próxima.

## I. O projecto de Jesus

12. O Evangelho de Jesus, a Boa Nova que Ele comunica, é a proclamação da *vida* e da *liberdade*. Uma *liberdade* que é símbolo do amor, que se esquece de si mesmo e se entrega pelo bem dos outros.

13. Jesus, durante a sua vida terrena e na sua pregação, realizou o seu compromisso com a vida, até aceitar um processo de morte, que culminou na cruz. Ao incarnar, Jesus assume a condição humana e valoriza-a em toda sua dignidade. Isto levou-O a respeitar a vida de cada pessoa e a lutar contra tudo o que a diminui e oprime. Nunca permanece insensível e indiferente diante do sofrimento e da morte. Pelas suas atitudes revela o desígnio de Deus, que é um projecto de vida. Até mesmo o sofrimento, nos desígnios de Deus, é um caminho de vida e de ressurreição.

14. O Deus da vida fez-se presente em Jesus de Nazaré. Jesus, que era a Palavra da vida (Jo 1, 4), veio para comunicar-nos a vida em abundância (cf. Jo. 10, 10) e para nos transformar em filhos de Deus

(Jo 1, 14). Na sinagoga de Nazaré, ao comentar o anúncio da Boa Nova da vida, Jesus apresentou-a também como libertação (Lc 4, 17-21). Neste seu discurso programático apontou algumas escravidões e opressões que dominam o ser humano e o mantêm numa situação de morte.

15. O projecto de vida, que Jesus apresenta e inicia, atinge os três níveis de relacionamento do ser humano: Deus, os outros e as coisas.

#### *Do fatalismo à responsabilidade de filhos e filhas de Deus*

16. Ao projecto de morte, que considerava Deus como Criador poderoso e terrível, Jesus opôs o seu projecto de vida, revelando Deus como Pai-Mãe que, longe de nos impor um destino, nos ajuda a superar o fatalismo e a sentirmo-nos seus colaboradores livres e responsáveis. As relações com o Deus da vida, segundo Jesus, são relações de amor e de confiança.

17. A revelação do rosto do Pai feita por Jesus é o eixo de toda a vida do cristão e transforma-se no centro da sua existência. Este Deus de Jesus é um Deus que respeita a nossa liberdade. Um Deus sempre muito grande e único fundamento da nossa existência.

18. É a partir desta imagem do Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo que se pode tornar realidade o compromisso com a vida em todas as suas dimensões.

#### *Da divisão à comunhão na fraternidade*

19. No projecto de vida apresentado e iniciado por Jesus, as relações com os outros resumem-se no mandamento do amor ao próximo, baseado no mandamento do amor a Deus com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças (cf. Mt 27, 37-39).

20. Guiado por este amor, Jesus coloca-se do lado dos marginalizados e excluídos, destinados a morrer de muitas maneiras: pobres, doentes, mulheres, crianças, pecadores, estrangeiros. Jesus oferece a vida a todos. Luta contra tudo o que se opõe à vida e, igualmente, contra tudo o que dá origem a divisões entre próximo e não-próximo, entre pagão e judeu, entre homem e mulher.

21. A pessoa humana é uma síntese da criação, realizada na e para a Palavra (cf. Jo 1, 3; Col 1, 15-16); por isso, possui uma sacralidade que lhe vem de Deus. O ser humano, à luz de Cristo, aparece no universo como

aquele que ouve a Palavra de Deus e lhe responde em nome de todas as coisas, como interlocutor de Deus. Pela sua encarnação, o Filho de Deus “de certo modo uniu-se a todo o homem”.<sup>6</sup> Cristo, vizinho de nós, presente em todo o ser humano, “com ternura especial, quis identificar-se com os mais débeis e pobres”,<sup>7</sup> como o manifesta o texto de Mateus 25, 31-46.

22. Trata-se de uma presença sacramental, que revela e oculta ao mesmo tempo. No rosto de cada ser humano podemos encontrar algo do rosto de Jesus, Verbo da Vida. O mistério de Deus intui-se, em primeiro lugar, na experiência irrepetível de cada pessoa. E ainda na realidade autónoma e recíproca do homem e da mulher. João Paulo II pôs em relevo a dignidade da mulher e a sua “contribuição específica para a vida e para a acção pastoral e missionária da Igreja..., que conta muito (com elas) para uma contribuição original na promoção... especialmente no que toca à dignidade da mulher e ao respeito da vida humana... e a promoção de bens fundamentais como a vida e a paz”.<sup>8</sup>

23. A descoberta de Deus presente nos outros traz consigo uma transformação no relacionamento humano e leva a viver o compromisso de uma caridade concreta e eficaz; exige a abertura à fraternidade universal na Igreja e na sociedade e pede um compromisso com tudo o que implique vida, comunhão e participação, a partir de uma opção preferencial pelos pobres, nos quais a imagem de Deus “está ensombreada e escarnecida”.<sup>9</sup>

#### *De um uso egoísta a um uso partilhado dos bens*

24. No projecto de vida de Jesus, as relações com as coisas transformam-se. Somos convidados a passar de um uso das coisas que nos aliena e escraviza, e leva a oprimir os outros e a colocá-los em situações de morte, ao uso delas com liberdade e, sobretudo, a partilhá-las com o próximo numa sociedade justa e humana para todos. Para Jesus, as coisas deveriam ser um lugar de encontro com Deus e com os irmãos e irmãs e um meio de comunicação e comunhão entre as pessoas.

25. A mensagem religiosa de Jesus tem consequências sociais, que derivam num compromisso com a justiça como fonte de vida. Aí está

---

<sup>6</sup> GS 22.

<sup>7</sup> Documento de Puebla, 196.

<sup>8</sup> VC 57-58.

<sup>9</sup> Puebla, 1142.

expressa a dimensão comunitária e social do mandamento do amor. Jesus anunciou o Reino de Deus, seu supremo projecto de vida, e isto tem repercussões nas estruturas da convivência humana. Quando estas estruturas se baseiam na injustiça e na opressão, convertem-se em instrumentos de morte. Neste ponto os ensinamentos de Cristo questionam, interpelam fortemente e convidam a um compromisso com a justiça-vida.

## II. Teresa vive e testemunha o projecto de Jesus

26. A celebração do Centenário da nossa irmã é uma ocasião para *reler a sua vida e os seus escritos desde a perspectiva do projecto de vida de Jesus e desde o nosso meio ambiente sócio-cultural e eclesial*. Mas sobretudo, a consideração da sua experiência espiritual exige de todos uma renovação profunda da nossa vida de carmelitas. *Teresinha faz-nos lembrar os valores fundamentais do Evangelho e convida-nos a centrar-nos neles*. A partir da leitura e meditação da palavra de Deus, ela mostra-nos o essencial nas relações com Deus, com o próximo e com as coisas; vive-o de forma simples, natural e profunda e transmite-o com a sua vida e os seus escritos.

### 1. Um Deus próximo de nós e que nos ama

#### *Beber na fonte viva da Palavra de Deus*

27. Teresa de Lisieux alimentou a sua vida e espiritualidade nas fontes puríssimas da palavra de Deus. Numa época pouco aberta à leitura da Bíblia, ela realizou o que o Concílio pediria mais tarde a todos os cristãos, em especial às pessoas consagradas: adquirir “o sublime conhecimento de Jesus Cristo com a leitura frequente das divinas Escrituras, <porque ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo>”.<sup>10</sup>

28. Fiel ao mandamento da Regra, Teresa meditou dia e noite na lei do Senhor e vigiou em oração.<sup>11</sup> Como Teresa de Jesus, sua mãe, ela encontrou em Jesus o livro vivo<sup>12</sup> e, à imitação de S. João da Cruz, soube “pôr os olhos em Cristo”.<sup>13</sup> Ela própria nos diz como, pouco a

<sup>10</sup> DV25.

<sup>11</sup> Cf. R 7 (8).

<sup>12</sup> Cf. Vida 26, 5.

<sup>13</sup> Subida III, 22.

pouco, da leitura de livros espirituais, que muito a ajudaram no seu caminho, especialmente S. João da Cruz, foi passando a concentrar-se na Escritura, particularmente nos Evangelhos:

«mais tarde todos os livros me deixaram na aridez... Se abro um livro escrito por um autor espiritual... sinto logo oprimir-se-me o coração, e leio, por assim dizer, sem compreender; e se compreendo, o meu entendimento pára, sem poder meditar... Nesta impotência, a Sagrada Escritura e a Imitação vêm em meu auxílio. Encontro nelas um alimento sólido e muito *puro*. Mas é sobretudo o *Evangelho* que me vale durante as minhas orações. Nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre alminha. Nele descubro sempre novas luzes, sentidos escondidos e misteriosos... Compreendo e sei por experiência, que “o reino de Deus está dentro de nós”».<sup>14</sup>

29. A leitura e meditação da Palavra de Deus levou-a a descobrir o essencial da mensagem de Jesus na vida de cada dia. Esta relação entre a Palavra de Deus e a existência concreta faz com que “precisamente no momento em que delas tenho necessidade, descubro luzes que ainda não tinha visto... no meio das ocupações do dia”.<sup>15</sup> Mais ainda, é através da sua Palavra libertadora que Jesus se faz presente em Teresa de Lisieux: “Nunca O ouvi falar, mas sei que Ele está em mim. Ele guia-me e inspira-me a cada instante o que devo dizer ou fazer”.<sup>16</sup>

30 Na sua missão de nos recordar o essencial, a nossa irmã Teresa coloca-nos diante da Palavra de Deus, como lâmpada que ilumina os nossos passos (cf. SI 119 [118] 105),<sup>17</sup> e lembra-nos que a condição para entender a mensagem de Deus é ter um coração de criança, aberto e disponível ao que o Espírito nos vai revelando como exigência da nossa vocação e missão na Igreja.

31. É preciso viver na escuta da Palavra de Deus. Ela é “a primeira fonte de toda a vida espiritual cristã”.<sup>18</sup> A Igreja recomenda a meditação comunitária da Bíblia não apenas às pessoas consagradas, mas também a todos os membros do Povo de Deus. “Da sua convivência com a Palavra de Deus obtiveram a luz necessária para aquele discernimento

---

<sup>14</sup> *Manuscrito A 83 r°v°*. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 127.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> *Ibid.*

<sup>17</sup> Cf. *Manuscrito C 4r°*.

<sup>18</sup> VC 94.

individual e comunitário que os ajudou a procurar, nos sinais dos tempos, os caminhos do Senhor”.<sup>19</sup>

32. Teresa de Lisieux, que desejou aprender as línguas bíblicas para saborear melhor a Palavra de Deus, não teve a felicidade de viver a nova aproximação da Igreja às Escrituras. E também não teve ao seu alcance as possibilidades que hoje temos de um conhecimento e assimilação mais perfeita da mensagem bíblica. No entanto, realizou a prescrição da Regra do Carmelo: ter abundantemente, na boca e no coração, a Palavra de Deus para tudo fazer guiado por ela.<sup>20</sup> Como a nossa irmã, leiamos e meditemos a Palavra de Deus e ponhamos em prática as suas exigências, usando os novos meios que Deus nos oferece neste momento da história da Igreja, para aprofundar e compreender melhor a sua Palavra.

#### *Redescobrir o rosto paterno-materno de Deus*

33. Teresa viveu numa época caracterizada por uma espiritualidade jansenista, que deformava o rosto de Deus apresentando-O unilateralmente como juiz severo, que podia pedir, inclusive, o oferecimento como vítima para acalmar a sua justiça.

34. A leitura e a meditação da Escritura colocou Teresa de Lisieux à escuta de Jesus que lhe revelou o verdadeiro rosto de Deus: Pai-Mãe de misericórdia, que nos convida a viver numa atitude de filhos e filhas, no abandono e na confiança, entregues ao amor divino, assumindo com responsabilidade, como Cristo, a missão de proclamar o projecto de Deus sobre a humanidade. Compreendeu “como Jesus deseja ser amado”<sup>21</sup> e ofereceu-se como vítima ao Amor Misericordioso, que deseja comunicar-se a todos.

#### *A oração como diálogo simples e filial*

35. À imitação de Teresa de Ávila,<sup>22</sup> Teresa de Lisieux vive a oração como um diálogo confiante e amoroso com um Deus Pai-Mãe.<sup>23</sup> Transforma a força que comunica em experiência vital e abre-se à necessidade da abnegação evangélica, para que a oração seja autêntica:

<sup>19</sup> *Ibid.* 94.

<sup>20</sup> Cf. R 14 (16).

<sup>21</sup> *Manuscrito A 83r°.*

<sup>22</sup> Cf. Santa Teresa, *Vida* 8, 5; «que a oração mental não é outra coisa, no meu entender, senão tratar de amizade, estando muitas vezes tratando a sós com quem sabemos que nos ama».

<sup>23</sup> Santa Teresa, *Vida* 8, 5 e *Caminho de Perfeição* 31, 9.

“Ah! a oração e o sacrifício constituem toda a minha força; são as armas invencíveis que Jesus me deu. Podem, muito melhor que as palavras, tocar as almas”.<sup>24</sup>

Ela viveu uma oração cada vez mais simples, que a colocava na fonte de água viva ou junto do fogo divino que purifica e transforma: “Para mim, a oração é um impulso do coração, é um simples olhar lançado para o Céu, é um grito de gratidão e de amor, tanto no meio da tribulação como no meio da alegria; enfim, é algo de grande, de sobrenatural, que me dilata a alma e me une a Jesus”.<sup>25</sup>

### *Da santidade como “perfeição” à santidade como comunhão*

36. Redescobrir o rosto paterno-materno de Deus foi o ponto de arranque do caminho novo até à santidade que ela viveu, sobretudo a partir de 1894, na experiência da sua fraqueza. Jesus mostrou-lhe, como ela mesma conta, que o caminho é o do abandono e da confiança de uma criança que adormece, sem medo, nos braços de seu Pai.

«“Se alguém for pequenino, venha a mim”, disse o Espírito Santo pela boca de Salomão. E este mesmo Espírito de Amor disse ainda que a “misericórdia é concedida aos pequenos”. Em seu nome, o profeta Isaías revela-nos que no último dia... “Como uma mãe acaricia o seu filho, assim eu vos consolarei; levar-vos-ei ao colo e acariciar-vos-ei sobre os meus joelhos”... Jesus não pede grandes acções, mas apenas o abandono e a gratidão». <sup>26</sup>

37. Encontra-se aqui a passagem do temor à confiança. Estamos diante de Deus como filhos e filhas diante de um pai e uma mãe. Deus faz com que tudo concorra para o nosso bem, até mesmo as nossas deficiências e faltas:

«o que lhe agrada é ver-me amar a minha pequenez e a minha pobreza, é a esperança cega que tenho na sua misericórdia... para amar Jesus, para ser a sua vítima de amor, quanto mais fraco se é, sem desejos, nem virtudes, tanto mais puro se está para as operações deste Amor consumidor e transformante... Só a

<sup>24</sup> *Manuscrito C 24vº.*

<sup>25</sup> *Manuscrito C 25rºvº.* O *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2559, começa a secção dedicada à Oração, com esta definição da oração.

<sup>26</sup> *Manuscrito B 1rºvº.*



confiança e nada mais do que a confiança tem de conduzir-nos ao amor...»<sup>27</sup>

38. A origem da nossa vocação à vida consagrada no Carmelo é iniciativa do Senhor. As pessoas que respondem ao convite de Deus, entregam-se ao seu amor e consumam a entrega incondicional da sua vida, “consagrando tudo, presente e futuro”.<sup>28</sup> Como Teresa de Lisieux somos chamados a viver em profundidade a experiência do rosto paterno-materno de Deus, a viver uma oração como diálogo amoroso com Deus e com um olhar contemplativo da realidade, uma escuta de Deus para nos comprometermos com os nossos irmãos e irmãs; a encarar a santidade não como “perfeição”, mas como comunhão com Deus por meio da fé, esperança e amor. Uma santidade teologal, como a apresentam a Regra e S. João da Cruz, pai e mestre espiritual de Teresa de Lisieux por meio dos seus escritos.

#### *Fidelidade à missão e purificação da fé*

39. A experiência gratuita do rosto paterno-materno de Deus revelado em Jesus e a fidelidade à própria vocação e missão assumidas com responsabilidade, como filhos e filhas de Deus, entram na dinâmica do mistério pascal de morte e ressurreição; estão abertas à purificação e à provação da fé. Teresa de Lisieux soube exprimi-lo ao acrescentar ao seu nome, numa atitude inseparável, o Menino Jesus e a Santa Face. O Verbo Incarnado que, no mistério da sua infância, convida à confiança, ao amor, ao abandono, é o mesmo “servo sofredor” que nos introduz no mistério do sofrimento que Ele passou antes de nós. Um sofrimento que nasce da fidelidade à missão do seu “Abbá”.

40. É no processo de purificação da sua fé que ela descobre e compreende a sua vocação. Os seus anseios apostólicos de proclamar a Boa Nova da salvação transformam-se num martírio de amor pois não sabe como poderá conseguir realizar tudo o que deseja. Foi neste momento que Deus a fez compreender, à luz dos capítulos 12 e 13 da primeira Carta aos Coríntios, que a Igreja é como um corpo e que, neste corpo, o amor é o coração que põe em movimento os outros membros e que, pelo amor, ela abrange todas as vocações e abarca todos os tempos e todos os

---

<sup>27</sup> Carta 197, à Irmã Maria do Sagrado Coração - 17 de Setembro de 1896.

<sup>28</sup> VC 17.

lugares, e exclama: “encontrei finalmente a minha vocação: a minha vocação é o Amor!... Assim serei tudo..., assim o meu sonho será realizado!!!...”<sup>29</sup>

41. Nos seus *Últimos Conselhos e Recordações* aparece com ênfase o que se chamou a “paixão de Teresa de Lisieux”.<sup>30</sup> Trata-se das noites de purificação feitas de doenças, trevas, dúvidas, angústias mortais. No seu esforço de fidelidade à sua vocação contemplativa ela percorreu o caminho do Calvário: “Tinha então grandes provações interiores de todas as espécies (até me interrogar, por vezes, se haveria Céu)”.<sup>31</sup> De modo particular, a noite purificadora torna-se mais densa nos últimos meses da sua vida. Nestes meses ela bebe o cálice da dor até ao fundo. Como Jesus, ela entrega a sua vida pelo seu próximo.

42. A dimensão pascal da Vida Consagrada inclui também a cruz e o sofrimento na fidelidade ao compromisso com a missão da Igreja,<sup>32</sup> já que “a missão é essencial para cada Instituto, não só nos de vida apostólica activa, mas também de vida contemplativa. Na realidade, a missão, antes de ser caracterizada pelas obras externas, define-se pelo tornar presente o próprio Cristo no mundo, através do testemunho pessoal”.<sup>33</sup>

No cumprimento da nossa missão somos chamados, como Teresa de Lisieux, a viver a purificação da fé, que é o escudo que nos defende das tentações do mal,<sup>34</sup> abraçando a cruz como “superabundância do amor de Deus que transborda sobre este mundo, ela é o grande sinal da presença salvífica de Cristo. E isto, especialmente nas dificuldades e nas provações”,<sup>35</sup> nas situações difíceis, inclusive de perseguição e martírio.

## 2. Um Deus próximo que cria a nossa fraternidade

### *As dimensões evangélicas do amor fraterno*

43. O segundo aspecto do projecto de Jesus é o da superação do ódio e da divisão, a fim de conseguir o encontro de amor e de comunhão com todos, ao qual nos convoca. Esta exigência está intimamente ligada à descoberta do rosto paterno-materno de Deus que, em Cristo, nos transformou em irmãos e irmãs. Trata-se da segunda parte do único mandamento do amor: amar o próximo como a nós mesmos.

<sup>29</sup> *Manuscrito B 3v*°.

<sup>30</sup> Título de um livro de Guy Gaucher.

<sup>31</sup> *Manuscrito A 80v*°.

<sup>32</sup> Cf. VC 24.

<sup>33</sup> *Ibid.* 72.

<sup>34</sup> Cf. R 14 (16).

<sup>35</sup> VC 24.

44. Na experiência e doutrina de Teresa de Lisieux encontramos a convicção de que a autenticidade do nosso amor a Deus se manifesta na qualidade do nosso amor aos outros. Como em círculos concêntricos, a dimensão do amor fraterno vai-se abrindo a horizontes cada vez mais amplos, como expansão do amor a Deus. O primeiro círculo é o dos mais próximos de nós e o mais amplo é o da humanidade. A confiança e o abandono nas mãos de Deus Pai-Mãe e o sentir-se por Ele amada são, em Teresa de Lisieux, a fonte do amor fraterno e do apostolado, expressão de amor a todos, ao querer comunicar-lhes a boa nova da salvação.

#### *Amor fraterno e vida em comunidade*

45. As dimensões evangélicas do amor fraterno vivem-se nas realidades concretas da nossa existência humana: família, comunidade religiosa, comunidades cristãs, Igreja, grupos humanos, sociedade. Nelas encontramos luzes e sombras, aspectos positivos e negativos. A nossa irmã Teresa ensina-nos a viver com realismo o amor evangélico onde Deus nos colocou.

46. O Carmelo de Lisieux, na altura em que Teresa entrou, era pequeno e pobre, no dizer da sua irmã Maria. Contava com 26 religiosas. A média de idade da comunidade era de 47 anos. Humanamente era uma comunidade pobre e, espiritualmente, estava influenciada pelo rigorismo da época, pelo medo de um Deus justiceiro inculcado pelo jansenismo. Tudo isto não deixava de levantar obstáculos ao dinamismo do amor e ao equilíbrio que Santa Teresa de Jesus tinha procurado proteger com realismo humano e espiritual. Nesse ambiente de pessoas concretas com nome e apelidos, qualidades e defeitos, Teresa de Lisieux vive o amor fraterno e as suas exigências.

47. Em muitas páginas do *Manuscrito C* dirigido à Madre Maria de Gonzaga, Priora do Mosteiro, Teresa descreve como foi compreendendo e vivendo o mandamento de Jesus de amar ao próximo como Ele nos amou. Isto ajudou-a a suportar os defeitos das outras, a não estranhar as suas fraquezas, a edificar-se com os pequenos actos de virtude, a julgar todas com benignidade e compreensão. Encontramos também a descrição de alguns pequenos acontecimentos que poderiam causar dificuldades no seu exercício de amor ao próximo e ao crescimento na comunhão.<sup>36</sup> Mas,

---

<sup>36</sup> *Manuscrito C* 11vº-12vº.

através dos pequenos esforços, serviços e sacrifícios da vida fraterna em comunidade, a nossa irmã viveu sempre o mandamento do amor.

48. A dimensão de comunhão da vida consagrada assinalada também na nossa Regra, foi novamente posta em relevo pelo documento *Vita Consecrata* na sua segunda parte, que tem como título: “*Signum fraternitatis. A Vida Consagrada, sinal de comunhão na Igreja*”.<sup>37</sup>

O mistério pascal ajuda a compreender que sem renúncia, sem cruz, sem entrega generosa, abertura e perdão, não é possível viver o amor ao próximo ao jeito de Jesus. Teresa de Lisieux é para nós um estímulo e uma mestra: no meio das dificuldades, nas circunstâncias concretas das nossas comunidades, aprendemos a viver com realismo espiritual a nova comunhão e fraternidade em Cristo.

### 3. Um Deus que nos pede para anunciar a Boa Nova

#### *Dimensão missionária: amar Jesus e fazê-lo amar*

49. O compromisso da evangelização é uma expressão de amor universal. Testemunhar e anunciar aos outros a nova vida em Cristo e a sua mensagem de esperança é amá-los. Teresa, religiosa contemplativa, não deixou de viver o seu dinamismo missionário e apostólico da vocação cristã. Desde a sua vocação contemplativa no Carmelo, quis colaborar com Cristo na redenção do mundo, não só durante a sua vida, mas até ao fim do mundo.<sup>38</sup>

Nas *Cartas* aos seus irmãos missionários repete de muitas maneiras a dimensão apostólica e missionária da carmelita contemplativa. Entre outras coisas afirma: “Vós sabeis que uma carmelita que não fosse apóstola afastar-se-ia da sua vocação e deixaria de ser filha da Seráfica Santa Teresa que desejava dar mil vidas para salvar uma só alma”.<sup>39</sup> Por isso quer viver todas as vocações.<sup>40</sup> A eficácia da vocação estabeleceu-a no amor. Pede aos Santos que lhe dêem o dobro do seu amor.<sup>41</sup>

---

<sup>37</sup> Já antes, em Fevereiro de 1994, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, publicou um documento: *A vida fraterna em comunidade*, com orientações concretas e realistas para se ir crescendo como famílias reunidas em nome do Senhor.

<sup>38</sup> Cf. *Manuscrito B 3rº*.

<sup>39</sup> *Carta* 189, ao Padre Maurício Bellière - 21 de Outubro de 1896.

<sup>40</sup> Cf. *Manuscrito B 2vº*.

<sup>41</sup> Cf. *Manuscrito B 4rº*.

50 Chamados ao Carmelo, fomos consagrados para a missão. Temos “a função profética de recordar e servir o desígnio de Deus sobre os homens, tal como esse desígnio é anunciado pela Escritura e resulta também da leitura atenta dos sinais da acção providente de Deus na história. É projecto de uma humanidade salva e reconciliada”.<sup>42</sup> Com a nossa irmã Teresa devemos aprender a dar uma orientação apostólica ao nosso amor cristão, a reconhecer a força evangelizadora da oração e a necessidade de uma espiritualidade incarnada na realidade de cada dia.

A evangelização não é apenas uma simples informação. É a manifestação da nossa filiação divina que faz crescer no amor e na solidariedade. Temos de viver a experiência dos sofrimentos e angústias dos nossos irmãos e irmãs e assumi-los a partir desta perspectiva. Assim fez Teresa, ao aceitar a provação das dúvidas dos sem-fé para lhes alcançar a graça de as superar. Senta-se à mesa dos pecadores e dos que rejeitam a fé e sofre com eles o vazio e a obscuridade: “vossa filha pede-Vos perdão para os seus irmãos e aceita comer por quanto tempo quiserdes o pão da dor, e de maneira nenhuma se quer levantar desta mesa cheia de amargura, à qual comem os pobres pecadores, antes do dia que Vós destinastes”.<sup>43</sup> Este é também um modo de oferecer uma resposta de espiritualidade à busca do sagrado e à nostalgia de Deus, que sempre paira sobre o coração das pessoas.<sup>44</sup>

51. Este amor tem ainda uma dimensão social que, com as características próprias de cada vocação no Carmelo, nos compromete num serviço de promoção integral a favor da justiça e da paz no mundo, através de uma verdadeira humanização das pessoas. Para ser eficaz, o amor ao próximo deve expressar-se segundo as exigências do mundo contemporâneo. Hoje é-nos pedida uma perspectiva social do amor, porque os recursos do amor individual são cada vez mais limitados. O próximo necessitado não são indivíduos isolados, mas antes as massas oprimidas por estruturas humanas injustas e desumanizantes.

A presença do amor cristão mostra-se urgente e necessária no trabalho de mudança e transformação das estruturas. A caridade é mais forte do que as divisões e, na luta por um mundo mais justo, ajuda a vencer o ódio, que acaba por fazer do oprimido um opressor. Só o amor a Jesus e o testemunho da sua vida e da sua doutrina permitem a

---

<sup>42</sup> VC 73.

<sup>43</sup> *Manuscrito C 6rº*.

<sup>44</sup> Cf. VC 103.

verdadeira reconciliação fraterna. A doutrina do caminho da infância espiritual é uma força incrível de transformação social frente aos abusos do poder na sociedade.

### *Junto da Virgem Maria*

52. A Virgem Maria é, para nós, modelo de consagração e seguimento, que nos recorda a primazia da iniciativa de Deus e nos ensina a acolher a sua graça. Ela é “mestra de seguimento incondicional e de assíduo serviço”.<sup>45</sup> Na mais pura tradição do Carmelo, Teresa de Lisieux viveu a presença e proximidade da Mãe de Jesus. Antecipando-se ao Vaticano II, descobriu a mulher simples de Nazaré, peregrina da fé e da esperança, Mãe e Modelo. Pode-se dizer que vive muito perto dela.

53. Teresa rejeita a literatura sobre Maria que exalta a sua grandeza sem ter em conta a sua vida terrena:

«Para que um sermão sobre a SS<sup>ma</sup> Virgem me dê gosto e proveito, é necessário que eu veja a sua vida real, não a sua vida imaginada; e tenho a certeza de que a sua vida real devia ser extremamente simples. Apresentam-na inacessível; deviam mostrá-la imitável, fazer sobressair as suas virtudes, dizer que vivia da fé como nós... ela é mais mãe do que rainha”.<sup>46</sup>

A sua última poesia, dedicada a Maria, tem como título: “*Porque te amo, ó Maria!*” É um recorrer às páginas do Evangelho, onde se vai descobrindo o seu amor a Deus e ao próximo, a sua pobreza, o seu silêncio contemplativo, a sua simplicidade, a sua fé, a sua esperança, a sua disponibilidade e obediência em aceitar a vontade de Deus. O Evangelho descobre-lhe quem é Maria, e o seu coração, na experiência de cada dia em comunhão com Maria, revela-lhe a sua verdadeira personalidade.<sup>47</sup>

54. Nos ensinamentos de Teresa encontramos um caminho para aprofundar e renovar a nossa vida mariana à luz do Evangelho e da intimidade com Maria. A nossa devoção, testemunho e pregação encontrarão uma base sólida na redescoberta de Maria dentro do mistério de Cristo e da Igreja. A Virgem Maria, com a sua presença, preenche toda a história da Ordem desde as suas origens no Monte Carmelo.

<sup>45</sup> VC 45.

<sup>46</sup> *Últimos Conselhos e Recordações* 21.8.1897.

<sup>47</sup> *Poesia* 54, 15.

Ela é, sobretudo, modelo do seguimento de Jesus na fé e na contemplação. De modo especial ensina-nos – e esta foi também a vivência de Teresa de Lisieux – as atitudes do orante: discernimento e disponibilidade (Anunciação), louvor e acção de graças pelo que Deus faz na história em favor dos pobres e humildes (Magníficat), confiança (Caná da Galileia), olhar contemplativo e paciente até se fazer luz, guardando tudo no coração, sem compreender muitas coisas (encontro de Jesus no Templo), fidelidade nas provações (ao pé da Cruz), comunhão e eclesialidade (orando com os discípulos).

### *Testemunho profético perante os desafios*

55. A vida cristã e, em particular, a Vida Consagrada são chamadas a dar o testemunho profético do anúncio dos valores do Evangelho e da denúncia de tudo o que se lhes opõe. João Paulo II, destacando o carácter profético das pessoas consagradas “como uma forma especial de participação na função profética de Cristo, comunicada pelo Espírito a todo o Povo de Deus”, recordou a figura de Elias, “profeta audaz e amigo de Deus”, como modelo do autêntico profetismo. Na descrição que faz de Elias diz que vivia na presença do Senhor “e contemplava no silêncio a sua passagem, intercedia pelo povo e proclamava com coragem a sua vontade, defendia os direitos de Deus e levantava-se em defesa dos pobres contra os poderosos do mundo”.<sup>48</sup>

56. Nesta perspectiva, Teresa de Lisieux pode ser chamada profeta dos novos tempos. Foi com razão qualificada como “profeta da juventude”, como “sinal de esperança”, “profeta da santidade”, que ela propõe como vocação de todos, “profeta da actualidade da Redenção”, ao acentuar a força invisível do amor.<sup>49</sup> Ela, mulher de grandes desejos inerentes à sua caminhada pascal, tem muito que dizer a uma humanidade que procura e vive insatisfeita.

Na melhor tradição do Carmelo, Teresa de Lisieux contempla o profeta Elias como modelo de vida. Sente-se atraída pela experiência de Deus que o profeta teve na “brisa suave”,<sup>50</sup> mas também pela sua luta

---

<sup>48</sup> VC 84.

<sup>49</sup> Cf. J.M. Lustiger, *La petite Thérèse, “la plus grande sainte des temps modernes”*, Homilia em Lisieux por ocasião da festa de Santa Teresinha em 25 de Setembro de 1983.

<sup>50</sup> Cf. *Manuscrito A 36vº e 76vº*.

contra os profetas de Baal: “Depois de nos ter mostrado as ilustres origens da nossa santa Ordem, depois de nos ter comparado ao profeta Elias a lutar contra os profetas de Baal, declarou «que tempos semelhantes aos da perseguição de Acab iam recomeçar». Parecia-nos que já voávamos para o martírio”.<sup>51</sup>

57. Na fidelidade à nossa vocação carmelitana estamos chamados a viver a dimensão profética no testemunho de uma vida que ponha em relevo a primazia de Deus através duma experiência da sua presença no coração do mundo, numa abertura para descobrir a sua presença de um modo sempre novo e surpreendente como o que teve Elias na brisa suave, que depois nos leve a entregar-nos ao serviço dos irmãos e irmãs na sua libertação integral. A vida fraterna, com efeito, “é já profecia em acto, numa sociedade que, às vezes sem se dar conta, anela profundamente por uma fraternidade sem fronteiras”. Além disso, “uma íntima força persuasiva da profecia vem-lhe da coerência entre o anúncio e a vida”.<sup>52</sup>

#### *Presença viva e orientadora*

58. O carácter evangélico da experiência e doutrina de Teresa de Lisieux dá-lhe permanente actualidade. A simplicidade, a confiança e o abandono em Deus, vividos e proclamados por Teresa de Lisieux, são capazes de inspirar um compromisso pela justiça e pela paz no mundo.<sup>53</sup>

59. A influência da nossa irmã Teresa de Lisieux na Igreja e no mundo de hoje é indiscutível. Ela o intuiu antes de morrer, ao afirmar: “Sinto sobretudo que a minha missão vai começar, a missão de fazer amar a Deus como eu O amo, de dar às almas o meu pequeno caminho. Se Deus realizar os meus desejos, o meu Céu passar-se-á sobre a terra

---

<sup>51</sup> Carta 192, à Sra. Guérin - 6 de Setembro de 1896.

<sup>52</sup> VC 85.

<sup>53</sup> A este propósito há um testemunho de um sacerdote norte-americano, que foi encarcerado por ter protestado contra o facto de as tropas de El Salvador terem sido treinadas nos Estados Unidos para matar os seus irmãos e irmãs. Da cela da sua prisão escrevia em 1985: «Como alma moderna, lutando pela união com Deus, sinto que a espiritualidade de Santa Teresa (de Lisieux) é tão válida hoje como era em 1897. É uma espiritualidade para todos os tempos e para todas as idades. Eu pergunto-me que transformação haveria no meu próprio coração e no coração do mundo, se a simplicidade, a confiança e o abandono em Deus fossem tomados a sério. Quanto mais esta alma “moderna” (refere-se a si mesmo) vê claramente a realidade do mundo moderno, onde vive, tanto mais convincente lhe aparece a forma como Santa Teresa busca a união com Deus, a justiça e a paz no mundo» (Roy Bourgeoise [sacerdote de Maryknoll] em *Letter from a Federal Cell* 1985. Citado por Cackerman-J. Haley em *Reinterpreting Thérèse of Lisieux today* - Cf. «Spiritual Life», v. 35, n. 2 [Summer 1989], p. 96).



até ao fim do mundo. Sim, quero passar o meu Céu a fazer o bem sobre a terra”.<sup>54</sup>

## Conclusão

*Renovar, com Teresa, a nossa vida contemplativa e apostólica*

60. O Centenário da morte de Teresa de Lisieux, nossa irmã, é um convite de Deus para nos renovarmos à luz da sua experiência e da sua doutrina. Como disse João Paulo II aos consagrados e consagradas, não temos apenas “uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir”.<sup>55</sup> Temos que lançar os olhos para o futuro, “para o qual nos projecta o Espírito a fim de realizar connosco ainda grandes coisas”.

Teresa, nossa irmã, indica-nos o caminho de volta ao Evangelho como a única maneira de tornar realidade a fidelidade criativa ao nosso carisma.

61. Ela ensina-nos a centralidade do amor que simplifica e comunica a verdadeira liberdade e libertação, condutoras da maturidade da identidade cristã, religiosa e carmelita. Num mundo de angústias e temores, ela orienta-nos para a confiança e o abandono no Senhor que vencem todos os medos. Diante dos nossos idealismos desincarnados, ela oferece-nos um realismo espiritual e evangélico para sermos profetas de um Deus presente, próximo e libertador.

A sua mensagem é um desafio para a espiritualidade de hoje na Igreja, como o perceberam não só as pessoas consagradas à contemplação, mas também aqueles que trabalham no campo de uma evangelização comprometida com a promoção humana, o desenvolvimento e a libertação.<sup>56</sup> A infância espiritual é um conceito evangélico que implica a consciência do dom que recebemos de ser filhos e filhas de Deus e a resposta que nos orienta para a fraternidade.

---

<sup>54</sup> *Últimos Conselhos e Recordações* 17.7.1897. Cf. *Catecismo da Igreja Católica* n. 956.

<sup>55</sup> VC 110.

<sup>56</sup> Cf. EN 31.

62. Irmãos e irmãs no Carmelo, demos graças ao Senhor pelo dom da nossa irmã, Teresa de Lisieux, à Igreja, ao mundo e ao Carmelo. Experimentemos a sua presença e proximidade na celebração do Centenário da sua morte e continuemos, pela nossa vida de oração, fraternidade e compromisso apostólico, a testemunhar o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo com a força do seu Espírito.

Roma, 16 de Julho de 1996

Solenidade de Santa Maria do Monte Carmelo

Fr. José Chalmers

O.Carm.

Fr. Camilo Maccise

O.C.D.



